5 ANOS SEM KURT COBAIN: O ROCK ESTÁ VIVO!

SHOWBIZZ

Para quem gosta de música

R$ 5,00

Choque de guitarras

Tony Iommi, do Black Sabbath, encara Dimebag Darrell, do Pantera

"Ah, eu sou gaúcho!"

O maior festival do Brasil faz o Sul ferver

Roger, do Ultraje A Rigor: pronto para estourar de novo

5561/1
EDIÇÃO 164
ANO 15 Nº 3
Março 1999

TITÃS BICAMPEÕES!

Prêmio BIZZ

Aerosmith • U2 • Alanis • D2 • Nativus
Black Sabbath • Jimmy Page • Jota Quest

Os eleitos dos leitores e os favoritos da crítica nacional e internacional

IRON MAIDEN: tudo sobre a volta de Bruce Dickinson

ISSN 0104-1649
00164
9 770104 164007
Abril

A MTV 99 vai te pegar.

Mais diversão, mais música, mais sexy,

mais informação, mais surpreendente, mais ao vivo, mais interatividade, mais Brasil. **MTV Brasil. Na sua língua.**

www.mtv.com.br

2

Ouça Rock
com quem sabe de
Rock.

BRASIL
2000
FM 107,3

WWW.brasil2000.com.br

Editorial&Sumário

Aerosmith: favorito dos leitores novamente

Sony Music / Foto Gaia, Pia Monteiro

Você votou e eles venceram novamente. Titãs e Aerosmith continuam em primeiro lugar na preferência de nossos leitores. A banda brasileira abriu uma enorme vantagem no ranking do prêmio BIZZ: é a quinta vez que ganha na principal categoria da votação (melhor grupo nacional). Em segundo lugar vem a Legião Urbana, campeã três vezes. Para saber mais detalhes e surpresas da eleição e ver a cara de boa parte dos críticos de música do Brasil, pule direto para a página 22.

A edição saiu suculenta. O repórter Danilo Monteiro fez uma visita a Roger, do Ultraje A Rigor, um dos grandes talentos do nosso rock, injustamente afastado do mercado fonográfico, e trouxe a notícia: a verve do homem continua a mesma.

Pensando em você, fã de guitarras e guitarristas, Daniel Oliveira, nosso homem em Los Angeles, armou um encontro especial entre dois feras do instrumento, Tony Iommi, do Black Sabbath, e Dimebag Darrell, do Pantera. Claro, não podíamos deixar de explicar direitinho a volta de Bruce Dickinson e Adrian Smith ao Iron Maiden, a bomba do ano para os fãs do bom rock pesado. E eu aqui me esforcei para preparar um artigo honesto sobre o rock que rola hoje, cinco anos depois do suicídio do grande Kurt Cobain. Sem necrofilia nem depressão, a conclusão é feliz.

Aquele abraço,

Pedro Só

22 Prêmio BIZZ 1998
O bi de Titãs e Aerosmith, a consagração de Nativus e Jota Quest e os favoritos da crítica

34 O novo Iron Maiden
Saiba como Bruce Dickinson e Adrian Smith voltaram ao gigante do heavy metal inglês

38 Planeta Atlântida
O maior festival pop do Brasil, lá no Sul, tchê

42 Cinco anos depois de Kurt
Artigo: o rock sobreviveu e está cheio de futuro

46 Ultraje A Rigor
O líder Roger está doido para voltar ao sucesso

50 Encontro de guitarras
Tony Iommi, do Black Sabbath, versus Dimebag Darrell, do Pantera

sempre em showbizz

10 CARTAS
O amor pelos Titãs; os fãs de Thom Yorke

12 SHOWBIZZ RESPONDE
A discografia do Cult; a história do Who

14 INFORME BIZZ
Grammy, Alanis, Inocentes, Bad Religion

54 DEMOCRACIA
Afro-Reggae e Los Hermanos

56 MINHA COLEÇÃO
Ed Motta

59 DISCOS
Kula Shaker, Silverchair, Gilberto Gil

70 AO VIVO
Festival Rec Beat, Reginaldo Rossi, Kid Abelha

76 ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

78 LETRA TRADUZIDA
"Stone Cold Crazy", do Queen

79 INSTRUMENTOS MUSICAIS
A marimba de Guga Stroeter

80 EQUIPAMENTOS DE SOM
Walkmen para todos os estilos e preços

82 DISCOTECA BÁSICA
At Folsom Prison And San Quentin, de Johnny Cash

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Golden Smog – *Weird Tales*	The Offspring – *Americana*	Os Incríveis – *Série Aplauso*	Cake - *Prolonging The Magic*
Considerado um dos melhores discos de rock de 1998, não saiu aqui. Projeto paralelo de integrantes do Wilco, Soul Asylum e Jayhawks.	O punk rock melódico de Dexter Holland e seus asseclas tem tudo para conquistar o mundo. Se depender do pessoal aqui...	Coletânea dos rapazes que, como nós, amaram os Beatles e os Rolling Stones. Destaque para as bossas novas versão hully gully.	A banda que apareceu com uma versão distorcida de "I Will Survive" mantém o rock rolando redondo e o excelente humor ácido.

L'ORÉAL PARIS

Instantaneamente, purifica seu nariz com muita suavidade.

NOVO

STRIP PURETÉ

Limpa os poros do nariz, retira os cravos.

Limpa em profundidade os poros do nariz.

Strip Pureté de L'Oréal Plénitude é mesmo uma revolução. Simples de usar, ele higieniza e elimina imediatamente os cravos e outras impurezas. Tudo muito prático e eficaz.

Resultado visível para sua pele... e para a dele também.

Strip Pureté contém agentes especiais de limpeza. Após 10 minutos, os cravos saem colados à fita, deixando vocês dois ainda mais bonitos. Sem cravos. Sem marcas.

PLÉNITUDE

☎ Perguntas e comentários? Ligue grátis: 0800-216992

L'ORÉAL PARIS

Porque eu mereço.

"Eu Gosto de Reunir A Galera Para Falar das Nossas Aventuras"

Erick Eduardo do Nascimento, estudante, leitor da SUPER

A curiosidade do Erick Eduardo do Nascimento não tem limites. Ele e seus amigos Einstein e Darwin não aceitam simplesmente as coisas sem nenhuma explicação. Querem sempre saber o porquê, como, quem foi que fez. E, com isso, acabam se metendo em grandes aventuras. Movido pela curiosidade, o velho Albert chegou à conclusão de que tudo é relativo. Pelo mesmo motivo, Darwin começou a estudar a complicada evolução das espécies.

É graças a essa curiosidade que o Erick vive aprendendo cada vez mais coisas. As

últimas descobertas da ciência, as mais incríveis invenções da tecnologia, as notícias das mais recentes conquistas do conhecimento.

O Erick encontra resposta para as suas dúvidas todos os meses nas páginas da SUPERINTERESSANTE.

A SUPER faz parte da vida do Erick. Só com a SUPER ele consegue as informações que quer numa linguagem que é ao mesmo tempo inteligente, simples e fácil de entender. Na SUPER as pessoas encontram tudo que gostariam de aprender, sem ter que ouvir discurso de professor.

A SUPERINTERESSANTE faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem pode ficar ofendido se algum dia for chamado de Homo sapiens.

Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,8 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5,4 milhões de fitas de vídeo, 13 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril
Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · MTV
DIGISAT · SET · VIP · CAPRICHO · listel · SHOWBIZZ · ELLE · Abril Vídeo · GUIA DE LISTAS
HBO BRASIL · GAMES · ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO · MusiClub · contigo! · ESCOLA · SUPER INTERESSANTE · BrasilBrasil · HORÓSCOPO · A&D · Terra · EURO CHANNEL
CARAS · Viagem · BOA FORMA · CASA · caricia · CMT · Saúde! · ALMANAQUE ABRIL · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA · PLACAR

Cartas

Os Titãs no começo dos anos 80, época em que emocionavam a leitora Adriana Ferreira

Bob Wolfenson

Amor pelos Titãs

Era uma vez uma pivete de 9 anos, cheirando a leite, que tinha um primo de 20 que adorava tocar violão, principalmente rock. Todo dia tava lá a pivete mexendo nas revistas de música, até que um dia, depois de tanta insistência, ele disse: "Está certo, vamos cantar algumas coisas". Ele começou a fazer os acordes da canção que mudaria de vez aquela personalidade que estava sendo lapidada. A música chamava-se "Marvin", e era de uns caras que tinham o nome igual ao daqueles heróis da revista em quadrinhos, os Titãs. Hoje a pivete cresceu um pouco, mas o encanto pelo rock e por essa canção continua com a mesma intensidade, ouvi-la ao vivo com o Nando Reis é uma sensação inexplicável. Quanto ao meu primo, fui visitá-lo nas férias, e ele comprou um violão melhor, mas ainda encho sua paciência, pedindo "Pô, toca aquela música...'Marvin'."

Adriana Ferreira – São Paulo, SP

O amado Thom Yorke

Bastante oportuna a matéria de capa da SHOWBIZZ de fevereiro. Thom Yorke já merecia maior destaque no cenário musical brasileiro, haja vista a impressionante evolução musical de sua banda: o terceiro disco do grupo, *OK Computer*, já era considerado o melhor do ano pela maioria das publicações especializadas de todo o planeta.

Thom Yorke já provou, com o excelente *OK Computer*, que não veio para ocupar o lugar de Kurt Cobain, e sim para ocupar um lugar que é dele e que não estará, em momento algum, à espera de herdeiros.

Rodrigo Azeredo – Belo Horizonte, MG

Meus parabéns à SHOWBIZZ pela excelente edição de fevereiro, com Thom Yorke, do Radiohead, na capa. Há alguns anos liderando o cenário mundial como melhor banda de rock, o grupo nunca havia sido devidamente reconhecido pela revista, exceto na resenha de *OK Computer*, assinada pelo Zeca Camargo à época do lançamento do disco. Foi uma bela redenção. Chega de Aerosmith e Alanis. Que tal Garbage e Beck nas próximas?

Diogo de Freitas – Rio de Janeiro, RJ

Thom Yorke é um nome gravado no meu coração! Ele preencheu um pouco o vazio de minha alma deixado por Kurt Cobain e me faz sonhar quando ouço "Fake Plastic Trees". Obrigado pela reportagem de capa de fevereiro, vocês me convenceram de que eu não estou louca! Kurt Cobain não morreu, porque os gênios não morrem. Ele só deixou de ser matéria para se transformar em energia, que não move máquinas, mas faz bater o coração.

Flávia Bispo – Santos, SP

Em primeiro lugar gostaria de manifestar minha satisfação em ver o Thom Yorke e o Radiohead como matéria principal da revista, vocês estavam realmente devendo... acabei me vingando de alguns coleguinhas a quem emprestei o CD *Pablo Honey* em 1996, e que disseram, como se fossem críticos de arte, que o Radiohead era baixo-astral e nada a ver. Fiquei chateada, achando que eu só gostava de coisas esquisitas, mas agora é a hora da verdade: o Radiohead é o melhor banda dos anos 90, junto com o Nirvana, é lógico!

Regina de Andrade – São Paulo, SP

Vocês não sabem o quanto fiquei surpresa ao ver o Thom Yorke na capa da última SHOWBIZZ. Gostaria de agradecer a vocês por mostrar a genialidade de Yorke e a melancolia do Radiohead, que denunciam a palhaçada que se tornou a humanidade, com caras e corações de plástico.

Michelle Reis Costa – São Paulo, SP

Esta última edição estava no mínimo orgásmica, começando pela capa, com Thom Yorke. Quantos não estavam perdendo a oportunidade de ouvir o que vai se tornar clássico daqui a alguns tempos? Vocês foram os primeiros a trazer mais informação sobre esse grupo notório que não recebe um pingo da atenção e respeito que são obrigatórios a um poeta do calibre de Thom Yorke.

Larissa Terence – São Paulo, SP

Princess Superstar

A revista voltou à sua velha forma das melhores edições, quanto à abrangência dos assuntos, ao formato, até nos toques sobre bandas – como Princess Superstar, que tive o privilégio de ouvir mês passado e pensava que nunca seria descoberta no Brasil. Continuem nesse ritmo!

Alexandre Seixas – Rio de Janeiro, RJ

Processo artesanal

Wendell Guiducci – Juiz de Fora, MG

Viva Sabbath

Gostaria de dizer que o livrinho sobre o Black Sabbath *(suplemento da edição 163)* ficou simplesmente demais! Na minha modesta opinião, o Sabbath (juntamente com os Beatles e os Mutantes) é uma das três melhores coisas que já passaram por nosso planeta. Gostaria também de dizer que a revista está cada vez melhor. Só acho que às vezes vocês não fazem de um modo claro as resenhas de certos CDs. Dou, como exemplo, a caixa Tracks, do Bruce Springsteen. Não que o Celso Masson não tenha feito um excelente texto, muito pelo contrário. Só acho que ele se prendeu muito em falar do cantor e se esqueceu de comentar o que a caixa contém.

Darcio Bortoloso Jr. – Avaré, SP

Caim e Abel do metal

A matéria *Soulfly x Sepultura (edição de fevereiro)* me deixou feliz em saber que tanto Max quanto Igor, e respectivas companhias, continuam dominando o mundo, independentemente de dizer quem está melhor. Mas costumo dizer uma coisa: "Sepultura sem Max Cavalera não é Sepultura, mas Max Cavalera sem Sepultura continua sendo Max Cavalera".

Ricardo Fernandes – São Paulo, SP

Roqueiro descontente

Há onze anos, eu tinha 15 de idade e o disco que eu mais ouvia era *Vivendo E Não Aprendendo*, do Ira!. Em fevereiro daquele ano, a BIZZ promoveu um debate sobre o futuro do Rock Brasil que, diga-se de passagem, não chegou a lugar nenhum. Charles Gavin, Carlos Maltz, Renato Russo, João Gordo, Paulo Ricardo (que só falou besteira), Herbert Vianna e outros. Onze anos passam rápido. Quem se lembra do Último Número, que teve um disco superelogiado pela BIZZ em 1987? E de Cabine C, Picassos Falsos, Vzyadoq Moe? Acabou a festa e ninguém me avisou. Como naquele debate, o Rock Brasil foi do nada para lugar nenhum. Ninguém inova, e isso é triste. Tinha o Chico Science. Os Titãs hoje parecem sete Robertos Carlos. O Ira! meteu na cabeça que o Who são eles. Quanto aos atuais, parece que os Raimundos levaram uma panelada nas idéias? E o Charlie Brown Jr.? Sem comentários. Tomaso di Lampedusa é que estava certo: "É preciso mudar alguma coisa para que tudo fique como está".

Alexandre Mourão – Manaus, AM

Roqueira saudosa

Vi a edição de dezembro e me bateu uma saudade quando vi a carta de Leônidas Viegas, reclamando de Carlinhos Brown e Marisa Monte na capa de novembro. Eu era igual ao Leônidas, uma roqueira que não aceitava pagode, que xingava seus amigos que curtiam MPB. Hoje sinto saudades desse país em que tudo é alegria. No Japão você sai à noite e há grupos de estudantes tocando e esperando alguém chamá-los para gravar, mas você sente que os caras não tocam com entusiasmo, mas para se exibir e ser mais um entre tantos japoneses metidos que há por aqui, onde ninguém é amigo de ninguém. No Brasil, você vai a um show e já faz amigos.

Fernanda Aichi – Obu Hiragiyama, Japão

Correções

- A foto identificada como sendo de Frank Zappa, na página 61 da edição de fevereiro, na verdade é de Alice Cooper.
- Quem está na foto da página 58 da mesma edição é Graham Coxon, guitarrista do Blur, e não o vocalista Damon Albarn.
- O jogador Amaral atua pelo Corinthians, e não pelo Palmeiras, como está escrito à página 27 da mesma edição.

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail: showbizz.atleitor@email.abril.com.br
Correio: Caixa Postal 66157 - CEP 05315-970 São Paulo, SP
Fax: (011) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço

E-mail: abrilsac@email.abril.com.br
Tel.: (011) 3990-2112 *(Grande São Paulo)*
0800-55-2112 *(Outras Cidades)*
Fax: (011) 3990-2100
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)

NÚMEROS ATRASADOS
Seis últimas edições de SHOWBIZZ

E-mail: dinap.na@email.abril.com.br
Tel.: (011) 810-4800 / **Fax:** (011) 868-2400

PUBLICIDADE
Tel.: (011) 3037-6860 / **Fax:** (011) 3037-4909

EDITORA Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente e Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Manuel Craig
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor Editorial Adjunto: Matinas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Nicolino Spina

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran
Redator Chefe: Pedro Sá
Editor: Bernardo Araujo
Repórter: Leticia Calmon
Editor de Arte: Rodolpho Vasconcellos
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboraram nesta edição: **(Texto)** André Barcinski, André Gordirro, Celso Pucci, Daniel Benevides, Daniel Oliveira, Danilo Monteiro, Fábio Rodrigues, Giovanna Hallack, Hagamenon Brito, Jaime Biaggio, Marcelo Ferla, Pedro Alexandre Sanches, Pedro Serra, Ricardo Alexandre, Sérgio Martins, Silvio Essinger, Tárik de Souza, Toninho Spessoto **(Arte)** Graziella Iacocca **(Fotos)** Alessandra Levtchenko, Alex Silveira, Alex Solca, Ana Paula Oliveira, Daniela Dacorso, Fernando Lemos, Ivone Peres, Geyson Magno, Jorge Rosenberg, Marcelo Ximenez, Márcio Scavone, Ricardo Fasanello, Robin Gibson, Rui Mendes **(Ilustração)** Douglas Braga, Felix Reiners, Matangra, Montalvo **(Revisão)** Jorge Coutin

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo
Abril Press: José Carlos Augusto
Nova York: Grace de Souza
Paris: Pedro de Souza

Publicidade
Executivos de Contas: Márcia Regina Braga

Marketing
Gerente de Produto e Promoção: André Felipe D'Amato

Assinaturas
Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Lídia Colavitti
Diretor de Vendas: William Pereira

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritórios Regionais: Jacques Ricardo
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

Abril

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
email: showbizz.atleitor@email.abril.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

O grupo Man or Astro-Man?, uma das melhores visitas de 1998

Marco Sinis

O novo cranberries

Gostaria de saber quando vai sair o novo single dos cranberries, *Promises*.
Jordan Oliveira – Goianisia, GO

Promises sai em 22 de março nos Estados Unidos, mas não aqui. O novo álbum, *Bury The Hatchet*, tem 20 de abril como data de lançamento mundial.

Fã do Fanclub

Qual a discografia do grupo escocês Teenage Fanclub?
Juliana Neves – São Paulo, SP

A Catholic Education (1990), *The King* (1991), *Bandwagonesque* (1992), *Thirteen* (1993), *Deep Fried Fanclub* (coletânea de singles do começo da carreira, 1995), *Grand Prix* (1995), *Songs For Northern Britain* (1997).

Ela quer diversão

Por favor, eu imploro a discografia completa da cantora Cyndi Lauper.
Antonio Macedo – Canitar, SP

Blue Angel (1980), *She's So Unusual* (1984), *True Colors* (1986), *A Night To Remember* (1989), *The Best Remixes* (1989), *Hat Full Of Stars* (1993), *Twelve Deadly Cyns...And Then Some* (1994), *Sisters Of Avalon* (1996), *Largo* (1998), *Merry Christmas... Have A Nice Life* (1998), *Wanna Have Fun* (1998).

Astronauta e punk

Gostaria que vocês publicassem a discografia das bandas The Clash e Man Or Astro-Man?
Sérgio Correa – São Paulo, SP

Man Or Astro-Man?: *Is It... Man Or Astro-Man?* (1993), *Destroy All Astromen* (1994), *Your Weight On The Moon* (1994), *Live Transmissions From Uranus!* (1994), *Project Infinity* (1995), *Intravenous Television Continuum* (1995), *What Remains Inside A Black Hole* (1996), *Experiment Zero* (1996), *Made From Technetium* (1997), *1000 X* (1997).

The Clash: *The Clash* (1977), *Give'em Enough Rope* (1978), *The Clash* (1979), *London Calling* (1979), *Sandinista!* (1980), *Combat Rock* (1982), *Cut The Crap* (1985), *The Story Of The Clash, Vol. 1* (1988), *Crucial Music: The Clash* (1989), *Crucial Music: 1977 Revisited* (1990), *Clash On Brodway* (1991), *The Singles Collection* (1991), *Super Black Market Clash* (1994).

Piloto preso

É verdade que o Talk Show acabou e o Stone Temple Pilots voltou?
Leticia Suzuki – Maringá, PR

Sim, o Talk Show, que tinha os integrantes do Stone Temple Pilots menos o cantor Scott Weiland, encerrou suas atividades, já que o STP decidiu retomar a carreira (com Weiland). No entanto, em janeiro deste ano, enquanto trabalhava no novo álbum da banda, o vocalista foi preso pela quarta vez, por violar sua condicional (tinha sido condenado por posse de cocaína e heroína), e agora pode ficar um ano atrás das grades.

Saudade de Astbury

Qual a discografia completa da banda inglesa The Cult?
Giovane Jackson – Pelotas, RS

Os discos lançados pelo grupo são: *Dreamtime* (1984), *Love* (1985), *Electric* (1987), *Sonic Temple* (1989); *Ceremony* (1991), *Pure Cult* (coletânea, 1996), *The Cult* (1994) e *High Octane Cult* (1996).

Show púrpuro

Quais os CDs ao vivo do Deep Purple?
Josiel Ferreira – Rio de Janeiro, RJ

O Purple gravou ao vivo *Made In Japan* (1973), *Made In Europe* (1976), *Powerhouse* (1978), *In Concert* (1980), *Deep Purple Live In London* (1982), *Nobody's Perfect* (1988), *Scandinavian Night* (1988), *Knebworth 85* (1991), *Live In Japan* (1993), *Come Hell Or High Water* (1994), *California Jamming* (1996), *Live At The Paris Olympia* (1997).

R.E.M. no passado

Quero saber a discografia da banda americana R.E.M. e de que álbum é a música "Man On The Moon"?
Ludimilla Carvalho – Recife, PE

Chronic Town (1982), *Murmur* (1983), *Reckoning* (1984), *Fables Of The Reconstruction* (1985), *Lifes Rich Pageant* (1986), *Document* (1987), *Dead Letter Office* (1987), *Eponymous* (1988), *Green* (1988), *Out Of Time* (1991), *The Best Of R.E.M.* (1991), *Automatic For The People* (1992), *Monster* (1994), *R.E.M. Singles Collected* (1994), *New Adventures In Hi-Fi* (1996), *R.E.M. In The Attic* (1997), *Up* (1998). A canção "Man On The Moon" faz parte do disco *Automatic For The People*.

Flauta pesada

Peço a discografia do Jethro Tull. A banda ainda existe?
Rafael Pitágoras – Uruguaiana, RS

This Was (1968), *Stand Up* (1969), *Benefit* (1970), *Aqualung* (1971), *Thick As A Brick* (1972), *Living In The Past* (1972), *A Passion Play* (1973), *War Child* (1974), *Minstrel In The Gallery* (1975), *Too Old To Rock'n'Roll, Too Young To Die* (1976), *M.U.: The Best Of Jethro Tull* (1976), *Songs For The Wood* (1977), *Repeat: Best Of, Vol. 2* (1977), *Bursting Out – Jethro Tull Live* (1978), *Heavy Horses* (1978), *Stormwatch* (1979), *A* (1980), *The Broadsword & The Beast* (1982), *Under Wraps* (1984), *Crest Of A Knave* (1987), *20 Years Of Jethro Tull* (1988), *Rock Island* (1989), *Catfish Rising* (1991), *A Little Light Music* (1992), *25th Anniversary Box Set* (1993), *Nightcap* (1995), *Roots To Branches* (1995). O Jethro ainda está em atividade, preparando um novo disco, embora sem gravadora atualmente. Ainda assim, o grupo espera lançar o álbum no segundo semestre deste ano. Em 1998, excursionaram pelos EUA, Suíça e Lichtenstein. Para este ano, está planejada uma turnê apenas pela Europa. Da formação que participou de *Thick As A Brick*, continuam apenas Anderson e o guitarrista Martin Barre.

Ficha: THE WHO

The Who em um de seus shows incendiários

A pedido de **Camila Silva**, Presidente Prudente SP

Importância
Formado por Pete Townshend (guitarra), John Entwistle (baixo), Keith Moon (bateria) e Roger Daltrey (voz), o grupo The Who alimentou-se das raízes negras do rock e do rhythm & blues, dando-lhes nova forma e linguagem. Suas performances de palco anárquicas e agressivas foram marcantes e antecipam o punk em alguns aspectos: não raro acabavam com ferimentos para seus integrantes, com guitarras e kits de bateria destruídos. O Who também ampliou as possibilidades musicais do rock ao se aventurar pelo formato ópera em *Tommy* e *Quadrophenia*.

Biografia
• Com repertório inicialmente baseado em covers de James Brown e rhythm & blues, a banda The High Numbers começa a chamar a atenção quando seu guitarrista, Pete Townshend, acidentalmente destrói seu instrumento ao batê-lo no teto baixo do lugar onde se apresentavam.
• No mesmo ano, o álbum de estréia, *My Generation*, chega ao quinto lugar nas paradas do Reino Unido. Como Beatles e Rolling Stones, The Who faz o rock inglês ultrapassar fronteiras e conquistar os jovens de todo o mundo.
• As experiências de Townshend com o mestre indiano Meher Baba resultam, musicalmente, na ópera-rock *Tommy* (1968). A obra conta a história de um garoto cego, surdo e mudo que se torna campeão de fliperama.
• Keith Moon, conhecido por seus excessos, morre em 1978, por overdose de sedativos.
• O grupo oficialmente se separa em 1982, após uma turnê americana, reunindo-se eventualmente para concertos como o Live Aid.

Discografia
The Who Sings My Generation (1965), *Quick One* (Happy Jack) (1966), *The Who Sell Out* (1967), *Magic Bus* (1968), *Tommy* (1969), *Live At Leeds* (1970), *Who's Next* (1971), *Meaty Beaty, Big And Bouncy* (coletânea, 1971), *Quadrophenia* (1973), *Odds & Sods* (1974), *The Who By Numbers* (1975), *Who Are You* (1978), *The Kids Are Alright* (trilha sonora, 1979), *Face Dances* (1981), *It's Hard* (1982), *Who's Missing* (lados Bs, 1985), *Two's Missing* (mais lados Bs e raridades, 1987), *Who's Better, Who's Best* (coletânea, 1988), *Join Together* (1990), *The Who: Thirty Years Of Maximum R&B* (caixa com quatro CDs, 1994), *My Generation: The Very Best Of The Who* (coletânea, 1996).

InformeBizz

Programmy de índio

Gil ganha prêmio em noite de tédio e muita breguice

Gil fez bonito ganhando seu Grammy e o Aerosmith faturou com "Pink" na categoria canção rock

★ **Álbum de world music:** *Quanta Live* (a versão americana de *Quanta Gente Veio Ver*)
★ **Álbum do ano:** *The Miseducation Of Lauryn Hill*
★ **Revelação:** Lauryn Hill
★ **Vocal pop masculino:** Eric Clapton, por "My Father's Eyes"
★ **Vocal pop feminino:** Alanis Morissette, por "Uninvited"
★ **Álbum Pop:** Ray Of Light (Madonna)
★ **Videoclipe:** "Ray Of Light"
★ **Melhor gravação dance:** "Ray Of Light"
★ **Álbum de Rock:** *The Globe Sessions* (Sheryl Crow)
★ **Música hard rock:** Jimmy Page e Robert Plant, por "Most High", faixa de *Walking Into Clarksdale*
★ **Canção rock (duos ou grupos com vocal):** Aerosmith, por "Pink", faixa de *Nine Lives*
★ **Canção heavy metal:** Metallica, por "Better Than You", faixa de *ReLoad*
★ **Disco de música alternativa:** Beastie Boys, por *Hello Nasty*
★ **Rap (duos ou grupos):** Beastie Boys, com a música "Intergalactic"
★ **Rap (artistas solo):** Will Smith, com "Gettin' Jiggy With It"

A cerimônia de entrega do **Grammy**, dia 24 de fevereiro, teve piadas sem graça da mestre-de-cerimônias Rosie O'Donnel, Celine Dion em dueto com o tenor Andrea Bocelli, Lauryn Hill lendo salmos para agradecer um de seus cinco prêmios e a consagração do ex-Menudo Ricky Martin, ovacionado após cantar em playback o infeliz tema da Copa 98. Até Madonna, que faturou quatro prêmios, arrastou asa para o rapaz.

Menos mal que sobrou para o nosso quintal: Gilberto Gil, que assistiu à cerimônia em casa, em Salvador, teve seu *Quanta Gente Veio Ver* eleito melhor álbum de world music. O prêmio é mais uma mostra do quanto a MPB está *in* nos Estados Unidos – *Livro*, de Caetano Veloso, e *Com Defeito De Fabricação*, de Tom Zé, entraram na lista de melhores do ano do *New York Times* e de várias outras publicações.

A noitada teve lá seus momentos. A atriz Jennifer Lopez apareceu num microvestido dourado para apresentar seu badalado bumbum e o prêmio de álbum pop, entregue a Madonna (em *look* gueixa, de quimono vermelho) por *Ray Of Light*. A musa country-pop Shania Twain cantou "I Feel Like A Woman" com botas imensas e o prêmio "Que Diabos Estou Fazendo Aqui" poderia ser entregue a Shirley Manson, do Garbage. Ao lado de Billy Corgan, dos Smashing Pumpkins, ela olhava para a frente como um robô e respondeu com um rápido "*thank you*" quando o careca – de olho em seu decote – mandou um "hmmm, fui com a sua cara".

Jorge Rosenberg

Alanis vê qualidades no sexo feminino

De mulheres e bolachas

Alanis Morrissette continua mostrando que não tem medo da verdade: desta vez foi em entrevista à revista inglesa *Q*. "Sim, já senti atração por mulheres. De vez em quando acontece. E não quero mais falar desse assunto", disse a cantora, que acha engraçado o fato de Thom Yorke, do Radiohead, chamá-la de Alan Morris (nome masculino), porque ela eventualmente também dá a si mesma esse nome. Alanis mostrou mais bom humor ainda ao comentar o tamanho avantajado de sua boca. "Eu fazia uma competição com amigos em que, para ganhar, a pessoa precisava enfiar o maior número possível de bolachas na boca. Eu metia na boca mais da metade do pacote, mas não conseguia ganhar porque começava a rir e cuspia tudo fora."

Com dólar e tudo

Apesar de todo o catastrofismo decorrente da crise econômica e da alta do dólar, parece que não foi desta vez que o Brasil saiu do circuito internacional de shows – pelos menos no que diz respeito ao rock pesado. Confira abaixo a agenda de atrações já confirmadas (Bruce Dickinson vem solo, apesar da volta ao Iron Maiden). Marilyn Manson e Rob Zombie também estão cotados para vir, ainda no primeiro semestre.

Deep Purple
19, 20 e 21 de março - São Paulo
24 de março - Curitiba
26 de março - Rio de Janeiro
27 de março - Belo Horizonte
Kiss
17 de abril - São Paulo
Bruce Dickinson
18 de abril - Porto Alegre
20 de abril - São Paulo
21 de abril - Curitiba
Metallica
8 de maio - Rio de Janeiro
9 de maio - São Paulo

Os vovôs do rock do Deep Purple vão agitar mais uma vez o Brasil

Divulgação

Inocentes: punks trintões

Punk a toda a prova

O quarteto paulista **Inocentes** está de gravadora e disco novos. E com novidade: "Fechem Os Olhos Dos Jornais", uma das faixas de *Embalado A Vácuo* (Abril Music), é... música eletrônica! "Começamos a brincar com sampler e deu nisso!", explica o cantor e guitarrista Clemente. Não, os Inocentes não estão embarcando em nenhum trem da alegria eletrônico. "Foi só uma brincadeira", esclarece o vocalista, que compôs várias faixas pautado pelo noticiário. " 'Fechem Os Olhos Dos Jornais' foi tirada de um poema *(homônimo)* do Maiakóvski *(poeta russo, 1893 – 1930)* sobre a Segunda Guerra Mundial", acrescenta.

Os Inocentes podem se orgulhar de ter sobrevivido a duas décadas na música brasileira. "A gente vê o vídeo do 'Começo do Fim do Mundo' *(festival punk de 1982)* e olha tantos finados, neguinho que procurou saída *(nas drogas)* e entrou bem", suspira Clemente, mais vivo do que nunca.

Ziriguidum na glote

Samba punk engarrafado na Escócia?! Olha o Bloco Vomit aí, gente!

Samba de escocês aparentemente não desce bem. Mas não foi por autocrítica que um bando de dez homens e mulheres de Edimburgo resolveu batizar seu cordão com o nome de Bloco Vomit. A conexão veio por causa do punk. "Samba e punk vêm dos insatisfeitos e excluídos, têm energia e protesto", compara o mentor do bloco, que usa o pseudônimo de Carlos, o Chacal (homenagem ao terrorista).

Os músicos do Bloco foram recrutados em 1995 na Escola de Samba de Edimburgo (sim, existem mais de cinqüenta agremiações do gênero no Reino Unido). Além do samba, eles botam maracatu, afoxé e samba-reggae na roda do pogo, com guitarras, trompete e vocais punk. O resultado é curioso e, às vezes, brilhante.

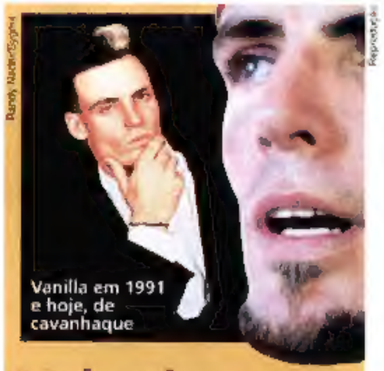
O primeiro CD da turma, *Never Mind The Bossa Nova Here's Bloco Vomit*, traz doze hits do punk britânico devidamente abrasileirados. As clássicas "Pretty Vacant" (dos Sex Pistols) e "Should I Stay Or Should I Go" (do Clash) ganham um suingue inimaginável e fôlego para vinte anos na avenida. O disco é dedicado a Chico Science. "Estávamos em Olinda no Carnaval de 1997 quando, no meio da noite, avisaram que ele tinha morrido e tudo parou. Entendemos a razão quando ouvimos sua mistura maravilhosa de maracatu com rap e grunge", conta Carlos.

O Bloco Vomit ferve ao vivo – no palco, os homens se vestem de mulher e as mulheres, de homem. "Ou o público poga e samba morrendo de rir ou sai correndo, tampando os ouvidos."

Quem quiser ir atrás dessas golfadas de suingue, é só fazercontato: (X Creature Productions, PO Box 23109, Edinburgh EH8 4ZN ou http://pobox.com/~bloco_vomit)

Pedro Serra

O Bloco Vomit gravou Sex Pistols em ritmo de samba



Vanilla em 1991 e hoje, de cavanhaque

V de vingança

"Voltei! Rocky Balboa também voltou." Assim falou Vanilla Ice, que retorna agora, aos 30 anos, usando o nome verdadeiro, Robbie Van Winkle, e cantando rock muito pesado e "cheio de raiva" no álbum *Hard To Swallow*. O trabalho tem a assinatura de Ross Robinson (produtor do Korn). "Ele foi meu psicólogo. Contei histórias de infância, meus traumas. E ele disse: 'Bote no disco!' Ficou um trabalho cheio de ódio." Vanilla estourou em 1991 com um rap de rapina no estilo Puff Daddy (parasitava "Under Pressure", do Queen) e foi varrido do cenário pop por ter falsificado sua biografia (dizia ter sido criado no gueto, entre facadas e navalhadas). Uma de suas músicas novas é "Fuck Me".

"Politicamente correto tem mais é que morrer"

Offspring debocha das patrulhas

O sucesso de "Pretty Fly (For A White Guy)", sobre a molecada branca que tira onda de negão, fez o Offspring sofrer patrulhas ideológicas. "A mentalidade politicamente correta às vezes me dá vontade de comprar um rifle, me mudar para Montana *(Estado caipira do noroeste dos EUA)* e botar uma cerca eletrificada no meu rancho", reage Dexter Holland, líder do trio californiano. O cantor, vale esclarecer, é filiado ao Partido Democrata, a favor do aborto e militante ambientalista. E o Offspring, como boa banda de rock, não leva nada muito a sério: um remix rhythm & blues de "Pretty Fly" foi distribuído para as rádios hip hop americanas e, num show recente, o Offspring chamou ao palco ninguém menos que Vanilla Ice *(ver nota acima)* para participar de uma performance palhaça durante a música.

MTV veste a camisa do Brasil

A nova cara da emissora estreou dia 28 de fevereiro. Ela privilegia programas ao vivo e dá mais espaço para a MPB e gêneros populares, como axé e pagode. "A gente vem pesquisando há muito o gosto da audiência. Agora a emissora se anuncia como **MTV Brasil**", comunica a diretora de programação, Cris Lobo. Saem do ar, entre outros, *Gás Total* e *Radiola*. O VJ Fábio Massari tirou seis meses de licença.

O site da emissora (www.mtv.com.br) também foi reformulado e inclui, entre outras novidades, resenhas de discos publicadas em SHOWBIZZ.

Entram...

Supernova
Nas tardes de segunda a sexta, ao vivo (à exceção da faixa com Chris Nicklas)
• 12h30 às 13h30: apresentação de Chris Couto, notícias e clipes variados
• 14h às 15h30: pop, pagode e axé, com Chris Nicklas, no Rio de Janeiro
• 16h15 às 17h: Edgard apresenta rock nacional e rap
• 20h30 às 21h30: Soninha mostra clipes de MPB, rock e reggae

Os Piores Videos Do Mundo
Todo domingo (menos no último do mês), às 23h. Marina Person apresenta clipes bizarros selecionados em categorias como "pior cabelo" e "pior figurino". Ao final, a audiência escolhe a obra-prima que será apagada para sempre do acervo da emissora.

Futuro
No último domingo de cada mês, às 18h. Profissionais da música pop discutem temas relevantes na atualidade, como pirataria e música na Internet, e tentam apontar para onde irá o estilo.

Mudam de horário...

Erótica MTV* e *VJ Por Um Dia
Os dois programas de verão agora rolam o ano inteiro. O *Erótica MTV* é transmitido ao vivo, quarta-feira, às 22h. *VJ Por Um Dia* passa às 22h de quinta.

***Fúria MTV* (heavy metal), *Yo! MTV* (rap), *AMP* (tecno) e *Lado B* (alternativo)**
Passam, nessa exata ordem, de segunda a quinta, à meia-noite.

Barraco MTV, Quiz MTV* e *Ultrasom
Respectivamente, segunda, terça e sexta, às 22h.

South Park* e *Beavis & Butt-Head
Em dias alternados, de segunda a quinta, às 23h.

A VJ Sabrina vai apresentar mais atrações nacionais

frases

"Ainda tenho em casa roupas que roubei da loja em que trabalhava dez anos atrás."
Shirley Manson, cantora do Garbage, na revista inglesa Q

"Tocamos 'Paradise City', do Guns N' Roses, e o público canta junto e bate palmas. Eles não entendem a ironia."
Eric Erlandson, guitarrista do Hole, no semanário inglês Melody Maker

"Pete Townshend foi quem mais me influenciou como compositor e letrista. Melhorei muito ouvindo seu trabalho nos anos 80."
Eddie Vedder, na revista americana Interview

Ritchie Blackmore roubou e assumiu

"Roubei o riff de 'Black Night' da versão de Ricky Nelson para 'Summertime'. Hendrix tinha pegado a guitarra dessa mesma gravação, tocada por James Burton, e jogado na introdução de 'Hey Joe'. Eu pensei, 'se Hendrix pode pegar a guitarra, eu quero o baixo'."
Ritchie Blackmore, ex-Deep Purple, falando sobre uma de suas "criações" clássicas, que também é idêntica a "(We Ain't Got) Nothin' Yet", hit da banda de garagem americana Blues Magoos, de 1967

"Sou um dos melhores na hora de berrar, e também sei cantar como um canário. Isso é lindo."
Phil Anselmo, cantor do Pantera, esquece a modéstia na revista inglesa Kerrang!

Missão bumbum

No refrão do hit "The Rockafeller Skank", FatBoy Slim se acha o funk *soul brother*. Com o perdão de Norman Cook, se tal título cabe a alguém, é ao americano **Afrika Bambaataa**, produtor, DJ e pioneiro do hip-hop e do eletrofunk. Tudo isso sem tirar onda: Afrika é um sujeito simpático, humilde e divertido. Ele veio ao Brasil para discotecar no festival Techno House Club, no início de fevereiro. Apresentou-se no Rock In Rio Café, no Rio, e na Love, em São Paulo. Na aparição carioca, a boate da Barra da Tijuca estremeceu com um som que misturava, com *feeling* e ecletismo, do rap ao funk, passando por drum'n'bass, calipso e o nosso samba. Com as mãos nas picapes, Afrika tocou um show de surpresas: remixes eletrofunk para "Staying Alive", dos Bee Gees, um disco de batucada-para-gringo-ver, a obrigatória "Planet Rock" – hit histórico (1981) do próprio Afrika que mistura "Trans-Europe Express", do Kraftwerk, com batida funk, e que selou a criação do eletrofunk, introduzindo definitivamente a eletrônica em bailões da periferia do mundo todo. Ao microfone, divertiu a todos anunciando sua missão: "Vim pra fazer chacoalhar os traseiros de todo mundo". A viagem ao Brasil teve ainda um segundo objetivo. "Quero gravar o cântico que acompanha as rodas de capoeira. Isso e o som do berimbau me interessam bastante."

O DJ Afrika Bambaataa no Rio: scratches protegidos pelos deuses do funk

Foto: Ricardo Frauzino

O Viper pretende seguir carreira com novo nome, desatrelado do som heavy

Kátia Moraes/AE

Adeus ao metal

Sim, o **Viper** ainda existe. O sumiço do quarteto paulistano se deve a problemas jurídicos. "Fomos engabelados pela Castle", conta o guitarrista Felipe Machado. A gravadora lançou no final de 1996 o disco *Tem Pra Todo Mundo*, o primeiro da banda com letras em português e elementos pop. Em duas semanas, veio a bomba. "A gravadora fechou as portas e foi embora do Brasil, levando nossas fitas master", lembra o baixista e cantor Pit Passarel. A primeira tiragem do CD se esgotou e outras gravadoras se interessaram em prensar outros CDs, mas para isso era necessário que a Castle liberasse os masters, o que não aconteceu e gerou uma batalha jurídica que já dura dois anos. "Ganhamos em primeira instância, falta a última", conta o guitarrista Yves Passarel. Depois de lançar a coletânea *Everybody Everybody*, pela Eldorado, em outubro, eles planejam voltar, longe do metal. "Talvez a gente mude de nome, porque não é justo com os fãs que associam o nosso nome ao som pesado a gente lançar um CD totalmente diferente", opina Felipe. Enquanto isso, Pit segue compondo – é dele o hit "O Mundo", do Capital Inicial –, Yves vai lançar livro sobre as turnês do Viper, Felipe é publicitário e o baterista Renato Graccia toca negócios de família.

notas

Dê ouvido às más companhias

A reunião de Paul Rodgers (voz), Mick Ralphs (guitarra), Raymond Boz Burrell (baixo) e Simon Kirke (bateria), nada menos do que o **Bad Company**, foi louvada com um editorial da revista americana *Billboard*. Comemorando 25 anos do lançamento de seu disco de estréia, *Bad Company*, o histórico quarteto de hard rock que surgiu apadrinhado pelo Led Zeppelin já acertou o lançamento de uma antologia. Uma turnê de vinte shows vai servir de aquecimento para uma megaturnê, a partir do segundo semestre.

Eternos retornos

Outros que voltaram foram os **Happy Mondays**, aquela banda movida a ecstasy que fez sucesso na Inglaterra no início dos anos 90. O curioso é que todos os músicos estavam dispostos a voltar, mas o dançarino saltitante Bez não sabia se queria, se devia... Os Mondays lançam um single e se apresentam pela Grã-Bretanha em abril. O Madness, por sua vez, comemora vinte anos de carreira lançando um disco ao vivo. E as bandas americanas femininas Go-Go's e Bangles também acertam turnês de reunião, com novos álbuns.

Biografia de Keith Moon desmente casos

Divulgação

Uma lenda que cai

O baterista **Keith Moon**, do Who, jamais meteu uma limusine dentro da piscina em sua festa de 21 anos. Ele passou a noite no hospital, já que tinha caído de bêbado bem no começo da noite. Assim está escrito no bem pesquisado cartapácio (600 páginas) *Moon: The Life And Death Of A Rock Legend*, de Tony Fletcher, editora Spike (30 dólares), recém-lançado nos EUA. A biografia mostra o outro lado da curta vida do músico, definido pelo colega Pete Townshend "como o mais adorável palhaço do rock". Moon morreu em 1978, aos 32 anos, por overdose de medicamentos.

túnel do tempo

Jackie Ravenhill

Reprodução

No início dos anos 90, o hoje mauricinho **Vinny** cantava numa banda farofa chamada Hay Kay, com Marcelo Sussekind e Roberto Lly (ex-Herva Doce).

Ambição loura como Madonna

Roxette reaparece querendo seguir na cola eletrônica da cantora americana

Em 1995, a dupla sueca enlouqueceu 11 mil chineses em Pequim, encerrando a turnê *Crash! Boom! Bang!*. Logo depois saiu a coletânea *Don't Bore Us — Get To The Chorus* e o grupo sumiu, lançando apenas *Baladas En Español*, no fim de 1996. O guitarrista Per aproveitou as férias para reformar sua antiga banda, Gyllene Tyder, em uma turnê que levou 250 mil suecos à loucura, e lançar um CD solo, *The World According To Gessle*. A cantora Marie também fez um álbum, *En Tid Som Var*, o quinto de sua carreira. Agora o Roxette reaparece lançando *Have A Nice Day*. Per Gessle falou conosco pelo telefone.

Marie Fredriksen e Per Gessle voltam depois de vários projetos individuais

Divulgação

SHOWBIZZ: Então o Roxette virou uma dupla de loiros...

PER GESSLE: É! Resolvi homenagear meu filho *(Gabriel, de 17 meses)*, que é loiro. Ele é completamente estabanado, como a mãe! *(risos)* Falando sério: ele chegou numa hora em que eu estava realmente precisando de um novo sopro.

Seus outros projetos também o fizeram ver o Roxette de forma diferente?

Meu disco solo e o Gyllene atendiam minha necessidade de trabalhar com guitarras, muitas guitarras. Acho que consegui saciar as fantasias! *(risos)* E no álbum novo do Roxette, trocamos guitarras por sintetizadores e seqüenciadores.

Por que o Roxette ficou tanto tempo parado?

Depois da turnê *Crash*, que terminou no meio de 1995, decidimos dar um tempo para fazer outras coisas e cuidar de nossas famílias. Vínhamos trabalhando por sete anos ininterruptos, estávamos exaustos, cansados até de nós mesmos.

Você e Marie perderam o contato durante esse período?

Pelo contrário! Vivíamos nos encontrando, jantando, fazendo reuniões familiares. Só que isso nunca saí no jornal...

Por que vocês adotaram influências eletrônicas no novo álbum?

Para mim e Marie era importante manter as marcas registradas do Roxette, mas também era preciso inovar. Queríamos um trabalho com a cara do fim dos anos 90.

Nesse esforço de atualização, vocês se espelharam em algum artista?

Eu estou ouvindo Fatboy Slim, Air e Daft Punk, mas o CD *Ray Of Light*, de Madonna, foi o melhor exemplo do que queríamos fazer com o Roxette. Tem baladas maravilhosas, como "The Power Of Goodbye", e sons muito atuais.

Greg (no centro) e o Bad Religion: volta ao Brasil

Vote em punk

Greg Graffin, do Bad Religion, compara shows a discursos

Greg Graffin é um acadêmico. Mesmo. Além de expor nas letras que escreve a violência, a alienação e a podridão do mundo em geral, o cantor, letrista e principal compositor do Bad Religion é doutor em Biologia. Era animado conversando sobre desenvolvimento do tecido ósseo. Como se pode supor por suas letras ("Sou um garoto digital do século vinte e um/ Não sei ler mas tenho muitos brinquedos" e "Se há um propósito para nossas almas, ele permanece secreto para mim/ Não me peça para justificar minha vida"), Greg é um homem sério.

A outra cabeça pensante do Bad Religion, o guitarrista Brett Gurewitz, deixou o grupo para cuidar do selo Epitaph em 1994 – justo quando a banda era contratada pela megagravadora Sony. Mas Greg não deixou a peteca cair, mantendo a credibilidade e a produção média de quase um disco por ano. O último, *No Substance*, saiu em maio de 1998 e já vendeu 500 mil cópias mundo afora, quantidade ideal para uma banda punk politicamente correta que não está interessada em atingir o topo das paradas. Pouco antes de viajar ao Brasil para shows na segunda semana de março, Greg falou a SHOWBIZZ.

SHOWBIZZ: O que você achou da primeira vinda do Bad Religion ao Brasil, em dezembro de 1996?
Greg Graffin: Foi ótimo. Fomos com os Sex Pistols *(N. do E.: No primeiro edição do Close Up Festival)* e nos surpreendemos com a reação do público, que conhecia muitas de nossas músicas e pulava sem parar. A aceitação do único show só nosso, em Curitiba, foi tão boa que nos animou a tocar no Brasil como atração principal.

Como é tocar o Bad Religion sem Brett?
Ele saiu em 1994 e desde então sou eu quem compõe tudo na banda. Tenho de me virar para compensar a falta da criatividade dele, que é imensa. Mas ficou a amizade, ele escolheu tocar a gravadora e tenho de respeitar isso. É como um time de futebol que perde o centroavante, o resto da equipe precisa colocar o coração e a alma no jogo e tentar ser tão eficiente quanto antes.

Existe uma contradição entre sua condição de astro do rock e seus ideais?
Acho que é um privilégio poder viajar pelo mundo e mostrar às pessoas minhas opiniões. É um grande desafio estar numa posição em que minhas idéias são respeitadas por tanta gente. Mostrar o que penso sobre a sociedade é uma grande parte da minha motivação nisso tudo.

Qual você acha que foi a influência do Bad Religion no punk rock atual?
O sucesso do punk californiano hoje me deixa muito feliz. Toda a geração de Seattle – cujo trabalho acabou detonando a volta do punk rock – admite que aquilo não teria acontecido se não fosse pelas bandas punks de Los Angeles como nós.

Com toda essa ascendência sobre o trabalho do Bad Religion, é estranho que você não toque nenhum instrumento ao vivo.
Na hora de compor eu toco todos os instrumentos. Mas quando estou no palco é uma espécie de oratória, preciso ter as mãos livres. Estou discursando.

Assim como Dexter Holland, do Offspring, você é biólogo. Isso toma muito do seu tempo?
Sim, vou a congressos e escrevo artigos. Tenho doutorado com tese sobre o desenvolvimento do tecido ósseo.

Bernardo Araujo

A Yamaha apresenta a nova Stage Custom.

A Yamaha incorporou toda a sua experiência adquirida em décadas fabricando baterias, em todos os aspectos da série Stage Custom. O resultado é um set de bateria de qualidade profissional, com uma sonoridade fantástica, por um preço totalmente acessível.

Todos os cascos de madeira

Cascos de Birch e Mogno

Canoas de alta tensão

Sistema esférico de montagem e Clamp

QY70 Um conjunto de grande versatilidade

Music Sequencer By Douglas Las Casas

Hoje em dia, a importância de se estudar com metrônomo e de ter um bom equipamento para os estudos, é tão grande como o de ter um bom instrumento.
O QY 70 é isso, um sequencer versátil e rápido, pois não preciso ficar compondo "patterns" para estudar ou dar aulas.
Cada patern já vem com 6 partes (Introdução, Parte A, Parte B, Fill A/B, Fill B/A, e um final). Tudo já está pronto, nas mais diversas estilos. Ao invés de ficar estudando apenas com o "Click", escolho um estilo, solto um patern, tornando o meu estudo mais agradável e musical, pois a musicalidade que você cria estudando com o QY70 é muito grande. É como se eu tivesse uma banda para estudar junto em tempo integral.

REVENDEDORES AUTORIZADOS:
DISCONILDO (021) 671-2919 - Rio de Janeiro • FOX TROT (071) 358-8313 - Salvador • MADE IN BRAZIL (011) 3061-3131 - São Paulo • MIL SONS (051) 221-0418 - Porto Alegre • PLAYTECH (011) 250-0585 - São Paulo • TANGO (011) 3064-0600 - São Paulo • TOCA SOM (081) 455-7093 - Recife • TRAVIATA (012) 322-7133 - São José dos Campos

YAMAHA

prémio BIZZ 98

Ilustração: Montalvo

Bicampeonato duplo

Leitores consagram jovem geração do pop brasileiro e elegem de novo Titãs e Aerosmith

Uma [illegible] apuração dos mais de 20 mil votos enviados pelos leitores para o Prêmio BIZZ 1998 pode dar a impressão de que nosso bravo eleitorado está se repetindo. Houve dois bicampeonatos na categoria principal de melhor grupo: Titãs, entre os artistas nacionais, e Aerosmith, entre os estrangeiros. E isso num ano em que nenhuma das duas bandas [illegible] grandes novidades.

O septeto lançou *Volume 2*, uma continuação do *Acústico* de 1997, e faturou [illegible] as categorias melhor show e melhor disco nacionais. O quarteto norte-americano lançou um disco ao vivo, *A Little South Of Sanity*, recheado de sucessos antigos. A inédita "I Don't Want To Miss A Thing" (incluída na trilha do filme *Armageddon*), porém, chegou pela primeira vez ao topo da parada de singles nos EUA e foi escolhida pelos leitores de SHOWBIZZ como a melhor canção internacional de 1998.

Papões à parte (o U2 também faturou como melhor show), o Prêmio BIZZ aponta para o surgimento de uma nova geração no pop brasileiro. Os [illegible] deste [illegible] do gênero em 1998, Nativus e Jota Quest, levaram, respectivamente, os troféus de revelação [illegible] consagrador [illegible] melhor música, "Fácil", na escolha dos leitores.

A categoria instrumentalista foi a única em que se afinaram os gostos dos leitores e os dos trinta jornalistas que elegeram os favoritos da crítica. O baterista Igor Cavalera, entre os brasileiros, e o guitarrista Jimmy Page, entre os gringos, foram os mais votados pelas duas turmas.

Leitores internacional

Grupo internacional

1) **Aerosmith** (1768 votos)
2) **U2** (1624 votos)
3) **Radiohead** (856 votos)

O Aerosmith bateu o U2 por pouco. Surpreendente: o Radiohead teve dois votos mais que o Oasis. Depois vieram Metallica, Beastie Boys, Pearl Jam, Iron Maiden e Prodigy.

Crítica

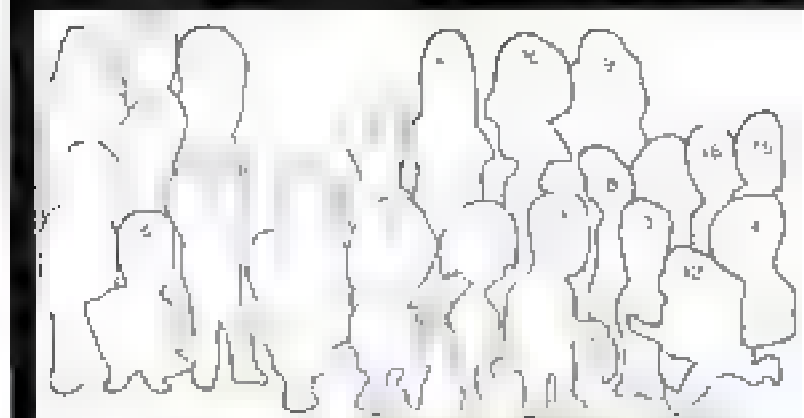
Beastie Boys

Com as escolhas pulverizadas em vários nomes – treze ao todo –, o trio de hip hop nova-iorquino ganhou do Offspring e do Massive Attack por um mísero voto. Curioso é que a formação inglesa de trip hop foi lembrada por apenas quatro leitores nesta categoria.

Leitores nacional

Grupo

1) **Titãs** (2040 votos)
2) **Charlie Brown Jr.** (1074 votos)
3) **Racionais** (942 votos)



Os eleitos pelos leitores

Titãs:
1) Charles Gavin
2) Marcelo Fromer
3) Nando Reis
4) Paulo Miklos
5) Sérgio Britto
6) Toni Bellotto
7) Branco Mello
8) Igor Cavalera (Sepultura)
9) Jimmy Page
10) [illegible]
11) Bono
12) Ozzy Osbourne
Nativus:
13) Juninho
14) Kiko Peres
15) Alexandre Carlo
16) Luís Maurício
17) Bruno Dourado
18) Izabella Rocha
19) Steven Tyler (Aerosmith)
20) [illegible]
21) Alanis Morissette

Jota Quest? Estava na estrada, dando um dos 22 shows que faz a cada mês.

Com mais esta vitória, os Titãs se consagram como o grupo brasileiro preferido pelos leitores de SHOWBIZZ: têm [illegible] títulos, dois a mais do que a Legião Urbana. O Sepultura tem um bicampeonato (92/93). Ultraje a Rigor e Racionais venceram uma vez cada.

E mais um desafio surge para os Titãs. Eles já tinham ganho um tricampeonato em 1987/88/89. Com o bi agora, só falta mais um para repetir a façanha. O grupo [illegible] também nas categorias melhor show e melhor disco (*Volume 2*). Paulo Miklos [illegible] por pouco entre os vocalistas e "É Preciso Saber Viver" também quase faturou como melhor música.

"[illegible] que teve [illegible] do Nativus e Jota Quest, que são bandas [illegible]. Nossa responsabilidade [illegible] precisamos [illegible] para ganhar [illegible]", agradece o guitarrista Tony Bellotto, [illegible] pelo colega Marcelo Fromer. "É legal, entre outras coisas, porque esse foi um disco [illegible] recebido [illegible] que a gente consiga repetir um sucesso como o do *Acústico*, aquele é um fenômeno [illegible] ção de 70, não acontece duas vezes", diz Fromer. A banda segue em turnê pelo menos até o meio do ano. Depois pretende gravar um disco e tirar longas férias, durante as quais os músicos vão se dedicar a outros projetos. O baixista Nando Reis grava disco novo ainda este ano com produção do americano Eddie Kramer, ex-engenheiro de estúdio do Led Zeppelin ▶

Crítica

mundo livre s/a

Depois de três discos, o pós-mangue bit do mundo livre s/a conquista definitivamente a admiração dos jornalistas especializados. Foi uma lavada. O Pato Fu ficou em segundo lugar. Capital Inicial, Racionais MC's, Claudinho & Buchecha, Violeta De Outono, Farofa Carioca e Krisiun – conhecido apenas entre as hostes do metal – também foram lembrados.

Leitores

internacional

Crítica

Show
Kraftwerk

Música
1) "The Rockafeller Skank" - Fatboy Slim
2) "Intergalactic" - Beastie Boys
3) "Celebrity Skin" - Hole
4) "Teardrop" - Massive Attack
5) "Ray Of Light" - Madonna

Disco
1) The Miseducation Of Lauryn Hill
2) Mezzanine - Massive Attack
3) Hello Nasty - Beastie Boys
4) Painted From Memory - Elvis Costello e Burt Bacharach
5) Celebrity Skin - Hole

Disco
1) Reunion
Black Sabbath (1170 votos)
2) *Supposed Former Infatuation Junkie*
Alanis Morissette (1050 votos)
3) *Americana*
Offspring (858 votos)

Do quarto lugar em diante, vem uma senhora seleção: *Yield*, do Pearl Jam, *Ava Adore*, dos Smashing Pumpkins, *Up*, do R E M., e *Hello, Nasty*, dos Beastie Boys.

Show
1) U2 (3134 votos)
2) Rolling Stones (1662 votos)
3) Green Day (1330 votos)

Com todo o tumulto que houve em um dos shows, no Rio, *Popmart*, do U2, ficou na memória de nossos leitores como o melhor espetáculo ao vivo de 1998. Ganhou disparado dos Stones e do Green Day, que também fizeram excelentes apresentações em solo brazuca. O U2 já ganhou quatro vezes na categoria melhor grupo, duas a mais do que os bicampeões Aerosmith, Iron Maiden, Oasis e Prodigy também foram bem votados.

Música
1) "I Don't Want To Miss A Thing"
Aerosmith (1904 votos)
2) "Thank U"
Alanis Morissette (1056 votos)
3) "Fuel"
Metallica (860 votos)

Leitores

nacional

Crítica

Música
1) "Fácil"
Jota Quest (1574 votos)
2) "E Preciso Saber Viver"
Titas (1422 votos)
3) "Diário De Um Detento"
Racionais Mcs (1378)

O grupo mineiro Jota Quest bateu Titãs e Racionais MC's numa disputa acirradíssima, com a romântica "Fácil", eleita melhor música do ano por nossos leitores. "Já bebi por conta! A banda tá muito feliz!", festejou o vocalista Rogério Flausino, lembrando que "o prêmio prova que somos uma banda popular, no melhor sentido da palavra!". A letra de "Fácil" é do compositor Wilson Sideral, irmão de Rogério, e foi encontrada pelo cantor no chão de sua casa.

"Escrevi a letra e larguei no meu quarto, que é uma bagunça mesmo. Quando voltei da rua, o Rogério tava na sala, já com metade da melodia pronta", conta Wilson, que está gravando seu disco de estréia com o produtor Dudu Marote e tem tudo para ser uma das revelações de 1999.

"Antes Que Seja Tarde", do Pato Fu, foi a quarta música mais votada, e "Preta Vê-la", de Ostheobaldo, ficou em quinto, a poucos votos de "O Amor Não Sabe Esperar", dos Paralamas do Sucesso (com participação de Marisa Monte).

Show
1) Titãs (2364 votos)
2) Sepultura (1 180 votos)
3) Paralamas (944 votos)

Deu Titãs fácil. Depois do Sepultura e do Paralamas, talvez a banda brasileira com mais quilometragem de estrada (e sempre garantia de um showzão) vieram, num patamar bem mais baixo de votos, Charlie Brown Jr., Jota Quest, Rita Lee, Pato Fu, Ira! e Skank. Ah, o Terrasamba teve dois votos.

Disco
1) Volume Dois
Titas (1332 votos)
2) *Televisão De Cachorro*
Pato Fu (704 votos)
3) *Acústico*
Rita Lee (682 votos)

Em mais uma lavada titânica, os leitores valorizaram o belo trabalho pop do Pato Fu e o *Acústico* de Rita Lee. A estréia do Soulfly e o ótimo *Hey Na Na*, dos Paralamas, ficaram em quarto e quinto lugares, respectivamente. *Atrás Dos Olhos*, do Capital Inicial (um grupo que não ganhou nada, mas foi bem votado em várias categorias), veio em sexto.

Show
Júpiter Maçã

Música
1) "Bob" - Otto
2) "Ela Disse Adeus" - Paralamas
3) "Antes Que Seja Tarde" - Pato Fu
4) "Canção Para Você Viver Mais" - Pato Fu
5) "Resposta Ao Tempo" - Nana Caymmi

Disco
1) Samba Pra Burro - Otto
2) Carnaval Na Obra - mundo livre s/a
3) Eu Tiro É Onda - Marcelo D2
4) Televisão De Cachorro - Pato Fu
5) As Cidades - Chico Buarque

Leitores

internacional

Alanis

Vocalista

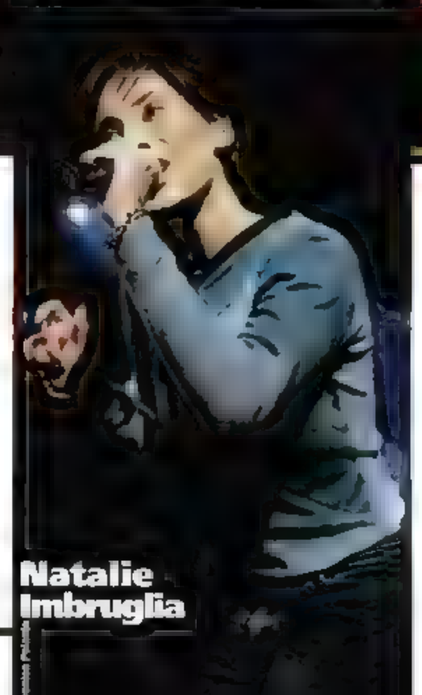
1) Alanis Morissette
(1880 votos)
2) Steven Tyler
Aerosmith (1606 votos)
3) Bruce Dickinson
(1188 votos)

Alanis bateu na trave com "Thank U" (música internacional) e com o álbum *Supposed...* (disco internacional), mas ganhou como vocalista. Thom Yorke, que dividiu o prêmio da crítica com Lauryn Hill, foi o quarto mais lembrado pelos leitores

Intrumentista

1) Jimmy Page
(1690 votos)
2) Steve Harris
Iron Maiden (1274 votos)
3) Ben Harper
(1246 votos)

Steve Harris, baixista do Iron Maiden, e Ben Harper, fera da slide guitar, não foram páreo para o velho lobo da guitarra. Jimmy conseguiu, assim como Igor, unir críticos e leitores.



Natalie Imbruglia

Crítica

Vocalista

Thom Yorke
(Radiohead) e
Lauryn Hill

Revelação

Beta Band e
Asian Dub Foundation

Instrumentista

Jimmy Page

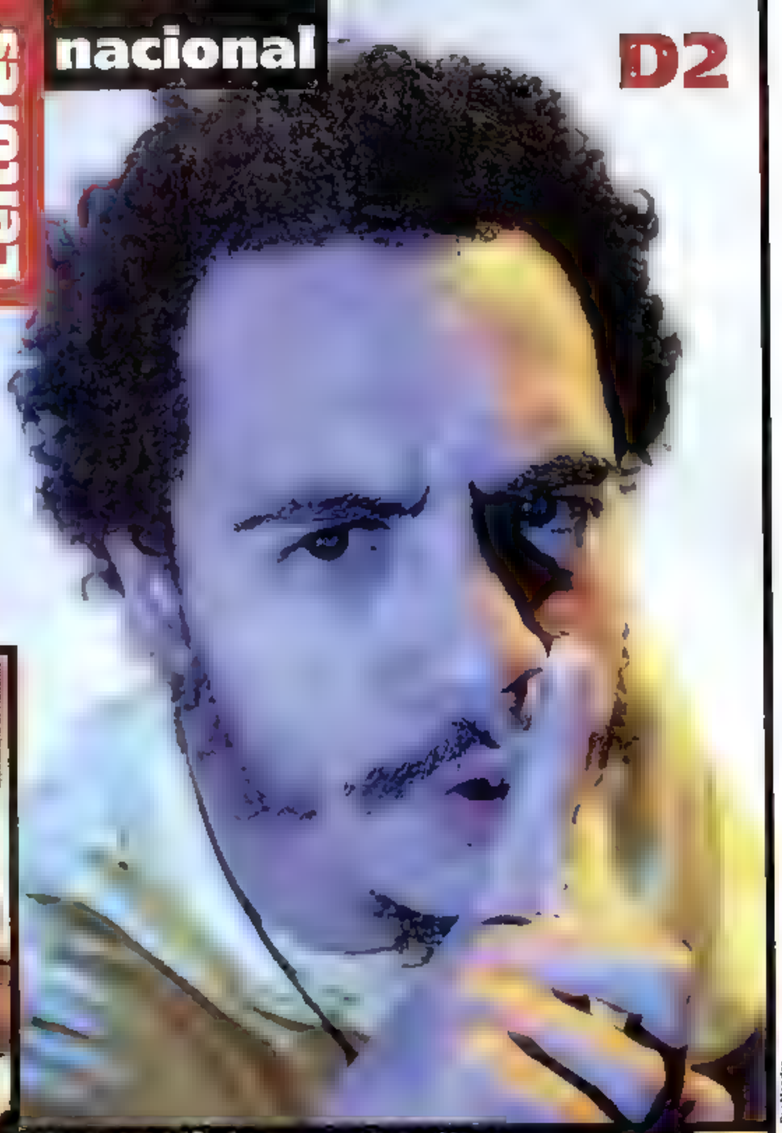
Revelação

1) Natalie Imbruglia
(3312 votos)
2) Matchbox 20
(1410 votos)
3) All Saints
(1278 votos)

Impulsionada pela arrebatadora balada "Torn", a australiana Natalie Imbruglia foi a campeã absoluta de votos. Venceu por larga margem a banda americana Matchbox 20 – bem executada em radios como a Brasil 2000, em São Paulo – e as inglesas All Saints. A banda americana Semisonic ficou em quarto lugar; o metal inovador dos Deftones, em quinto; e o britpop com curry do Cornershop, em sexto, junto com Fatboy Slim

Leitores

nacional D2



Vocalista

1) Marcelo D2 (1126 votos)
2) Paulo Miklos
Titãs (1100 votos)
3) Chorão
Charlie Brown Jr. (930 votos)

"De novo?!?", duvidou o bicampeão Marcelo, ao receber o resultado, o mais apertado do Prêmio BIZZ 1998 (Paulo Miklos quase leva). "Esse prêmio me persegue, cara! Ano passado falei que não era cantor, mas agora tô começando a acreditar que sei cantar..." Toni Garrido, do Cidade Negra, ficou em quarto lugar, seguido de Arnaldo Antunes, Rita Lee, Paula Toller (do Kid Abelha) e Ed Motta.

Na votação da crítica, um simpático empate: Fernanda Takai, do Pato Fu, e Ed Motta dividiram o primeiro lugar.

Crítica

Revelação

1) Nativus (2856 votos)
2) Fat Family (2408 votos)
3) Ostheobaldo (1234 votos)

Ao som do seu reggae de letras filosóficas, em canções como "Liberdade (Pra Dentro Da Cabeça)" e "Presente De Um Beija-Flor", os Nativus conquistaram as FMs e os leitores de SHOWBIZZ. Tiveram 2 856 votos como revelação, mais do que os Titãs na categoria melhor grupo. "A gente está muito feliz com esse prêmio! É o resultado do nosso trabalho, né? Sendo premiado pelo público, então! Não poderia ter sido melhor!", comemorou o vocalista Alexandre

Vinny foi o quarto mais lembrado, uh.

Instrumentista

1) Igor Cavalera
Sepultura (2922 votos)
2) João Barone
Paralamas(1644 votos)
3) Edgard Scandurra
Ira! (1534 votos)

Justiça foi feita. Igor Cavalera, baterista do Sepultura, foi eleito o melhor instrumentista brasileiro por leitores e críticos. "Fico feliz pra caramba, pois venho batalhando desde os tempos em que fazia um p*** barulho nas panelas da minha mãe!! Obrigadão a todos que votaram em mim. Porrada e atitude!" Pra você também, Igor

Vocalista

Fernanda Takai
(Pato Fu) e
Ed Motta

Revelação

Otto

Instrumentista

Igor Cavalera
(Sepultura)

Júri SHOWBIZZ

Trinta jornalistas especializados apontam seus favoritos em 1998

Felipe Zobaran (SHOWBIZZ)

Disco Nacional:

Música Nacional:

Disco Internacional:

Música Internacional:

Pedro Só (SHOWBIZZ)

Disco Nacional:

Música Nacional:

Disco Internacional:

Música Internacional:

Bernardo Araujo (SHOWBIZZ)

Disco Nacional:

Música Nacional:

Disco Internacional:

Música Internacional:

Danilo Monteiro (SHOWBIZZ)

Disco Nacional:

Música Nacional:

Disco Internacional:

Música Internacional:

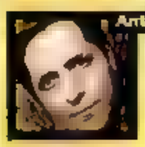
Alexandra Matias (*Diário do Povo, SP, e Trabalho Sujo*)

Disco Nacional:

Música Nacional:

Disco Internacional:

Música Internacional:



Antônio Carlos Miguel (*O Globo, RJ*)

Disco Nacional:

Música Nacional:

Disco Internacional:

Música Internacional:

André Barcinski (SHOWBIZZ, Nova York)

Disco Nacional:

Música Nacional:

Disco Internacional:

Música Internacional:

Arthur G. Couto Duarte (*O Estado de Minas*)

Disco Nacional:

Música Nacional:

Disco Internacional:

Música Internacional:

Carlos Marcelo (*Correio Braziliense*)

Disco Nacional:

Música Nacional:

Disco Internacional:

Música Internacional:

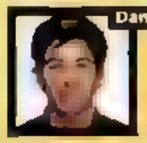
Celso Masson (*Veja*)

Disco Nacional:

Música Nacional:

Disco Internacional:

Música Internacional:



Daniel Benevides (MTV)

Disco Nacional:

Música Nacional:

Disco Internacional:

Música Internacional:

Daniel Oliveira (SHOWBIZZ, Los Angeles)

Disco Nacional:

Música Nacional:

Disco Internacional:

Música Internacional:

Fernando Souza Filho (*Rock Brigade*)

Disco Nacional:

Música Nacional:

Disco Internacional:

Música Internacional:

Hagamenon Brito (*Correio da Bahia*)

Disco Nacional:

Música Nacional:

Disco Internacional:

Música Internacional:

Hélio Muniz (*O Dia, RJ*)

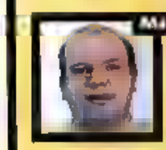
José Teles (*Jornal do Commercio, PE*)

Disco Internacional

Jotabê Medeiros (*O Estado de S. Paulo*)

Música Internacional

Marco Antônio Lopes (*Playboy*)



Marcos Filippi (*Jornal da Tarde, SP*)

Mauricio Valladares (*Rádio Imprensa FM, Rio*)

Mauro Ferreira (*O Dia, RJ*)

Paulo Cavalcanti (*Shopping Music*)

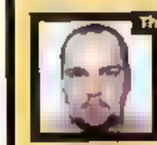
Pedro Alexandre Sanches (*Folha de S.Paulo*)

Roberto Miller Maia (*Rádio Brasil 2000*)

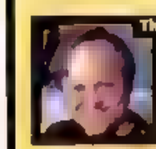
Sérgio Martins (*Época*)

Tárik de Souza (*Jornal do Brasil*)

Tatola (*Rádio Brasil 2000*)



Thales de Menezes (*Folha de S.Paulo*)



Thomas Pappon (*BBC Londres*)

Zeca Camargo (*Fantástico*)

Disco Nacional

Música Nacional

Disco Internacional

Música Internacional

Os favoritos de outros leitores

Americanos elegem Beastie Boys; ingleses consagram Manic Street Preachers

Rolling Stone

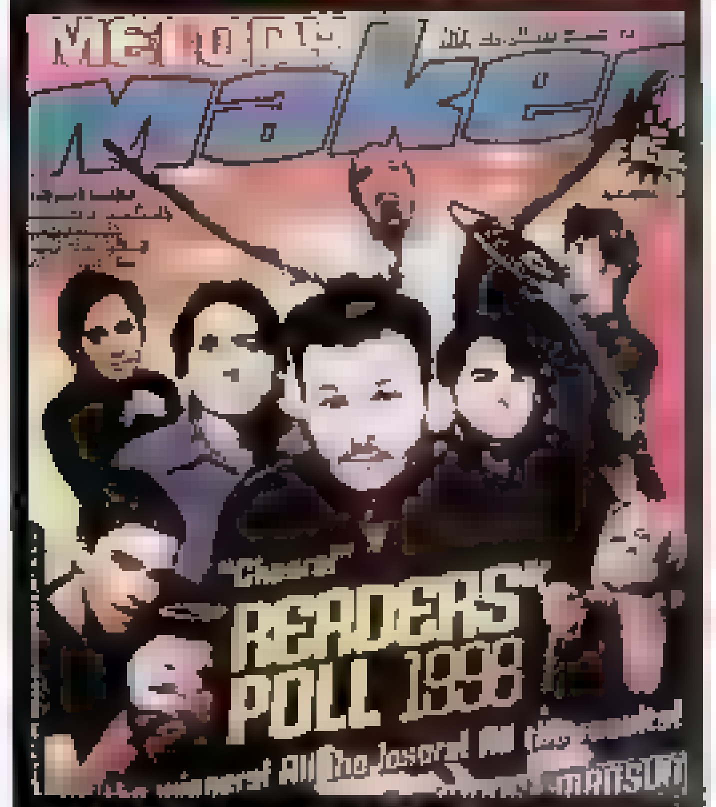
A eleição entre os leitores desta tradicionalíssima revista americana consagrou os Beastie Boys nos prêmios principais. O Pearl Jam ficou em segundo lugar em duas categorias importantes: melhor show e melhor álbum (*Yield*). O metal com hip-hop do grupo Korn também mostrou força, vencendo em duas categorias. Detalhe: os críticos da revista também apontaram os Beastie Boys como artistas do ano, mas escolheram Lauryn Hill por melhor álbum (*The Miseducation Of...*) e melhor música - "Doo Wop (That Thing)"

Artista Do Ano: Beastie Boys
Artista (masculino): Marilyn Manson
Artista (feminino): Madonna
Grupo: Pearl Jam
Disco: *Hello Nasty* - Beastie Boys
Música: "Intergalactic" - Beastie Boys
Vídeo: "Do The Evolution" - Pearl Jam
Show: Korn
Artista Hard-Rock/Metal: Korn
Artista de Rock: Pearl Jam
Artista R&B: Lauryn Hill
Artista Hip-Hop: Beastie Boys
Artista Dance/Eletrônica: Madonna
Revelação: Natalie Imbruglia

Kerrang

Os leitores desta excelente revista britânica especializada em rock pesado amam e odeiam Marilyn Manson na mesma proporção. Para eles, o nome do momento é mesmo o grupo americano Korn. Na categoria revelação, o Soulfly ficou em segundo, perdendo para a banda americana-armênia System Of A Down

Melhor Grupo: Marilyn Manson
Pior Grupo: Marilyn Manson
Álbum do ano: *Follow The Leader* - Korn
Música do ano: "The Dope Show" - Marilyn Manson
Revelação: System Of A Down



Melody Maker

Os Manic Street Preachers são queridinhos entre os leitores deste tablóide britânico. O grupo Mansun ficou em segundo lugar nas categorias banda e álbum (*Six*, uma ambiciosa ópera-rock), mas faturou o prêmio por clipe.

Grupo: Manic Street Preachers
Disco: *This Is My Truth Tell Me Yours* - Manic Street Preachers
Música: "Pure Morning" - Placebo
Revelação: Gomez
Clipe: "Legacy" - Mansun

Q

Os leitores da revista especializada inglesa *Q*, uma das melhores do mundo, consagraram o grupo galês Manic Street Preachers. Para eles, a música do ano também foi feita no País de Gales: "Road Rage", do Catatonia, banda neo new wave liderada pela vocalista Cerys Matthews. Demonstrando ecletismo, sobraram prêmios para o drum'n'bass de Roni Size, o trip hop do Massive Attack e o rock "clássico", do grupo Gomez, que soa americano, mas é inglês legítimo.

Melhor Artista: Manic Street Preachers
Disco: *Mezzanine* - Massive Attack
Música: "Road Rage" - Catatonia
Revelação: Gomez
Show: Roni Size

New Musical Express

Os compradores do tradicional semanário inglês - bíblia da cena indie (independente) local - também estão de quatro pelo Manic Street Preachers. O Placebo, cujo disco... acaba de sair no Brasil, tirou segundo em várias categorias. E o bem amado Gomez faturou como revelação

Grupo: Manic Street Preachers
Disco: *This Is My Truth Tell Me Yours* - Manic Street
Música: "If You Tolerate This Your Children Will Be Next" - Manic Street Preachers
Clipe: "If You Tolerate This Your Children Will Be Next" - Manic Street Preachers
Revelação: Gomez

Juntando os pedaços

Depois de cinco anos sem o cantor Bruce Dickinson e oito sem o guitarrista Adrian Smith, o Iron Maiden volta à sua formação clássica (com o reforço da guitarra de Janick Gers)

por Bernardo Araujo

Dave Murray, Janick Gers, Nicko McBrain, Bruce Dickinson, Steve Harris e Adrian Smith: o Iron é um power-sexteto

A banda se reencontrou e foi direto a uma sessão de fotos

"Três guitarristas – isso vai ser muito bom"

Steve Harris

Aconteceu. Não se podia dizer que não era previsível, mas demorou tanto que já não era muita gente que acreditava que Bruce Dickinson, 40 anos, cantor inglês conhecido pelo singelo apelido de "Sirene de Ataque Aéreo", voltaria à banda que o consagrou, o Iron Maiden. Após mais de uma década à frente de um dos melhores e mais bem-sucedidos grupos de heavy metal do planeta, em 1993, durante a turnê de promoção do disco *Fear Of The Dark*, Bruce começou a sentir-se como "um cara que fica numa festa por tempo demais", como disse ele mesmo. No meio da excursão pediu o boné e pelo resto dos shows foi acusado pelo baixista Steve Harris – inventor e dono da banda – de não mais vestir a camisa, se esforçando para cantar bem apenas quando havia imprensa presente. "Não foi nada disso", protestou o cantor em entrevista à SHOWBIZZ no ano passado. "Steve é que sempre quis aparecer mais do que eu". Na época, quando veio divulgar seu quinto disco solo *The Chemical Wedding*, Bruce dizia que se dava bem com todos na banda – inclusive o cantor que o havia substituído, Blaze Bayley – menos com Steve.

Janick, Dave e Adrian: um trio no ataque do Iron Maiden

ADRIAN SMITH TOCAVA COM BRUCE

Até então as duas partes sempre negaram a possibilidade de uma reunião. Steve se dizia satisfeito com Blaze (muito mais limitado do que Bruce, mas esforçado e certamente menos estrela do que ele) e o vocalista procurava decolar a carreira solo. Após um começo irregular, quando emplacou canções como "All The Young Dudes" (versão para um sucesso de David Bowie) e "Tears Of A Dragon", ele vinha de dois bons discos, *Accident Of Birth* e *The Chemical Wedding*, ambos já com o velho camarada Adrian Smith na banda. Nos shows, clássicos do Iron como "Flight Of Icarus" e "Run To The Hills" eram as canções que mais incendiavam o público.

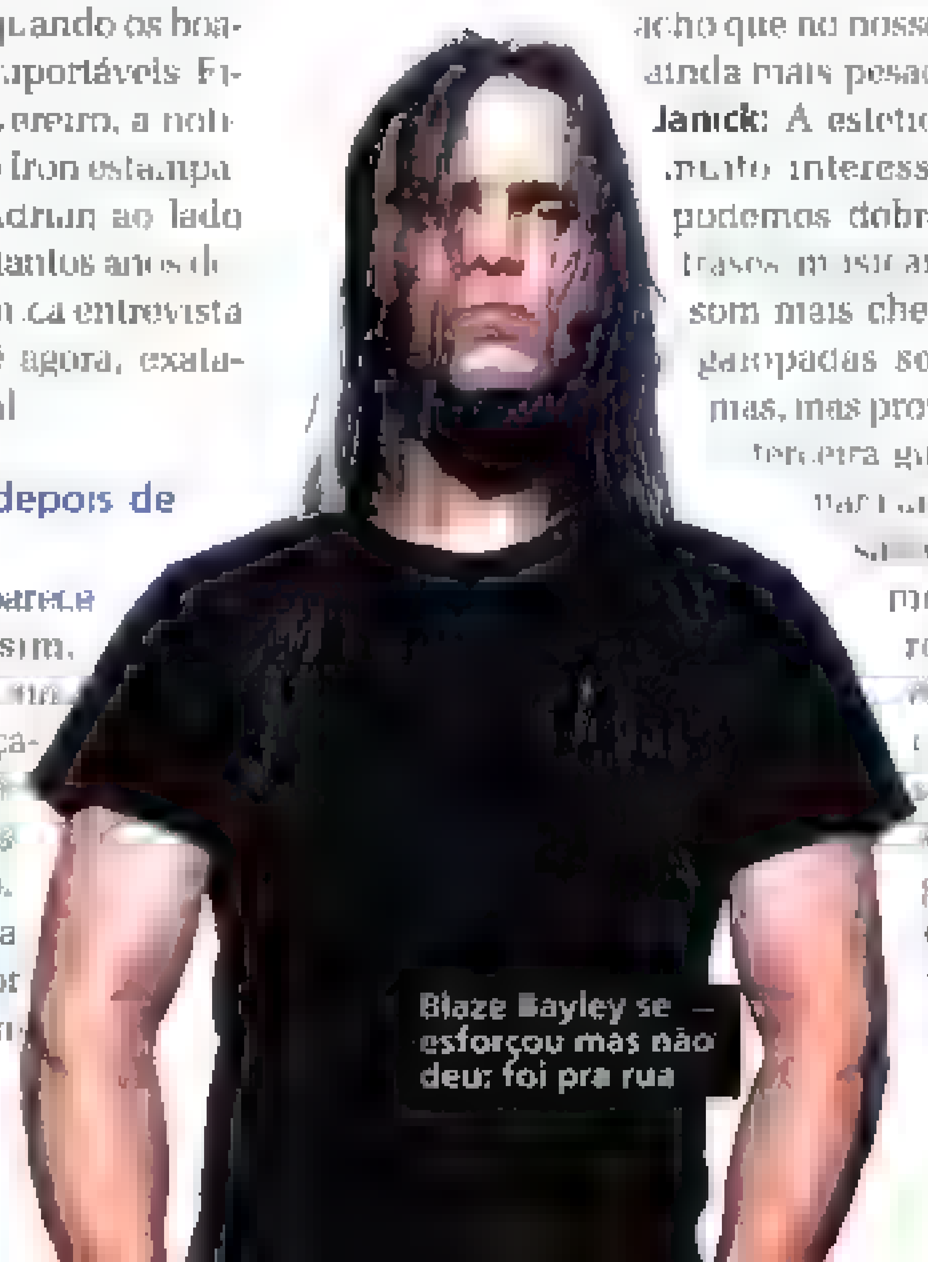
E imprensa, fãs e amigos não se cansavam de perguntar quando seria a volta. "Besteira", disse o empresário Rod Smallwood uma semana antes, quando os boatos passaram a se tornar insuportáveis. Finalmente, no dia 10 de fevereiro, a notícia era oficial: o website do Iron estampava os rostos de Bruce e Adrian ao lado dos velhos companheiros, tantos anos depois. Seguem trechos da única entrevista concedida pela banda até agora, exatamente para a página virtual.

Como é estar de volta depois de tanto tempo?

Bruce: Na verdade, nem parece ter sido tanto tempo assim. Quando [illegible] sala, eu e Steve nos abraçamos [illegible] tinha me abraçado [illegible] três vezes na vida! Fantástico. Estamos todos ansiosos para compor música da melhor qualidade e nos divertir a valer tocando esse material.

Steve: Acho que vai ser maravilhoso ter Bruce e Adrian de volta. Estou muito animado de ter seis pessoas na banda. Três guitarristas vai ser muito bom. Que eu saiba não há ninguém no mundo do rock ou do heavy metal que tenha feito isso, além do Lynyrd Skynyrd. Eu gosto muito deles, embora o nosso som não vá soar nada parecido. Mas deve ser interessante. Adrian tocou conosco no bis da apresentação em Castle Donington (*N. da R.: No festival Monsters Of Rock*, em 1992) e foi ótimo ouvir as três guitarras.

Dave: O som do Maiden é muito favorável ao uso de três guitarras. Na verdade, uma grande parte do material gravado já tinha três partes [illegible] no estúdio, e agora conseguiremos reproduzi-las ao vivo. Quando formos gravar material novo, tudo será mais abrangente [illegible] três guitarristas se ocupando dos arranjos e solos. Vamos para uma nova dimensão. Às vezes as pessoas dizem que menos é mais, mas acho que no nosso caso mais é ainda mais pesado!



Blaze Bayley se esforçou mas não deu: foi pra rua

Janick: A estética da coisa é muito interessante. Agora podemos dobrar acordes e frases musicais e tornar o som mais cheio. As partes galopadas serão as mesmas, mas provavelmente a terceira guitarra as tornará ainda mais poderosas. Eventualmente poderemos deixar [illegible] pois uma guitarra pode [illegible] manter o ritmo e deixar as outras à vontade.

Adrian: Se já houve alguma banda em que três guitarras deixaram o som mais completo, essa é o Iron Maiden. As canções são longas e têm espaço de sobra para nós três. Isso nunca foi feito no campo do heavy metal e será surpreendente [illegible] lo suavemente diferente. Há muita coisa a fazer, mas não acho que haverá 98 solos de guitarra por música. Será uma mudança na textura do som. Quem sabe? É difícil dizer antes de [illegible] para o estúdio e trabalhar.

Como vocês acham que os fãs reagirão a essa mudança?

Bruce: Acho que eles vão adorar, e é ótimo porque [illegible] de desentendido quando me perguntaram: "Vai ser fantástico!" Sei que existe um [illegible] no Maiden, além de outros novos que só conhecem a banda por vídeos como o *Live After Death*, de 1985. É magnífico [illegible] essa oportunidade de unir efetivamente três gerações de fãs de rock. Há os que [illegible] que conheceram o [illegible] Maiden, os que conheceram a banda no auge de seu sucesso comercial, na década de 80, e agora uma geração inteiramente nova, dos anos 90. É maravilhoso pensar que eu não quero satisfazer as expectativas do público: quero excedê-las.

Mesmo com a volta, Bruce Dickinson está confirmado para shows solo no Brasil – marcados antes de seu retorno ao Iron – na segunda metade de abril. A partir de maio a banda empreende uma turnê pela Europa e Estados Unidos de divulgação da nova formação e [illegible] tório da banda. Em setembro o sexteto entra em estúdio para gravar um novo disco e o ano 2000 será dedicado a uma turnê mundial completa. Tudo como nos velhos tempos.

Casa-separa

A volta da formação clássica do Iron Maiden parece pule de dez, mas esse tipo de evento nem sempre dá certo. Houve reuniões de grandes bandas que vingaram e outras que não foram à frente...

RETORNOS FELIZES

Kiss – Apesar da qualidade duvidosa de *Psycho Circus*, de 1998, primeiro disco gravado pelo quarteto original em quase vinte anos, o grupo lota estádios e recheia cada vez mais as já polpudas contas bancárias.

O velho Kiss segue firme

Page & Plant – Após anos em carreiras fracas, o núcleo do Led Zeppelin retomou o encanto no CD *Walking Into Clarksdale*.

Black Sabbath – O sucesso de Ozzy Osbourne solo parecia ter tornado inviável a volta, mas o quarteto de Birmingham lançou um ótimo disco ao vivo, *Reunion*, e segue em turnê.

NOSTALGIAS ABORTADAS

O Van Halen não vingou

Van Halen – Após limar o cantor Sammy Hagar, os irmãos Ed e Alex resolveram trazer de volta David Lee Roth. A reunião não passou de duas músicas.

Deep Purple – A formação clássica só conseguiu se reunir em 1984, no bom disco *Perfect Strangers*. Durou pouco: ninguém na banda agüenta o guitarrista Ritchie Blackmore.

Beatles – A reunião dos integrantes vivos com a voz e o piano de John Lennon em "Free As A Bird" e "Real Love" ficou abaixo do alto padrão do grupo e não vendeu o esperado.

Texto: Marcelo Ferla, de Atlântida (RS)
Fotos: Tonico Alvarez

A capital do pop brasileiro fica no litoral do Rio Grande do Sul – pelo menos por dois dias, em fevereiro, quando rola o Planeta Atlântida

"AH! eu Sou GAÚCHO!"

A quarta edição do festival Planeta Atlântida foi a maior de todas: quase 90 mil pessoas assistiram a quinze shows, nos dias 5 e 6 de fevereiro, em Atlântida, a 90 quilômetros de Porto Alegre. Teve de tudo, dos pratas-da-casa pop roqueiros do Cidadão Quem, com direito a participação do gaiteiro Renato Borghetti, ao show de despedida da musa axé Ivete Sangalo, da Banda Eva (que ainda se apresentou com a Eva no Carnaval baiano), que culminou com sua auto-estocação para o ano 2000. "Ano que vem estarei de volta ao Planeta!", profetizou Sangalo, responsável pelo último show da festa, às 4h do sábado, que foi além para quem se esbaldou na danceteria comandada pelos DJs mais conhecidos da noite gaúcha. Em outro extremo da área de 30 mil metros quadrados, quatro bandas covers por noite animavam uma segunda danceteria (entre elas a sensação Dolly girl group com Biba Meira, ex-De Falla, segurando as baquetas). ▶

"Aqui é onde somos mais maltratados. E também é onde é maisbacana ser maltratado"

Humberto Gessinger

1º DIA: Uma loucura zen-abençoada

O monge Rinpoche garantiu o momento Tibetan Freedom Concert

Antes da festa, a oração. O palco estava armado, os portões tinham sido abertos há mais de três horas, os "planetários" já tinham gasto alguma grana e energia saltando de *bungee jump* ou escorregando no futebol de sabão, mas o festival não poderia começar sem a bênção do monge tibetano Rinpoche, 68 anos, que escolheu o município gaúcho de Três Coroas para passar o resto da vida. Rinpoche pediu à garotada para "aproveitar a vida, que é curta, de maneira grandiosa, com amor e compaixão".

Borghettinho tocou com o Cidadão Quem

Bem cotada entre os locais, a moçada do Cidadão Quem abriu a festa às 18h30 com um set eficiente de seu pop/rock melódico e participação do gaiteiro Renato Borghetti no hit "Punhal" (nome de outra praia gaúcha). Tempo para os planetários se dividirem entre o refrão da música e o grito de guerra "ah, eu sou gaúcho!"

Bruno e Coelho, do Biquíni: entrega total

O Biquíni Cavadão encarou uma platéia na casa das 25 mil pessoas com hits em versões regueiras e roqueiras (melhor recebidas). Depois de citar Tim Maia, homenagear a Legião ("Por Enquanto") e lembrar a excelente "Tédio", o vocalista Bruno chegou ao extremo da entrega à platéia, dando um *mosh*. "Só não podia perder os sapatos: foram os únicos que eu trouxe."

O Skank, que em 1997, embalado pela "Garota Nacional", tinha feito o show de encerramento, deu seu recado mais cedo este ano. Mas com a mesma competência. Vendendo 2 milhões ou 700 mil discos, ninguém tem mais hits na década de 90 do que a turma de Samuel Rosa. Um atrás do outro, eles garantiram a festa. Carta na manga, os mineiros encontraram com Ed Motta no almoço e levaram o cara pro palco. Resultado: vocais de apoio em "Te Ver" e parceria em "Just My Imagination" (dos Temptations). Ficou bacana.

Frejat, Rogério(Jota Quest) e Samuel em tributo a Tim Maia

Mas bacana mesmo foi a reação dos planetários ao Jota Quest (os ouvintes da Atlântida FM, promotora do Planeta, elegeram o quinteto mineiro como o melhor da festa). Era a centésima apresentação da turnê *De Volta Ao Planeta*, que havia começado em Porto Alegre. Aos bem-executados hits grudentos feito jingles do Jota Quest - que é muito melhor ao vivo do que em disco – foi incorporada uma homenagem a Tim Maia (que promoveu no Planeta, em 1998, um de seus últimos bailes). Meio forçada, valeu mais pelo encontro de Samuel Rosa, Frejat, Bruno, Ed Motta e Rogério Flausino.

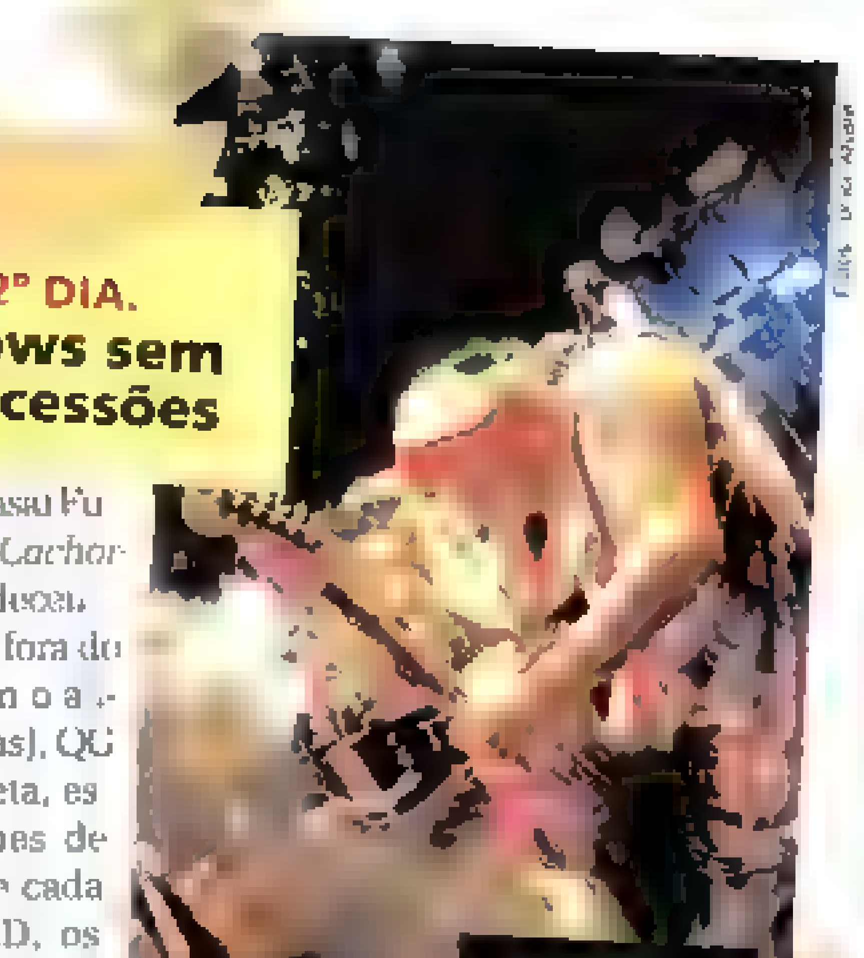
SAMUEL CANTOU COM OS TITÃS

O Barão entrou depois da meia-noite e depois do Jota Quest. Pegou um público já cansado e, apesar de se valer de seus hits, a platéia foi morna. Boa parte dos 35 mil presentes se poupou para os Titãs. Antes de subir ao palco, o guitarrista Marcelo Fromer sintetizou o que seria o show: "Atualmente, privilegiamos as coisas com as quais nos comunicamos melhor com o público. Estamos compreendendo melhor o que é o show biz". No bis, Nando Reis convidou Samuel para cantar "Resposta", parceria dos dois que Milton Nascimento vai gravar.

Samuel acabaria também dividindo o microfone com a vocalista Gil, da Banda Beijo, no pior show do Planeta, que começou às 4h da madrugada de sexta-feira. Coube à Escola de Samba Estado Maior da Restinga, de Porto Alegre, fechar a rodada, por volta das 6h da manhã. Já tinha gaúcho preparando o chimarrão quando a última cuíca roncou.

Ed Motta em jam gastronômica com o cantor nativista Neto Fagundes

2º DIA. Shows sem concessões


Os nativus Isabella e Kiko *(acima)* liberaram geral

No dia seguinte, sob sol escaldante, Nei Van Sória (ex-Cascavelettes, grupo de onde saiu Júpiter Maçã) fez o show mais rock n'roll do festival. Com muito pique de palco, ele baseou o repertório no bom CD *Jardim Inglês* e em hits locais como "Isso Inclui Você". "É difícil tocar músicas desconhecidas, mas é no show que as pessoas despertam para elas", comemorou Nei.

O grupo sulista de reggae pop Papas Da Língua despertou a massa com canções que o público já conhecia, como "Blusinha Branca" e "Garotas Do Brasil". A recepção foi boa, mas não tanto quanto se poderia esperar numa apresentação de uma banda deslavadamente pop que, segundo o bom vocalista Moah, "está no ponto para o sucesso nacional".

Curtindo o primeiro Disco de Ouro, o Pato Fu segura o sucesso sem medo de correr riscos. "Quando somos convidados para este tipo de show, perguntamos quem mais vai tocar", conta a vocalista Fernanda Takai. "Quanto mais popular é a lista de atrações, mais vamos para o outro lado. Temos que nos diferenciar." A apresentação, portanto, foi roqueira e pesada. Dividiu as radiofônicas "Canção Para Você Viver Mais" e "Eu Sei" com releituras de malditos – "Qualquer Bobagem", de Tom Zé, "Nunca Diga", da Graforréia Xilarmônica – e composições para iniciados em Pato Fu, como "A Necrofilia Da Arte". O público foi compreensivo. Quem não entendeu como foi escolhida a musa da festa, em pesquisa da rádio Atlântida, foi Fernanda Takai. "Fiquei até com vergonha. Como pode? Eu nem invisto nisso."

Fernanda, do Pato Fu: "Musa, eu?!"

Outro artista que ignorou o fato de o Planeta ser um festival de grandes proporções foi Ed Motta, que fez um show intimista e de alta musicalidade. "Eu sei fazer é sushi, não posso assar uma carne", comparou, nos camarins. Quando soltava a voz nos funks, a massa vibrava. Em outros momentos, houve respeito. "Não posso abrir mão de minha concepção", finalizou Ed com a sensação do dever cumprido, enquanto recebia do casal Fu John e Fernanda, o CD *Televisão De Cachorro*. "Adoro os clipes de vocês", agradeceu.

Há um ano, ainda desconhecidos fora do Distrito Federal, os Nativus lotaram o auditório Araújo Vianna (3 mil pessoas), QG do rock em Porto Alegre. No Planeta, estourados e esperando pelos toques de Liminha – "ele respeita os sons de cada um" – para gravar o segundo CD, os brasilienses transformaram a platéia em vocalista de apoio de seus hits.

ENGENHEIROS, DEPOIS AXÉ

O confronto de quase 50 mil pessoas com os amados/odiados Engenheiros do Hawaii foi um dos melhores momentos do festival. Com a melhor formação de todos os tempos (Humberto, o tecladista Lúcio Dorfman, o guitarrista Luciano Granja e o baterista Adal Fonseca), o grupo faria o primeiro show para um grande público no Estado natal. Não era como jogar em casa. "Este é o lugar onde somos mais maltratados. Mas também é o lugar onde é mais bacana ser maltratado", fraseou Humberto Gessinger. A apresentação começou avassaladora, com a quase gaudéria "Herdeiro Da Pampa Pobre", "Sopa De Letrinhas" e uma versão dançante de "O Papa É Pop". Jogo ganho. Só não foi o melhor show do Planeta por causa do anticlimático momento roadie-com-gaitinha/Humberto na guitarra em "Terra De Gigantes" e "Era Um Garoto...". Ainda que sem provocar a mesma empolgação do início, a banda levantou de novo a bola. Saiu do palco vitoriosa e crente no futuro, do qual mostrou uma das novas músicas, "Uma Fábula", versão de "The Logical Song", do Supertramp.

Depois, Terra Samba e Banda Eva levaram a energia baiana para encerrar a festa. Bastaram alguns arerês e os planetários saíram de órbita.

Marcelo Ferla é editor de música do jornal Zero Hora

Alguns astros que brilharam no Planeta Atlântida adiantam por quais caminhos vão andar em 1999

NATIVUS: Apronta para setembro o novo álbum, com produção de Liminha.

ENGENHEIROS: Soltam pela Universal em abril o CD *!Tchau, Radar!*

BIQUÍNI CAVADÃO: Lança CD novo no segundo semestre, com músicas como "Bolha De Sabão" e "Estrelas Do Mar".

Vai gravar sem pressa um disco para o ano 2000. Samuel quer incrementar suas parcerias, compondo com, entre outros, Fausto Fawcett.

Quer alcançar a marca de 250 shows em 1999 e preparar um novo álbum.

Estuda a possibilidade muito concreta de lançar seu *Acústico MTV* com grandes sucessos.

Vai gravar o novo CD novamente com o produtor Dudu Marote.

Globalização à sulista

O Planeta Atlântida é um evento anual realizado em Atlântida, a 90 quilômetros de Porto Alegre. Ele mixa elementos de grandes festivais internacionais (Lollapalooza, Reading) com sotaque, sol e organização sulistas. Além do prato principal, os shows, o Planeta oferece esportes pra ver e praticar (montanhismo, *bungee jump*, futebol de sabão...), tatuagens, piercings, danceterias, bares e afins.

A área campestre onde é montado o Planeta Atlântida tem 50 mil metros quadrados e abriga mais de vinte bares, duas danceterias, um campo de futebol de sabão, uma quadra de futvôlei e um ringue de boxe, além de diversas lojas, do camarote para os VIPs e do palco principal.

O passaporte para os dois dias custava 40 reais. Uma semana antes do Planeta 99, 30 mil camisetas com o logo da festa já tinham sido vendidas. O investimento total do evento, acrescentando-se a edição catarinense, que teve um dia (no final de janeiro), foi de 2 milhões de reais.

Em 1996, os Mamonas Assassinas foram a sensação. O Skank encerrou a festa em 1997 e Gabriel O Pensador, em 1998. Paralamas, Kid Abelha, Rita Lee, Fernanda Abreu, Daniela Mercury, Netinho, Charly Garcia, Fito Paez e Lulu Santos também já gravitaram na órbita planetária.

Desde 1998, a praia catarinense de Jurerê tem uma edição de um dia do Planeta Atlântida, nos mesmos moldes da gaúcha. A partir do ano 2000, há a possibilidade de o evento tornar-se itinerante, percorrendo o litoral brasileiro.

Das Cinzas de Kurt

Cinco anos depois do traumático suicídio do líder do Nirvana, esse tal de rock'n'roll continua vivo, muito forte e cheio de futuro

por Pedro Só

Primeiro as notícias. A capa da revista americana *Billboard* de 6 de março acusa: "Rock '98: ressurreição de um som resiliente". Resiliente, como bem ensinam os dicionários, é algo que tem poder de recuperação. Está lá para quem quiser ler, na publicação que é porta-voz oficioso da indústria fonográfica: "Trata-se de um fenômeno evidente nas lojas, no rádio e nas paradas, e não dá sinais de diminuir em pouco tempo..."

Pois é... Quem precisa de Kurt Cobain?

Calma, foi só uma provocação. O nome mais importante da década que está chegando ao fim não precisou viver nem metade dela para deixar sua marca. Mas você muito provavelmente vai achar uma perda de tempo vasculhar hoje, cinco anos depois de sua morte, alguns dos cerca de 6 mil sites dedicados ao líder do Nirvana.

O estouro do Offspring fez a imprensa estrangeira falar em "volta do rock"

Michael Stipe, do R.E.M., fugiu dos holofotes para viver em paz

V[illegible] pode até considerar necrofilia a [illegible] que faz pessoas [illegible] em páginas na Internet e revistas publicarem artigos com [illegible]. Talvez Kurt pensasse assim também – apesar de [illegible] antes de artista [illegible]. [illegible] Hendrix, Jim Morrison, [illegible] Brian Jones, Keith Moon, John Bonham, Sid Vicious, Elvis Presley, John Lennon... Nenhum [illegible] se matou. Por mais que alguns desses personagens tenham [illegible] autodes[illegible] na maioria dos casos [illegible] não [illegible] a morte [illegible] doles foram, até provarem em contrário, des-

correndo [illegible] overdoses acidentais.

De todas as partidas, todos os traumas que o rock morbidamente [illegible] colecionar e destacar ao longo dos anos, só dois casos graúdos [illegible] [illegible] Ian Curtis, do Joy Division, se enforcou em [illegible] de maio de 1980 [illegible] rock independente [illegible] Kurt Cobain [illegible].

[illegible] uma bala na cabeça em 5 de abril de 1994 [illegible] porta-voz de uma geração. Já tinha promovido uma revolução na indústria fonográfica, já tinha recuperado o caráter contestador (é sempre mais sensato escrever entre aspas) do rock.

O confuso e desiludido bilhete de des[illegible] Neil Young [illegible] queimar do que sumir", de "Hey Hey, My My" [illegible] entre os fãs: um idealista genial havia sido engolido pela máquina do "sistema". [illegible] Kurt Cobain, o artista plástico, expunha sua impotência [illegible] a tudo corrompe, [illegible] sem sentido.

[illegible] hip hop [illegible] 1998 [illegible] ultrapassou [illegible] gem e passou a ser o gênero musical [illegible] da terra do Tio Sam. "Assim como F. Scott Fitzgerald viveu a era do jazz, Bob Dylan e Jimi Hendrix foram os ícones da era do rock, não é difícil argumentar que vivemos a era do hip hop", publicou a revista Time, em recente matéria de capa.

O mundo [illegible] Puff Daddy [illegible] dominado por bandidagem rasteira [illegible] sobre rimas [illegible] vida de gigolô, e artistas metidos a bandidos (que adoram ameaçar de morte jornalistas e colegas). E não é soberano apenas em rentabilidade: também produz fenômenos reconhecidos pelo talento e criatividade, como Lauryn Hill, a grande vencedora do último Grammy. Tem que aturar.

REAGINDO NA ERA DO HIP HOP

O [illegible] poder econômico, sampleando sem criatividade sucessos do passado. O que Puff Daddy fez com "Every Breath You Take", do Police, é uma operação sem riscos. [illegible] pagou para usar a mais [illegible] Claro, isso pode ser visto como vingança [illegible] foram [illegible] roubados (por Led Zeppelin e Rolling Stones, entre outros) em seus direitos autorais. Tem que aturar também.

O rock? Até ano passado ainda estava de cotadinho nessa história. As vendas de grupos como Smashing Pumpkins, Van Halen, [illegible] Marilyn Manson [illegible] sido decepcionantes – para as gravadoras, [illegible] de 1995 [illegible] se ouviu e leu foi um chororô sobre a falta de novos nomes [illegible] rock.

[illegible] uma [illegible] surpresa. Os nomes apontados pela *Billboard* como redentores do rock – pelo menos, no sentido mercadológico – são Offspring [illegible] discos vendidos em apenas três meses), Korn (1,3 milhão), Creed (2,7 milhões), Matchbox 20 [illegible] Marcy [illegible] Nessa turma está incluído Everlast, que [illegible] grupo de rap House Of Pain [illegible] dar de rumo ao sair em carreira solo. "Arrisquei minha carreira fazendo um disco de rock", conta ele.

Na Inglaterra, jornalistas historicamente ligados ao rock andaram apelando e promovendo o country alternativo de bandas americanas como Whiskeytown. Mas hoje os tablóides *New Musical Express* e *Melody Maker* [illegible] uma tal de "volta do rock".

O Offspring, [illegible] maior inspirador dessas manchetes. Estourado nas rádios de lá com "Pretty Fly (For A White Guy)", o quarteto californiano fez uma turnê arrebatadora pelo Reino Unido. Com uma safra bem interessante de bandas de rock (Placebo, Gomez) e os Manic Street Preachers provocando uma devoção [illegible] Legião Urbana entre a molecada, o berço da cultura rave ainda adora pulsar num [illegible] por quatro.

Everett True, legendário jornalista e cidadão que teve papel essencial na divulgação do trabalho do Nirvana quando o grupo ainda era uma obscuridade, esta [illegible] Sebadoh, banda americana alternativa que [illegible] 1989 [illegible] e vai atrás de informação (como tanto pregou o finado Cobain), sempre é possível descobrir boas bandas de rock. Ao gosto do freguês: pesado ou pop, com influências country, hip hop ou tecno.

Sim, tecno. No Brasil, país que ousa se [illegible] independência cultural sem copiar a última moda de Londres ou de Berlim, a música eletrônica ainda não é popular. Parte da imprensa especializada [illegible] suas qualidades de maneira [illegible] como se fora dela não houvesse salvação. Trava-se uma guerra pseudoideológica regada por elitismo e arrogância que, vista à distância, parece uma [illegible] entre marlenistas e emilistas. E tome esta [illegible] a cuspir nos jornais: "O rock acabou", "o futuro é tecno". A reação radical aos sons eletrônicos costuma ser igualmente patética.

MIL POSSIBILIDADES DE FUSÕES

Hoje o rock não é mais "cool" (expressão [illegible] entre os [illegible] com português globalizado). De acordo com alguns formadores de opinião, gostar desse gênero [illegible] de adolescente suburbano.

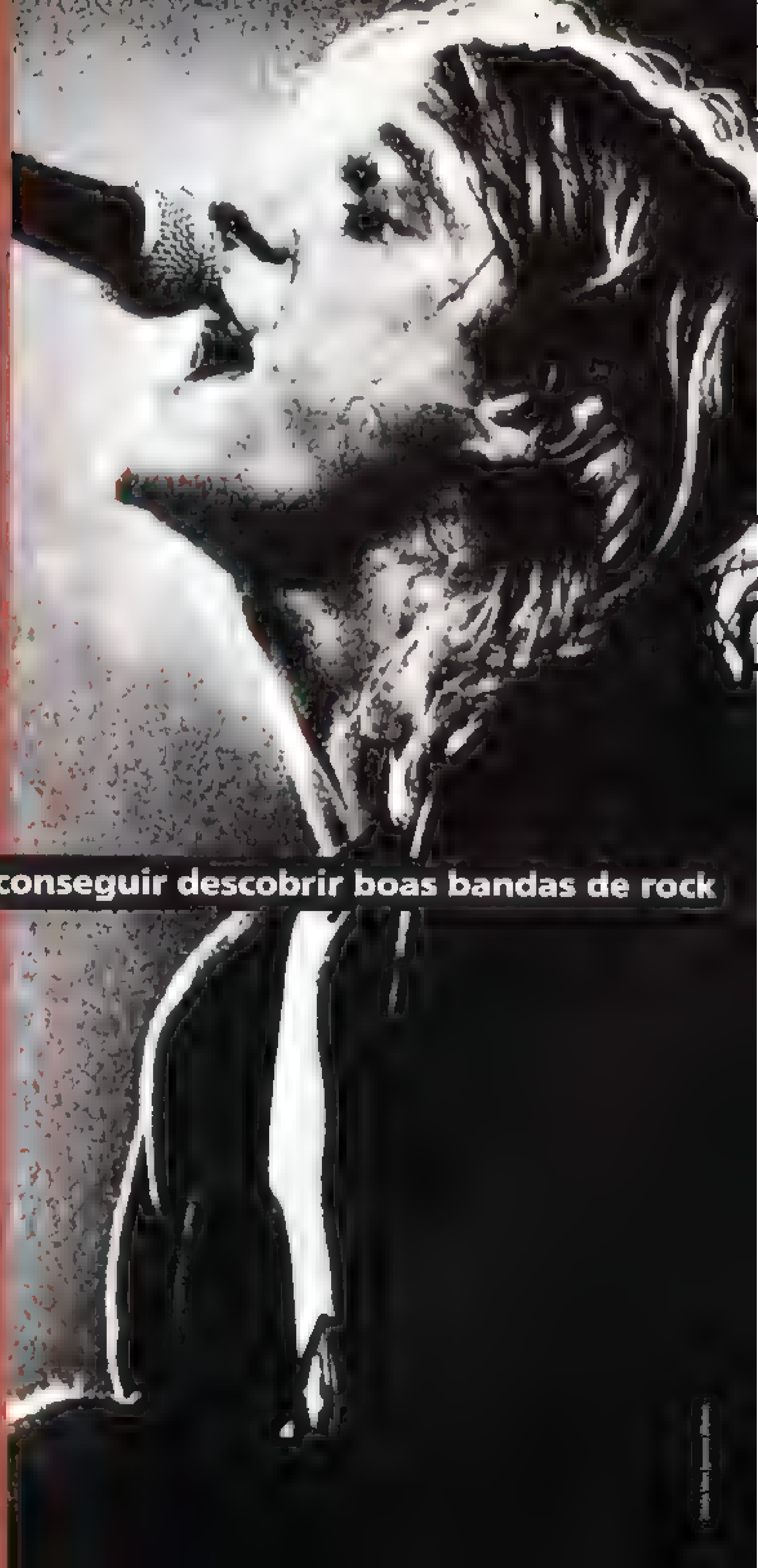
Claro, algumas pessoas envelhecem, outras são [illegible] em suas paixões, outras [illegible] vida.

Como o próprio Kurt Cobain aconselhava: quem corre atrás da informação sempre vai conseguir descobrir boas bandas de rock

Em 1994, o Nirvana tentava se expor menos à mídia

Kurt Cobain não existe há cinco anos. Mas seus heróis Michael Stipe, do R.E.M., Bob Mould (ex-Husker Du e Sugar) e Frank Black (ex-Pixies) estão todos aí, vivos. Os três fizeram antes do Nirvana a mesma revolução. Produziram música sincera, independente e transgressora, sem compromissos a não ser com a expressão individual. Em determinados momentos de suas carreiras, todos eles voluntariamente [illegible] da ribalta, deram passos para trás, diminuíram suas platéias.

Stipe admitiu que agiu assim há pouco numa entrevista que deu ao *Melody Maker* junto com Courtney Love, hoje sua grande amiga. "Você conseguiu se [illegible] bem, saiu como um santo", comentou Courtney Love. Em 1993/94 o Nirvana tentou o mesmo truque, lançando *In Utero* e excursionando por [illegible] médios. Kurt Cobain [illegible] não quis levar o processo até o fim e cometeu o suicídio que tanto anunciou em canções e entrevistas. Mas sobrou muita gente viva por aí.



Mais tranquilo e longe da roda viva do sucesso. Roger mantem o deboche

Eu *ainda* me amo

As gravadoras podem não tratá-lo com o devido respeito. Mas Roger sabe que é um dos grandes talentos do rock nacional e segue tocando feliz o Ultraje A Rigor

por Danilo Monteiro Fotos: Alessandra Levtchenco

Muita gente se surpreendeu com a notícia de que o Ultraje A Rigor ainda estava em atividade nas [illegible] de dezembro do ano passado [illegible] deste ano de SHOWBIZZ. O único remanescente da formação original é Roger Rocha Moreira. Aos 42 anos, [illegible] um dos destaques do [illegible] *[illegible]*, disponível em VHS [illegible] geração 80.

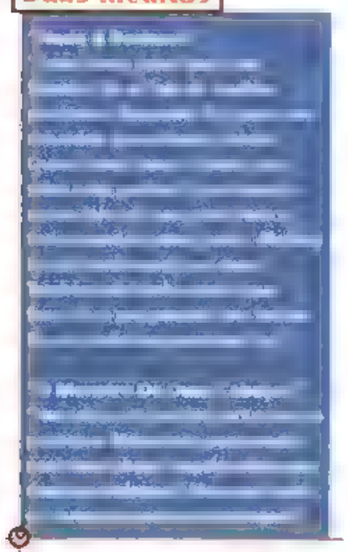
A reportagem de SHOWBIZZ foi encontrar-se com o autor de "Inútil", "Pelado", "Rebelde Sem Causa" e outros clássicos do rock nacional em um condomínio fechado no elegante bairro do Morumbi, em São Paulo. De jeans e camiseta, esperava na porta. A casa que divide com a mulher, Solange, e com um papagaio – Frederico, que passou a maior parte da entrevista no ombro de Roger, até arriscando um "[illegible] tolô, mas o gato-tô..." – é ampla, com decoração sóbria. Chamam a atenção apenas [illegible] na parede, uma imensa TV em frente ao sofá, [illegible] na mesa de canto, uma coleção de caixinhas de cigarros Camel [illegible] parecia ser uma pistola.

Roger [illegible] Ultraje [illegible] São Paulo e Minas Gerais. Passa [illegible] parte do tempo recluso, não tem filhos, "porque senão ia querer ficar ainda mais tempo em casa e por [illegible] filho ainda". Compõe pouco: "Minha média é de quatro músicas por ano". Assiste à TV, [illegible] ao computador, brinca com Frederico, dá [illegible] no estúdio, que fica no subsolo da residência [illegible] Raimundos e para [illegible] fins de semana. "Não tenho círculo social. [illegible] uma casa gostosa [illegible] das pessoas de ▶

minha idade, ou dos meus vizinhos. Não faço questão de status mas de conforto. Eu me sinto acampado aqui", desabafa, entre risos. "Fico um pouco deslocado. Sempre fui assim, no colégio só me dava bem com uns cinco caras da turma do fundão. Na época do sucesso, a gente sabia separar bem quem era satélite."

Roger garante que a queda do topo das paradas não foi traumática: "Não me sinto injustiçado pelo fato de os Titãs, os Paralamas e o Barão sobreviverem (*na mídia*) e o Ultraje não. Posso até já ter me sentido. Mas uma parcela da culpa é minha mesmo. Eu estava cansado, achei todo o meio musical ridículo naquela época. Não estou querendo ofender ninguém, mas me pareceu que todos estavam participando de um jogo que eu não fazia questão de jogar. Meio radical da minha parte", acrescenta. Se eu estivesse pior de vida, talvez fosse mais rancoroso.

Duas inéditas



Mais difícil do que deixar a roda-viva da fama foi enfrentar a crise dos 40 sendo aquilo que definem como "roqueiro". "Tenho uma vida muito ligada aos jovens, ao mesmo tempo não quero parecer 'tiozão', nem bancar o skatista. Mas já saí dessa." A idade e a vida criam dificuldades na hora de compor: "Eu pensei em satirizar numa música a vida de casado, mas essa é uma realidade distante do meu público, que é adolescente. Quando eu debochava dos valores da classe média, como em 'Rebelde Sem Causa', estava zombando de nós mesmos". Roger está com vontade de voltar a fazer músicas na antiga linha. "Compus durante a crise, mas eram coisas rancorosas, ou feitas de propósito, que interessavam só a mim. Eu gosto de provocar, mas também de passar coisas boas para as pessoas."

Na página do Ultraje A Rigor na Internet (*www.ultraje.com*), há quatro faixas que podem ser ouvidas: duas inéditas (*ver letras ao lado*) e duas ao vivo. "Rebelde Sem Causa" e a *traditional* (de domínio público) inglesa "My Bonnie", que estão incluídas em um possível futuro CD ao vivo.

O tal álbum ao vivo é a grande pedra no sapato de Roger. Gravado em Curitiba, há pouco mais de três anos e a vem tentando lançá-lo, mas até agora nenhuma gravadora bateu o martelo. "Talvez tenha havido um erro de estratégia nosso. No Brasil o disco ao vivo é considerado coisa menor, então pode ser mal gravado. E a gente captou os shows em 48 canais. Está ficando caro para finalizar, para os padrões nacionais. E eu não queria pôr nenhuma música nova nele, mas acho que vou ter que fazer isso."

Se a idade e a experiência mudaram a cabeça de Roger, algo ficou intocado. "A sensação de estar no palco é quase a mesma. O que mudou foi a vontade de viajar. Antes, ficar vinte dias fora de casa, na estrada tocando, era a maior farra. Agora, pô, dormir no ônibus, ir lá longe é incômodo... Numa época tive que limitar os shows a quatro por semana, porque a gente estava fazendo até seis, era muito estafante. Até pelo relacionamento da banda: um não conseguia mais ver a cara do outro. Hoje, dois por semana está bom. Mas chegar ao palco e ver a galera pular é gostoso."

O ESTÍMULO SEXUAL VIROU MUSICAL

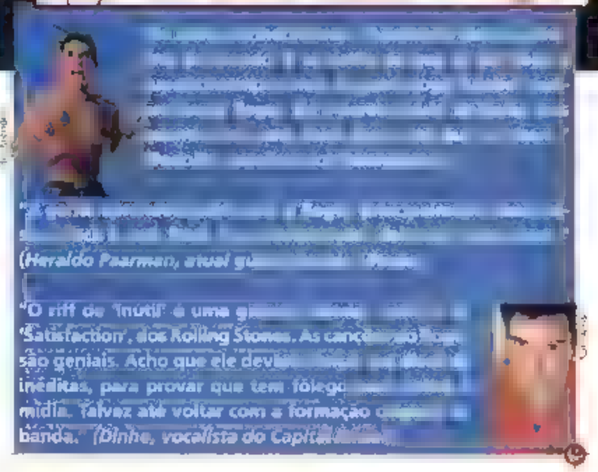
As turnês do Ultraje hoje em dia são menos movimentadas do que antigamente, em vários sentidos. Sabe aquela história de quebrar hotéis, ser assediado pela mulherada? Tinha sim, senhor. "No Rio, por exemplo, precisamos mudar de hotel, porque criamos má fama. Uma vez, em Caxias do Sul, o Carlinhos e o Maurício tiveram de pagar o equivalente a um carro usado pelas despesas que causaram. Aí teve uma hora em que perdeu a graça. No começo era coisa de moleque, havia uma tolerância, depois já não éramos tão moleques assim, as pessoas pararam de achar engraçado." As substâncias ilícitas não entraram no coquetel da fama, para Roger. Ele conta que parou com elas antes do lançamento do primeiro disco, o clássico *Nós Vamos Invadir Sua Praia*. "As drogas começaram a detonar em mim o que hoje chamam de síndrome do pânico."

Roger esteve envolvido numa acusação de estupro, em 1987, por conta da mãe de uma fã de 13 anos. Foi absolvido. "Eu não precisava disso. Foi um mal-entendido. A garota até hoje me manda cartões de aniversário". O cantor recebia cartas de mocinhas que queriam perder a virgindade e era um autor de "Sexo". "Uma vez eu estava no camarim, após o show, e houve um blecaute. Aí, imediatamente eu senti um monte de mãos [illegible] do meu... uma certa parte do meu corpo. Foi só um minuto, acendeu a luz e todo mundo tinha. É só podia ter sido aquelas garotas que estavam em volta. Aí uma delas disse 'não fui eu'. Eu perguntei: 'Não foi eu o quê?'" *(ri)*. As pessoas mudam com a maturidade." Hoje o estímulo para um [illegible] musical bem é fazer barulho."

Em tempo: no fim da entrevista, Roger revelou que a tal pistola serve, na verdade, para atirar bolinhas de plástico em latas de refrigerante dispostas sobre a TV, em momentos menos inspirados do dia.

Vários momentos do Ultraje: na sucessão de guitarristas, Edgar Scandurra, Carlinhos e Sérgio Serra, e a nova formação 1991 até hoje

Eles também amam Roger



(Heraldo Paarman, atual gu[illegible])

"O riff de 'Inútil' é uma g[illegible] 'Satisfaction', dos Rolling Stones. As canções [illegible] são geniais. Acho que ele deve[illegible] inéditas, para provar que tem fôlego [illegible] mídia. Talvez até voltar com a formação [illegible] banda." *(Dinho, vocalista do Capital[illegible])*

A LENDA E A FERA

Tony Iommi, guitarrista do Black Sabbath, encontra o coleg e pupilo Dimebag Darrell, do Pantera, para um bate-papo

por Daniel Oliveira, de Los Angeles

As pessoas têm razão quando associam o heavy metal ao ocultismo. Realmente, o que mais se vê no gênero musical de bandas como o Black Sabbath e o Pantera são artistas dados como mortos por muita gente levantarem estádios mundo afora. A atual turnê em conjunto dos ingleses de Birmingham com os texanos de Dallas é mais um atestado de óbito desmentido energicamente.

Com Ozzy Osbourne (voz), Tony Iommi (guitarra), Geezer Butler (baixo) e Bill Ward (bateria), o Black Sabbath fincou as raízes do metal nos anos 70. Hoje o quarteto é uma das maiores lendas vivas do rock'n'roll principalmente desde o retorno da formação original há pouco mais de um ano.

Já o Pantera, formado por Phil Anselmo (voz), Dimebag Darrell (guitarra), Rex Brown (baixo) e Vinnie Paul (bateria), tem seu estilo baseado na fúria do metal atual. Hoje o grupo – que no início fazia música comercial e usava um visual à la Poison ou Motley Crue – perde apenas para o Metallica em vendagem de discos de metal nos EUA. Seus três últimos trabalhos, *Official Live: 101 Proof* (1997) *The Great Southern Trendkill* (1996) e *Far Beyond Driven* (1994), entraram direto no top 10 da *Billboard*, desbancando medalhões do pop e do rap.

De passagem em Los Angeles para dois shows no estádio Great Western Forum os guitarristas Tony Iommi e Dimebag Darrell conversaram com SHOWBIZZ sobre metal, drogas, mulheres, guitarras e outros gêneros de primeira necessidade.

Grupos como Korn, Deftones e Coal Chamber têm feito sucesso com um metal de levadas hip hop, andamentos quebrados e instrumentais simples. Esse estilo pode ameaçar a existência do metal mais técnico e trabalhado de grupos como os de vocês?

Tony - Nem um pouco. Há público para todos os estilos musicais. Já provamos nosso potencial e as pessoas nos respeitam por isso. É legal quando alguém cria algo novo e a garotada curte, mas nunca seremos afetados.

Dimebag - Qualquer imbecil pode comprar uma guitarra, tocar acordes simples e vestir calças largas onde cabem três pessoas. Com esses grupos que ficam cantando "Yo motherfucker!" nem se consegue saber se os vocalistas são negros ou brancos. Essa onda jamais ameaçará o metal mais tradicional. O Black Sabbath existe há trinta anos e ainda lota shows. O Pantera vai durar o mesmo tempo.

O Pantera está com a mesma formação há mais de uma década, mas o Black Sabbath sempre mudou seus músicos. Dimebag, que conselhos você daria a Tony para ele conseguir manter seu grupo?

Dimebag - Eu não poderia aconselhá-lo porque ele é Deus *(risos)*. No Pantera, somos quatro caras bastante parecidos. Nas outras bandas um cara tem três filhos, o outro é professor de não sei o que e por aí vai. Todos gostamos de encher a cara, curtir um som e compor.

Tony - A diferença é que o Black Sabbath está na ativa há trinta anos. No início mantivemos a mesma formação por dez anos, só que depois as coisas começaram a se desgastar. Mas se eu, Ozzy, Geezer e Bill tivéssemos ficado juntos o tempo todo certamente não estaríamos excursionando agora. Aprendemos mais sobre a indústria musical porque estivemos com nossos próprios projetos. Isso nos fez voltar com uma atitude mais positiva.

Ao contrário do Black Sabbath, o Pantera ainda abusa do sexo, drogas e rock'n'roll. Tony, o que você acha dessa atitude de Dimebag?

Tony - É a maneira como ele e seus companheiros curtem a vida. Fizemos a mesma coisa no começo. Era festa todas as noites, mas isso acaba diminuindo com o passar do tempo. Ainda gosto de me divertir, mas não posso mais beber ou tomar drogas antes de subir no palco. Superamos essa fase porque vimos que estávamos exagerando. O pessoal do Pantera pode mandar brasa porque ainda é jovem.

Dimebag - As pessoas são diferentes. Se Tony curte ficar sóbrio, maravilha! Posso vê-lo sorrindo no palco todas as noites. Talvez um dia meu corpo fique estourado e eu tenha que diminuir.

Mas você não tem medo de morrer como tantas lendas do rock'n'roll?

Dimebag - Já vivi mais que tantas pessoas. Já fiz tantas coisas que poderiam ter me matado... Quero diversão na minha vida. Quando a morte chegar, tudo bem, não tem jeito mesmo.

Algumas bandas reclamam das turnês porque não há nada para fazer durante o dia. Como vocês passam o tempo na estrada?

Tony - Quando chego a alguma cidade gosto de caminhar e fazer compras.

Dimebag - Carregamos nosso equipamento de gravação. Vamos para o hotel, fumamos um baseado, enchemos a cara e levamos um som. Também vamos para boates de striptease. Sabemos como nos divertir.

Falando em mulheres, dizem por aí que as tietes andam meio sumidas do mundo do rock. Vocês concordam?

Dimebag - Mentira! Sempre há algumas para o Pantera *(risos)*. Alguns músicos correm atrás delas só para se gabar, o que não é o nosso caso.

Tony - Ainda vemos *groupies*, mas vamos embora logo depois do show. Somos tão protegidos por seguranças que não dá para encontrá-las. Nos anos 70 às vezes ficávamos com uma garota diferente a cada hora.

Os cantores Ozzy e Phil viajam em seus próprios ônibus. Por que a privacidade?

Dimebag - Sou um cara que nem sempre dorme. Fico zoneando o tempo todo. Phil precisa dormir para descansar a voz. Mas o ônibus apenas nos transporta. Logo que chegamos ao local do show bebemos uma cerveja e levamos um som.

Tony - Agora temos nossos próprios ônibus e camarins, mas não por causa de problemas de relacionamento. Gostamos de ter, cada um, seu próprio canto. Podemos relaxar e dormir quando desejamos.

O que vocês acharam do novo grupo de Max Cavalera?

Tony - Não conheço bem o Soulfly, mas gosto muito do Max como pessoa. Fico feliz que esteja na ativa novamente.

Dimebag - O grupo é legal, mas é terrível ver irmãos separados. Sou muito próximo de meu irmão *(o baterista Vinnie Paul)*, e jamais toleraria isso acontecendo conosco. Seja como for, Max é demais e compôs grandes músicas.

Vocês são normalmente votados nas revistas de instrumentos como os melhores guitarristas de metal. Por que acham que seus estilos de guitarra atraem tantas pessoas?

Tony - O que faço vem do coração. Os riffs são meu ponto forte, eu criei os mais pesados. Sou conhecido por causa deles.

Dimebag - Minhas raízes vêm de uma época musical fantástica. Tive sorte de ser influenciado por Eddie Van Halen, Randy Rhoads *(primeiro guitarrista da banda solo de Ozzy Osbourne)*, Tony Iommi, Glenn Tipton e K.K. Downing *(Judas Priest)* e outros grandes guitarristas. Cresci ouvindo músicos que realmente sabem tocar, não esses caras que nem conseguem afinar suas guitarras. Toco com a alma e desenvolvi meu próprio estilo.

Planos futuros?

Tony - Quando a turnê terminar, voltarei a Los Angeles para trabalhar no meu disco solo. Espero que o Sabbath faça shows até o fim do ano, mas tudo ainda está no ar.

Dimebag - Vamos tirar algumas semanas de folga e depois partimos para um disco novo.

O LORDE E O CAIPIRA

O contraste de personalidades entre Tony Iommi e Dimebag Darrell (o apelido, "saco de dez centavos", é uma gíria americana que significa pequena quantidade de maconha) fica claro em pouco tempo de papo

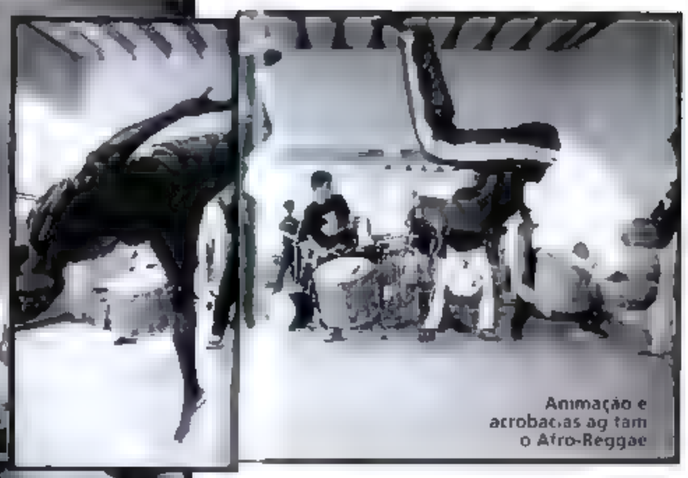
Tony Iommi	Dimebag Darrell
Black Sabbath	Pantera
51 anos	32 anos
inglês, de Birmingham	americano, do Texas
cabelo nos ombros e bigodão	cabelo imenso e barba colorida
canhoto	destro
afinação tradicional	afina a corda mais grave em ré
voz calma e rouca	berra o tempo todo
é educado e reservado	diz palavrões e expõe a própria vida sexual
no palco, se concentra na guitarra	bate cabeça e pula o tempo todo
é abstêmio	aprecia cerveja e maconha

JOVENS E COROAS DO METAL

Pantera e Black Sabbath devem ficar juntos na estrada pelo menos até o final de março. Até agora, os fãs não reclamaram do que viram no palco. Com sua pancadaria técnica, que se deve principalmente ao trabalho virtuoso do guitarrista Dimebag Darrell e do baterista Vinnie Paul, o Pantera se movimenta freneticamente no palco. O canto uníssono do público prova que músicas como "Walk", "Becoming" e "Fucking Hostile" já são clássicos do heavy metal. A idade não faz a menor diferença quando o Black Sabbath entra no palco. Ozzy Osbourne pula o tempo inteiro, Bill Ward surra sua bateria, o baixista Geezer Butler bate cabeça e o guitarrista Tony Iommi enfrenta sorrindo duas horas de show mesmo com problema de coluna – que não, não vão forçá-lo a cancelar a turnê. Eles ignoram as duas músicas novas do disco *Reunion* e se concentram em clássicos como "Iron Man", "Paranoid" e "Children Of The Grave".

Daniel Oliveira

Mande suas demos e CDemos para:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP



Animação e acrobacias agitam o Afro-Reggae

Na batida da favela

Criado a partir de uma ONG, o grupo carioca Afro-Reggae encanta comunidades e gringos com seu som moderno e dançante

A favela de Vigário Geral, na Zona Norte do Rio – próxima à divisa com a Baixada Fluminense –, sempre foi apenas mais uma. Isso até o dia 30 de agosto de 1993, quando 21 moradores da comunidade foram barbaramente assassinados pela polícia fluminense, em nome de uma vingança pela morte de policiais, dias antes. Até o nome da até então desconhecida região – uma favela plana ladeada por uma linha férrea, correu o mundo, pelo pior motivo possível. Na época Vigário era dominada por um exército de traficantes de drogas e um grupo de intrépidos já havia iniciado os trabalhos de uma organização não-governamental para melhorar as condições de vida da população local.

Um dos integrantes da ONG era um jovem chamado José Jr., que, como tantos pelo Brasil e pelo planeta, já havia se envolvido com o mundo do crime, e estava resolvido a trabalhar do outro lado. Ironicamente, o horror da chacina chamou a atenção de outras ONGs e autoridades para Vigário, o que proporcionou um crescimento do Afro-Reggae. Hoje a organização dá aulas de música, esportes, dança, capoeira e mais sentido às vidas de 400 jovens. Seu principal filhote é um grupo musical performático de dezoito pessoas, que tem o mesmo nome da ONG e apresenta uma explosiva mistura de reggae, pop, samba, hip hop e ritmos africanos. O grupo ensaia em uma casa da favela, decorada com motivos afro e um painel que retrata celebridades que já ajudaram-no, como Caetano Veloso, Herbert de Souza e os grupos O Rappa, Planet Hemp e Cidade Negra. As bandas eventualmente contribuem com a ONG, ministrando oficinas e doando instrumentos.

"O conjunto nasceu dos cursos de música, quase ninguém aí sabia tocar nada", conta Júnior, mostrando Cléber, de 12 anos, esbanjando competência na bateria. A percussão é uma das bases do som do Afro-Reggae, que no início tirou inspiração do baiano Olodum. As primeiras apresentações foram em escolas, depois uma aparição no julgamento dos acusados pela chacina rendeu boa repercussão, o grupo cresceu e foi adquirindo uma cara própria. Hoje a semelhança com a turma do Pelô é pouca. A formação inclui baixo, guitarra, samplers e scratches vindos de um DJ. Enquanto os músicos mandam ver no instrumental, cantores-dançarinos (incluindo as meninas Michele e Bianha) agitam o atual espetáculo, *Nova Cena*. "Começamos os ensaios tirando apenas sons dos corpos, no que chamamos de usina musical", conta Júnior, que acumula as funções de coordenador-geral da ONG com as de diretor e produtor da banda. A tal usina se dedica em parte a reproduzir sons da violência, como os tiros que já dominaram a comunidade mas hoje estão cada vez mais raros. "O tráfico por aqui diminuiu em uns 90%", conta Júnior, que mesmo assim precisa contar com a autorização "dos homens" para tocar o projeto. E ele vai de vento em popa. Em novembro do ano passado 3 mil pessoas foram aos Arcos da Lapa, no Centro do Rio, assistir ao Afro-Reggae em uma noite que também oferecia Titãs e Green Day. O grupo acaba de gravar um CD-demo – com músicas como "Atrás" e uma versão meio hip-hop, meio embolada para "Faroeste Caboclo", da Legião Urbana –, bancado pela gravadora Sony e produzido por Nélson Meirelles (que já trabalhou com o Cidade Negra). O contrato deve vir em breve.

Bernardo Araujo

Calientes y pesados

"Aqueles que amam e aqueles que são felizes não são os mesmos." Não importa se o escritor Marcel Proust viveu décadas atrás, o seu pessimismo romântico sempre será atual, e prova disso são **Los Hermanos**, quinteto carioca com pouco mais de um ano de vida e duas demo-tapes lançadas. Agora, a surpresa: eles tocam hardcore. "Chamamos de hardcore melodioso, e não melódico. Não queremos ser associados às bandas da Califórnia", explica o cantor e guitarrista Camelo. A banda tem ainda Bruno (teclado), Patrick (baixo), Amarante (segunda voz) e Rodrigo Barba (bateria).

De uma demo para a outra muita coisa mudou. A influência inicial era música latina, mas logo descambou para o hardcore e letras inspiradas em gente como Noel Rosa e Nelson Cavaquinho. Sente-se também um cheirinho de ska. "Uma banda que influenciou bastante a gente foi o Acabou La Tequila. Principalmente a parte mais hardcore, que aparece quase que de forma incidental nas músicas." As letras de amor rasgadas e o som pesado, para eles, nasceram um para o outro. Os Hermanos serão a atração carioca no Abril Pro Rock.

Giovana Hallack

Los Hermanos: "hardcore melodioso e não melódico".

Raio-D Um exame das demos mais interessantes do mês

4-Track Valsa

Som: Rock melódico com harmonias sofisticadas
Origem: Rio de Janeiro, RJ
Auto-retrato: "Nossas coisas preferidas são filmes de John Hughes, discos de João Gilberto e Astrud Gilberto, Chet Baker, Mutantes, festa em casa"
Resumo crítico: Boas composições, os arranjos são um pouquinho repetitivos, mas bem bolados
Produção: Regular
Contatos: (021) 899-0888 e (021) 396-8903
E-mail: valsa@imagelink.com.br

Coletânea Guitar

Som: Guitar bands, ou seja, grupos que caiam sua música em arranjos dinâmicos para guitarras, em rocks de levadas lentas e vocais suaves
Origem: Curitiba, PR
Destaques: Equipe Espacial, Tods, UV Ray
Resumo crítico: A qualidade das bandas é irregular. Como se trata de uma coletânea dedicada inteiramente a um subgênero, a audição tem alguma chance de se tornar cansativa. Mas quem gosta tem amplas possibilidades de dele ter são doze bandas em 25 faixas
Produção: Regular
Contatos: (041) 222-9443

Calvins

Som: Punk rock divertido e despretensioso, com sopros
Origem: Rio de Janeiro, RJ
Auto-retrato: "Divertir se divertir e fazer dançar princípios básicos do rock'n'roll – são os nossos lemas"
Resumo crítico: Gravada ao vivo no Rio mostra a versatilidade dos músicos ao verter o som para o formato acústico. Mas no formato elétrico deve ser a coisa melhor
Produção: Regular
Contatos: (021) 208-8861 e (021) 594-0352
E-mail: leoguima@openlink.com.br
Homepage: http://members.xoom.com/Calvins_HP/

Ed Motta

"Não agüento mais rock. O som da guitarra distorcida me irrita"

Ed está de mudança. Apesar da inebriante vista para a Lagoa Rodrigo de Freitas, na Zona Sul do Rio, o apartamento atual chegou ao limite de sua capacidade: já não há mais onde amontoar CDs, LPs, instrumentos, vídeos, livros, quadrinhos, vinhos. A parte da bagunça que nos interessa – "são mais de 3 mil discos ao todo. De repente, 4 mil. Não, desde que chegar a 5 mil..." – confunde-se o auditório – está dividida entre a sala, onde se concentram os vinis, e o estúdio, pouso dos CDs. Mas, claro, não necessariamente. "As vezes, preciso ouvir um disco e não acho", confessa Ed.

As coisas que encontrou para nos mostrar, no entanto, já seriam suficientes para fazer muita gente babar na camisa. Menos os roqueiros: Ed está em outra praia há muito tempo. "Ainda coleciono tudo do Led Zeppelin. Outro dia, até me deu vontade de ouvir o *Quadrophenia*, do Who, por um fator nostálgico. Mas isso é muito de vez em quando. Não agüento mesmo o som da guitarra distorcida, me irrita."

A relação de Ed com o CD-player é movida a periódicas paixões fulminantes. No que ele descobre algo novo, mergulha fundo até virar catedrático. E por novo, em geral, entenda-se velho. Atualmente, Ed ouve quase que exclusivamente grandes compositores americanos dos anos 30/40 – os monstros Cole Porter, George e Ira Gershwin, Hoagy Carmichael (autor de standards como "Stardust" e "Georgia On My Mind") e, em especial, Stephen Sondheim (autor de musicais como *West Side Story*). "Quando estou na Internet ainda bato um soul. É muito frenético. Mas quando paro para ouvir música nunca é pop. É sempre a música popular americana tradicional e musicais", diz ele, apontando dois favoritos do momento: *A Little Night Music*, de Sondheim, e *Cabin In The Sky*, de Vernon Duke.

O soul, influência primeira de Ed, tem lugar pronunciado em sua coleção de discos, do mestre Isaac Hayes (a voz do Chef do desenho *South Park*), Gladys Knight & The Pips e Ashford & Simpson (casal que escreveu hits para Ray Charles e outros artistas nos anos 60 e que emplacou gravando as próprias composições na era discoteque) a nomes menos manjados, como Don Blackman e Roy Ayers. "Prefiro o soul da Motown e da Filadélfia ao da Stax. Aliás, os negros americanos não gostam desse soul de Commitments, meio rock, essa coisa de (cantando) 'I'm a sooooul man'!!!". Isso é mais direcionado ao público branco mesmo."

Recentemente, Ed comprou pela segunda vez a coleção completa do Steely Dan (cultuado grupo pop jazzístico californiano). "CD tem isso, quando você ouve demais, começa a pular." Atualmente, o álbum que mais corre esse risco na casa de Ed é *Saudade*, de Moacyr Santos, compositor e arranjador da Rádio Nacional. "Eu e a Edna (*mulher de Ed*) ficamos disputando o disco", diz ele, [illegible] top do momento [illegible]

Jaime Braggio

O apartamento de Ed não comporta mais tantos CDs, vinhos e revistas em quadrinhos

Alta Rotação

HARRY WARREN
Smithsonian Collection of Recordings
"É parte de uma coleção de trinta CDs que cobre todos os grandes nomes da canção americana. Eles editaram ainda uma caixa com gravações de Cole Porter, dos irmãos Gershwin e de Hoagy Carmichael. Compre todos. São músicas muito bonitas, ricas, que eu conheci por meio de discos de intérpretes como Frank Sinatra e Ella Fitzgerald, dedicados à obra desses compositores. Não é descartável, para ouvir rápido e digerir rápido. Você tem que sentar e apreciar com atenção. Mesmo porque são originais de 1930, a qualidade técnica não é das melhores."

CASSIANO
Imagem e Som/Cuban Soul/Apresentamos Nosso Cassiano
"Cassiano só lançou três discos. Tenho os três, o primeiro deles autografado. *Cuban Soul*, o segundo, é o melhor. E o mais experimental é o *Apresentamos*..., o terceiro. Muita gente pensa que esse disco nem saiu. Parece que vendeu menos de 500 cópias. É uma porra-louquice total. E o *Entre e Ouça* dele *(referência ao disco mais experimental e malsucedido comercialmente do próprio Ed)*."

GUINGA
Delírio Carioca
"É o melhor disco dele. Tive dois mestres no Brasil: Cassiano e Guinga *(violonista carioca, parceiro de Aldir Blanc)*. Foi ele quem me levou a ouvir música clássica e também quem me apresentou Stephen Sondheim. É um disco que marca um período especial para mim. Eu estava indo morar nos Estados Unidos e estava embasbacado com o trabalho do Guinga. Este disco abriu a minha cabeça para muita coisa."

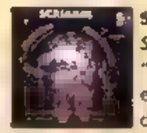
MOACYR SANTOS
Saudade
"Ele tem aquelas melodias simples da música brasileira, um pouco como o Dori (Caymmi) faz, mas gosta de rebuscar as harmonias. É contemporâneo do Radamés Gnatalli na Nacional, mas o Radamés era mais sofisticado, enquanto o Moacyr tem uma coisa mais de rua. E ele é bom de arranjos de sopro. Quando você começa a se aprofundar nesse tipo de som, começa a sentir as diferenças entre os arranjadores. Um é melhor nas cordas, outro nos sopros. E o Moacyr, nos sopros, está no mesmo nível de Henry Mancini e Gil Evans."

EDU LOBO
Tempo Presente
"É um dos meus favoritos dentre os discos dele. Só saiu em CD no Japão. Os arranjos são do Dori Caymmi. Tem uma das músicas que eu mais gosto do Edu: "Balada de Outono", com a participação do Maurício Einhorn."

DOUG CARN
Soul Jazz
"É um organista e pianista do início dos anos 70. A música que ele fazia era exatamente isto, uma mistura de jazz com soul, bem hermética. Ele lançou só cinco discos e influenciou o acid jazz."

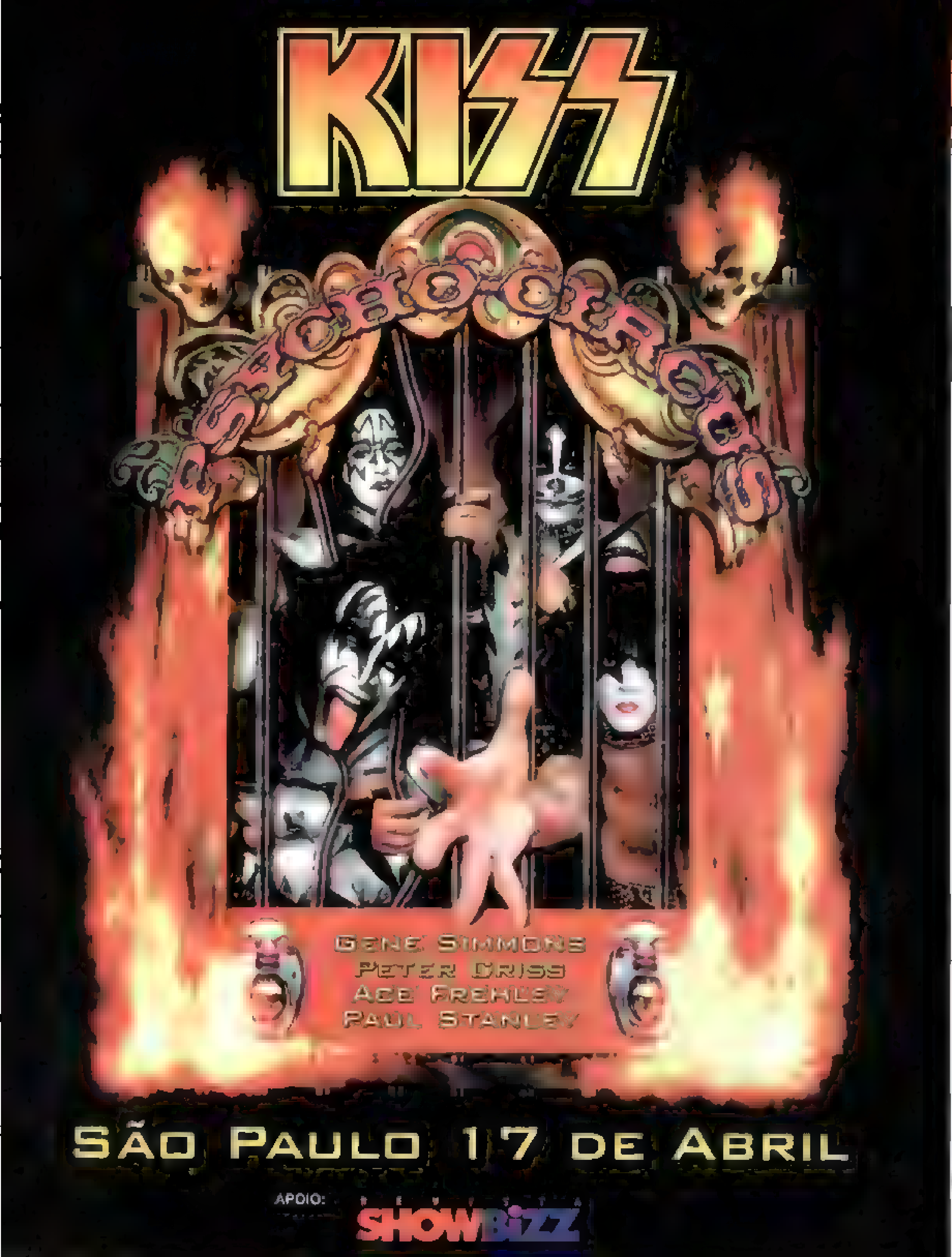
ROY AYERS
Coffy (trilha sonora)
"Esse é o filme mais famoso da Pam Grier (atriz de *Jackie Brown*, do diretor Quentin Tarantino). E ele é um dos meus artistas pop favoritos, além de grande vibrafonista. Abri o show dele no Summerstage do Central Park, em julho do ano passado. Acabamos cantando cinco músicas juntos."

LEROY HUTSON
The Very Best Of Leroy Hutson
"Quero que ele participe do meu novo disco. É um pianista que foi arranjador e produtor do Curtis Mayfield *(lenda viva do soul da Filadélfia)*. Mora hoje na Alemanha. Gostaria que ele fizesse um arranjo de cordas ou algo assim. Mandei meus discos para ver se ele se interessa."



SCRIABIN
Suite Misterium
"O cara é russo, compositor erudito, mas você ouve este disco e lembra de Tom Jobim e Radamés. Foi uma grande influência deles. É o mesmo universo sonoro, lembra também o Claus Ogerman *(polonês que fez os arranjos de cordas em discos de Sinatra, Tom Jobim e João Gilberto)*. Hoje é meu compositor erudito preferido."

STEPHEN SONDHEIM
Side By Side
"É uma espécie de 'greatest hits' de vários musicais dele. Todos os arranjos foram adaptados para dois pianos e um cantor. Foi o primeiro que eu comprei do Sondheim. Serviu como introdução. Agora estou ouvindo os musicais mesmo, com os arranjos orquestrados e tudo."



Salada mística

Overdose de curry não impede banda inglesa de regurgitar neopsicodelismo da pesada

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

KULA SHAKER
Peasants Pigs & Astronauts
Columbia/Sony Music

Esses ingleses são uns lunáticos. Veja Crispian Mills. Tem 25 anos, bonito, bem nascido, boa voz, ótimo guitarrista e compositor. Fascinado pela cultura indiana e pelo rock das décadas de 60 e 70, ele fundou um grupo chamado Kula Shaker. No fim de 1996, lançou um empolgante álbum de estréia, K, e tornou-se um astro. Pelo menos na Inglaterra, onde emplacou nas paradas até música cantada em sânscrito.

Ao mesmo tempo em que levitava o superego em budismo, tantra e *Livro Tibetano dos Mortos*, queimava a língua no curry de sua própria porra-louquice. Quando disse publicamente que a peste bubônica tinha sido boa para a humanidade e incentivou a molecada britânica a tomar drogas psicodélicas e pegar doenças, Crispian foi visto apenas como mais um maluco-beleza. Quando declarou numa entrevista que Hitler talvez fosse um cara legal, quase botou tudo a perder. Precisou pedir mil desculpas e licença para ir ali na Índia ficar um ano em posição de lótus.

Volta agora com álbum produzido por Bob Ezrin (mago de estúdio responsável por *The Wall*, do Pink Floyd, e *Berlin*, de Lou Reed) e gravado num barco no Tâmisa onde Dave Gilmour (guitarrista do Floyd) montou um estúdio.

Crispian e sua turma – o tecladista Jay Darlington, o baixista Alonza Bevan e o baterista Paul Winterhart – são músicos privilegiados. Botam no chinelo 99 por cento dos contemporâneos do britpop. Sua maior façanha, porém, é reciclar criativamente a psicodelia dos anos 60 e 70, com excelente trabalho de guitarras e o órgão aparecendo em meio a um mundo de sons aquosos.

As faixas "S.O.S." e "108 Battles", por exemplo, trazem grooves chumbados evocando Iron Butterfly e Uriah Heep, tão bons que parecem novos clichês. "Esta é a era da decadência e da democracia/ Às vezes eu acho que o mundo não está pronto para mim", berra Crispian, em "S.O.S.", que já espirra a expressão tr[illegible]sh. A viagem é da pesada, com arranjos grandiosos que unem rhythm & blues chapado e instrumentos indianos de percussão, tabla, flautinhas de encantador de serpentes e violinos sarung.

Em três faixas pseudoetéreas, a coisa vira hit pop. "Shower My Love", exercício pop solitário do disco – o Kula não é de facilitar –, é uma grande canção que George Harrison e John Lennon poderiam ter feito juntos. Mas é na demência apocalíptica de "108 Battles" – puro Yes de discos como *The Yes Album*, de 1969 – e "Great Hosannah", que a banda realmente provoca visões. "Não entrem em pânico, é apenas o fim do mundo", dedica a tresloucada "Mystical Machine Gun". Para quem está aqui no Brasil, faz muito sentido. Sabe que esse Crispian não é lá tão doido assim?

Pedro Só

Nota 7

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista

Discos/Críticas

BLONDIE
No Exit
(Beyond/BMG)

Astros da new wave voltam à ativa em boa forma

O nome da banda, diminutivo, hoje contrasta com a figura de dona Deborah Harry, ex-sex symbol atualmente mais para matrona. Mas alguns momentos deste álbum de reunião são capazes de nos fazer acreditar que o tempo não passou. A come[illegible] [illegible] cadia [illegible] conduzida por guitarras limpas e pelos trinados da sra. Harry. Ao longo do disco o saudosismo alterna-se com momentos em que Debbie, Clem Burke (bateria), Jimmy Destri (baixo/teclados) e Chris Stein (guitarra) tentam flexionar novos músculos. Às vezes funciona, como em "Boom Boom In The Zoom Zoom Room", diálogo entre um sax e uma batida solta. Às vezes não, como [illegible], embaçada por teclados de mau gosto, raps inadequados e um arranjo vocal tão bombástico quanto medíocre. Mas quase não há erros [illegible]. Rockinhos como "Screaming Skin" e bombons pop como [illegible] [illegible]

Jaime Braggio Nota 7

VÁRIOS
Cartola – O Sol Nascerá
Revivendo

Gravações ancestrais de sambas geniais

Cartola esperou até 1974 para lançar um LP próprio. Por conta [illegible] [illegible] produção antes do sumiço na década de [illegible] devido reconhecimento como gênio na década de 70. Entre 1929 e 1933, jovem (nasceu em 1908) e arengueiro, ele era uma promessa que vendia sambas por 300 mil réis. Teve nesse período cinco músicas gravadas: uma por Carmem Miranda, outra por Sylvio Caldas, e duas por Francisco Alves (entre elas a primeira obra-prima, "Divina Dama"). A partir daí, foi lembrado apenas esporadicamente. Maravilhas como "Tive Sim", gravada em 1952 por Gilberto Alves, "Grande Deus", registrada por Jamelão em arranjo para gafieira, em 1958, e a raridade "Festa Da Penha", cantada por Ari Cordovil também em 1958, [illegible] quanto a indústria fonográfica brasileira foi injusta com Cartola.

Pedro Só Nota [illegible]

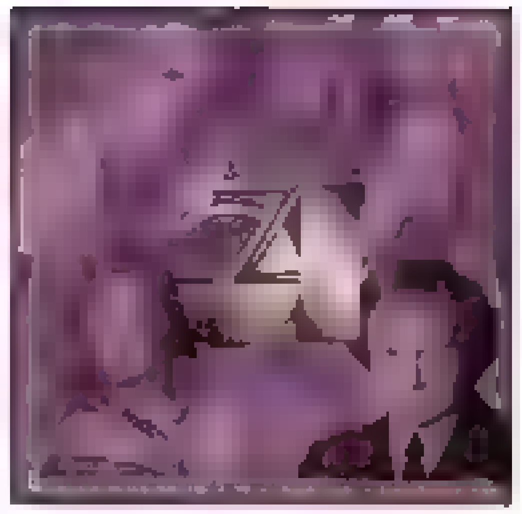
Crescendo a [illegible]

SILVERCHAIR
Neon Ballroom
Sony

A despeito dos comentários de que não passava de um trio de moleques querendo ser Pearl Jam ou Nirvana, os australianos Daniel Johns (guitarra e voz), Chris Joannou (baixo) e Ben Gillies (bateria), de fato na casa dos 18 anos, seguiram vendendo muitos CDs e agora chegam ao terceiro trabalho, *Neon Ballroom*. Os dois primeiros, *Frogstomp* e *Freak Show*, não contaram com essa megaprodução. E a arregimenta orquestra e teclados em diversas canções e inclui até um piano esquisitão tocado por David Helfgott (o maluquinho do filme *Shine – Brilhante*) em "Emotion Sickness", música que abre o disco e uma das melhores. Com a voz rouca e eventuais falsetes, Daniel vai se libertando dos fantasmas de Kurt Cobain e de Eddie Vedder que o assombravam, enquanto mostra cada vez mais competência na guitarra. As letras também batem sua bola. Em "Anthem For The Year 2000" ele canta: "Somos os jovens, e estamos batendo na porta/ Vamos compensar no ano 2000". A cozinha também se mostra segura, principalmente o baterista *zeppeliniano* Ben Gillies, cujo bumbo ouve-se com destaque do início ao fim de *Neon Ballroom*. Outros destaques são a delicada "Ana's Song (Open Fire)", "Miss You Love" e "Satin Sheets". Embora ainda lembre, aqui e ali, da turma de Seattle, um Black Sabbath aqui e um Radiohead ali, o Silverchair fez um disco de rock de gente grande.

Bernardo Araujo Nota 9

Daniel, Ben e Chris: são moleques bons de rock



VÁRIOS
The Best Of 54
Tommy Boy/Warner

Trilha de filme resgata o glamour da discoteca

Esta trilha sonora resume bem o que foi musicalmente a segunda metade dos anos 70. Frequentado por Andy Warhol e Jackie Kennedy, o Studio 54 reunia [illegible] em noitadas embaladas por drogas, sexo e discoteca. Na pista, artistas como Diana Ross e Chic se misturavam a Thelma Houston e Santa Esmeralda. Todos esses brilham no CD em bons arranjos, com produção impecável e letras simples e diretas, como no caso de "The Boss", "Young Hearts Run Free" e "Don't Leave Me This Way". O CD garante um lugar na história [illegible] gênero que era tido como [illegible]

Felipe Zobaran Nota [illegible]

PRISSTEENS
Scandal, Controvery & Romance
Almo Sounds IMPORTADO

Rock feminino com energia e delicioso apelo pop

Se for armação, é armação do bem, feita por quem entende do assunto: o produtor Richard Gottehrer, o homem que lançou o Blondie. Se as Go-Go's tomassem anfetaminas, tocariam assim. Se Suzi Quatro, musa glam rock dos anos 70, [illegible] boa [illegible]. Se você está cansado de [illegible] feias, sujas e malvadas tocando punk rock frouxo na maior gritaria, este disco de estreia é pra você. Enfim, uma banda "feminina" (descontado o baterista Joe Vincent) sem sonões com repertório irretocável. Há apenas rock'n'roll, mas com uma abordagem pop, ressalta da no acento "grupinhos de garotas" [illegible] vocais à capela e a deliciosa marcação de dedinhos estalando. E a escolha de covers é excelente: inclui "Sorrow" [illegible] [illegible]

P. S. Nota 9

EVE 6
Eve 6
BMG

Distorção e letras sérias de adolescentes californianos

Dexter Gordon [illegible] Offspring [illegible] a volta do rock [illegible] estampam revistas [illegible] europeias [illegible] [illegible] [illegible] As guitarras [illegible] dias e até um eventual pezinho no ska estão lá, mas não é só isso. O trio não se intimida em [illegible] [illegible] as letras, como diria Woody Allen em *Manhattan*, precoces demais para a idade dele.

B. A. Nota [illegible]

VÁRIOS
Pulp Surfin'
(Del-Fi/Abril Music)

Guitarras à vontade para dançar e surfar

É evidente, no título e na pose da [illegible] na capa, a referência a Quentin Tarantino e seu *Pulp Fiction*, já que se trata de [illegible] da trilha. Ou reverência: não [illegible] Dick Dale [illegible] *Pulp Surfin'* [illegible] anos 60 [illegible] [illegible] From Jeepers", creditada a um tal Mr. Guy e na verdade composta e produzida por Frank Zappa (um pé no saco [illegible] [illegible] de 1960 de um certo Eden Ahbez, que deve ter deixado um moleque chamado Jim Morrison cheio de minhoca na cabeça.

J. B. Nota 8

GROOVERIDER
Mysteries Of Funk
Columbia/Sony

Drum'n'bass do DJ segue firme e inovador

É uma lástima que o espancamento sonoro proporcionado pelo drum'n'bass de DJs como Grooverider se mantenha restrito, com raras exceções, a desfiles de moda e vinhetas televisivas no país do axé. [illegible] Grooverider desde o final da década de 80 [illegible] em *Mysteries Of Funk* [illegible] [illegible] ritmo. O primeiro [illegible] mentor do *hardstep* e parceiro de Goldie [illegible] [illegible] Rainbows Of [illegible] Time & Space [illegible] [illegible] *The Double* [illegible] drum'n'bass é [illegible] revolução musical [illegible] pelas mãos do DJ Grooverider. Não é só o big beat que tem seu funk *soul brother*.

Marcelo Ferla Nota 9

VOÏVOD
Phobos
Slipd s/Abril Music

Canadenses seguem com um thrash honesto

Quando estreou em disco com o aterrorizante *War And Pain*, de 1984, o quarteto canadense Voivod (nome de uma sanguinária tribo indígena local) se colocava na vanguarda da barulheira, com ruídos vocais guturais e temas de ficção científica que depois seriam adotados por muita gente. Na época o grupo contava com Snake (vocais), Blacky (baixo), Piggy (guitarra) e Away (bateria). Com o passar dos anos a rapaziada foi aprendendo a tocar melhor, adicionou mais ruídos ao som (sem perder uma única arroba de peso) e agora aparece com este interessante *Phobos* gravado dois anos atrás. Dos músicos originais restaram Piggy e Away – hoje com os nomes reais, Dennis D'Amour e Michel Langevin –, que formam a banda ao lado de Eric Forrest (baixo e voz). A fúria segue intacta como se pode comprovar em faixas como "Catalepsy I", "Catalepsy II" e "Bactéria". O lado progressivo também segue em alta, com a versão para "21st Century Schizoid Man", do King Crimson, nos mesmos moldes de "Astronomy Domine", do Pink Floyd de anos atrás.

Bernardo Araujo Nota 8

CESARIA ÉVORA
Best Of
BMG

Antologia seresteira da voz iluminada de Cabo Verde

Eis uma bela introdução a um maravilhoso mundo. A cantora cabo-verdiana Cesaria Évora teve quatro discos editados no Brasil – um deles, a coletânea *Sodade*, de 1994, trazia faixas de três álbuns lançados só na França, *La Diva Aux Pieds Noirs* (1988), *Distino Di Belita* (1990) e *Mar Azul* (1991). Esta nova antologia ainda traz duas gravações inéditas, uma "Besame Mucho" (!), originalmente incluída na trilha do filme *Grandes Esperanças*, vale como bizarrice, outra, "Louza", é bela como um samba de Nelson Cavaquinho. Aliás, seu compositor é B. Leza, paraplégico, ilho de Cesaria (gravado recentemente por Carlinhos Brown) especie de Nelson Cavaquinho de Cabo Verde.

Parentes do lundu afro, do fado português e das nossas modinhas, as mornas (gênero musical cabo-verdiano) dominam o disco. As coladeiras (outra especialidade do arquipélago), ligeiramente assanhadas, parentes do ancestral do beguino caribenho, quase não entraram no álbum. O resultado é um disco lindo e seresteiro.

Pedro Só Nota 9

DUNCAN SHEIK
Humming
Atlantic/Continental

Murta classe no segundo álbum do trovador

Duncan Sheik surgiu na cena nova-iorquina em 1994 com um álbum homônimo, aclamado por crítica e público, puxado por "Barely Breathing". Algo surpreendente para o pop sofisticado com letras inteligentes de suas canções, em um meio no qual predomina a repetição e a mediocridade. Após quatro longos anos, ele retorna com *Humming*, que confirma que o tempo de espera não foi em vão.

Novamente co-produzido com Rupert Hine (Tina Turner, Kate Bush), o disco foi gravado na Espanha e em Nova York. Com ótimos músicos e a London Session Orchestra, as canções de Sheik não sucumbem a arranjos super-produzidos. Ao contrário, são valorizadas pela simplicidade do trabalho do maestro Simon Hale.

Tocando basicamente violão e guitarra – ocasionalmente piano –, Sheik prova ser versátil indo do pop rock de "Bite Your Tongue" até baladas como "A Body Goes Down", "Varying Degrees Of Con-Artistry" e "House Full Of Riches". Elas denunciam uma influência do britânico Nick Drake, que, por sinal, é citado ao lado de Bob Dylan, Brian Wilson, Jimmy Page e outros na letra de "That Says It All", em que Duncan adverte que "sempre queremos o que nunca temos/ não adianta fingir que está tudo bem, quando nada está". Dois minutos depois da última faixa irrompe uma belíssima balada acústica não creditada, conduzida pelo etéreo violão de Sheik.

Celso Pucci Nota 8

Pacote de bambas

BETH CARVALHO, MARTINHO DA VILA E ZECA PAGODINHO
Pacote com doze CDs
BMG

reedição

Quem quiser medir a milhagem de distância entre o samba - aquele que vem desde Ismael, Noel e Cartola – e o pagode de butique, subproduto do mercado, pode encarar um pacote de doze CDs da BMG. É a passagem para o digital de LPs de Beth Carvalho (4), Martinho Da Vila (5) e Zeca Pagodinho (3) que marcaram o ramo. Primeiro o ex-sargento, fluminense de Duas Barras, Martinho José Ferreira.

Ele estourou logo na estréia, *Martinho Da Vila* (1969), com "Casa De Bamba", "Pequeno Burguês" e "Pra Que Dinheiro?". Tudo partido alto. Ele também repaginou um novo formato (mais compacto) do samba- enredo, o das faixas "Iaia Do Cais Dourado" e "Carnaval De Ilusões". Voz arrastada de malandro criado na Boca do Mato, Méier, suburbio carioca, Martinho desenvolve o estilo no seguinte *Meu Iararaia* (1970), um pouco inferior (destaque para a melancólica "Madrugada, Carnaval E Chuva") e no ótimo *Memórias De Um Sargento De Milícias*, com uma seleção de partido alto de Geraldo Babão, Xangô, Ary Do Cavaco, alem de "Segure Tudo" (dele), "A Flor E O Samba" (Candeia) e "Pode Encomendar O Seu Caixão" (Cabana). Sem contar a faixa-título, do lendário João Da Bahiana, o seguinte *Batuque Na Cozinha* (1972) arrasava em "Balança Povo", outra seleção de sambas de roda e partido alto, um calango e um samba-enredo, "Onde O Brasil Aprendeu A Liberdade". *Origens*, homenageia o pioneiro Donga em "Pelo Telefone", tributa Monsueto e ainda ataca de Monarco ("Tudo Menos Amor").

Carioca da Gamboa, Beth Carvalho começou na bossa-nova e toada moderna ("Andança" foi do festival de 1968), emburacou no samba e nunca mais saiu. *Mundo Melhor* (1976) leva o título de uma parceria do ancestral Pixinguinha e Vinicius De Moraes, propaga o clássico "As Rosas Não Falam" (Cartola), além de cantar Martinho ("Volta Pro Morro"), Nelson Cavaquinho e Guilherme De Brito ("Quero Alegria") e Ismael ("Com A Vida Que Pediste A Deus"). *Na Fonte* (1981) mescla a velha guarda (Nelson Cavaquinho, Casquinha, Argemiro, Cartola) com o pessoal do (bom) pagode, Jorge Aragão, Sombrinha, Arlindo Cruz. Em *Traço De União*, ela engata parcerias inusitadas como Dorival Caymmi e Caetano Veloso ("Força Da Imaginação"), João Bosco e Martinho (a do título), Almir Guineto e Toquinho ("Meu Reino"), mas a parada não vingou. Melhor é *Suor No Rosto* (1983), que amarra uma seleção de jongos, o hino pagodeiro "Caciqueando" e promove a estréia de Zeca Pagodinho.

Do próprio Zeca, o pacote (de CDs vendidos em separado) oferece *Boêmio Feliz* (1989), *Mania De Gente* (1990) e *Pixote* (1991). O carioca manhoso de Irajá grava os contemporâneos do pagode (Arlindo Cruz, Beto s/ Braço, Jorge Aragão, Acyr Marques), não esquece o elo com a velha guarda (Paulo Da Portela, Alcides Lopes, Argemiro, Manacéia, Candeia, Monarco, Wilson Moreira) e ainda faz parceria com Martinho ("É de Black Tie") fechando o círculo do samba de raiz, tronco e frutos. Uma árvore que balança, mas não cai.

Tárik de Souza Nota 8

Martinho lidera o pacote do pagode

Blues para roqueiros

Otis Rush mostra o que sabe ao vivo no Japão

OTIS RUSH
So Many Roads – Live In Concert Nota 8

LITTLE WALTER
The Blues World of Little Walter Nota 7

MEMPHIS SLIM
Memphis Slim U.S.A. Nota 8

BIG JOE WILLIAMS
Piney Woods Blues Nota 7
Abril Music

reedição

Responda rápido: De onde Stevie Ray Vaughan tirou o nome de sua banda, Double Trouble? E como "I Can't Quit You, Baby", de Willie Dixon, chegou aos ouvidos do Led Zeppelin, que a regravou em seu primeiro LP? Tanto "Double Trouble" como "I Can't Quit..." são sucessos de Otis Rush, um dos maiores guitarristas vivos do blues de Chicago e autor de clássicos como "All Your Love", que Eric Clapton e John Mayall registraram na antológica parceira de 1966. Em *So Many Roads – Live In Concert*, gravado no Japão em 1975, Rush dest la o melhor de seu repertório com solos de intensa carga emocional.

O pacote da Abril Music traz tambem o maior gaitista moderno do blues, Little Walter. A técnica refinada e o timbre encorpado que faziam o instrumento soar como um sax tenor influenciou literalmente todos os que vieram depois. O CD reune gravações de 1950 e 51 e traz entre os acompanhantes seu patrão na época, Muddy Waters. Walter ainda não tinha amadurecido o estilo exuberante que mostraria pouco depois em clássicos de Muddy, como "Got My Mojo Working" e "I Just Want To Make Love To You", mas já estava acima da media.

Memphis Slim é outro fera. O pianista podia tocar de mambo a rock, com muito boogie e alguns blues lentos, sem perder a identidade. *Memphis Slim U.S.A.* ousa na instrumentação, que inclui celesta (teclado que soa como vibrafone), bongôs e saxes.

A bordo de um violão de nove (!) cordas, Big Joe Williams podia fazer complexas linhas de baixo. Ele afirmava ser o autor de "Baby, Please Don't Go" (creditada por Muddy Waters a si próprio) e "Good Morning Little Schoolgirl", que fez sucesso com os Yardbirds e que Sonny Boy Williamson também dizia ser sua. Ouça ambas com Williams e decida.

Helton Ribeiro

ZÉ RENATO E ORQUESTRA
Silvio Caldas 90 Anos
Indie Records

Após lançar, em 1994, *Arranha-Céu*, com o repertório do seresteiro Silvio Caldas, agora Zé Renato – na carreira solo paralela ao Boca Livre – arregimentou uma orquestra para gravar ao vivo clássicos como "No Rancho Fundo", "Chão De Estrelas" e "Serra Da Boa Esperança". Fica a sensação de que o preciosismo instrumental substitui a criatividade. Não é problema de qualidade. Zé está cantando muito bem. Os arranjos da orquestra, embora um pouco repetitivos, são competentes, dão às musicas um toque sublime. Alguem pode argumentar que só se conquista o futuro tendo um passado sedimentado. Mas é bom lembrar que a musica brasileira teve seus momentos de maior força quando havia artistas dispostos a repensá-la, injetando-lhe ar fresco, como na Bossa Nova ou no Tropicalismo. Parece que Zé Renato comete um ato falho ao cantar "Promessa": "Pedi pra chover/ pro verde voltar/ e até hoje estou esperando essa chuva chegar/ (...) vai chover no coração do Brasil". Tem muita gente com sede ainda.
Danilo Monteiro Nota 6

NEY MATOGROSSO
Olhos De Farol
Universal/PolyGram

Um grande cantor de volta ao idioma pop

Depois de quase uma década sem gravar canções inéditas, Ney Matogrosso sentiu saudade do seu passado pop e fez o seu melhor disco em muitos anos. O repertório que mescla compositores de diversas gerações (Peter Luis, Rita Lee, Jamar Assumpção, Cazuza, Lenine e Samuel Rosa, entre outros) *Olhos De Farol* é pop contemporâneo com flerte à ritmada da MPB, bons arranjos e interpretações inspiradas e, acertadamente, dotado de nenhuma afetação. Dois dos melhores momentos tem a marca de Pedro Luis: o rap-rock "Miséria No Japão" (com versos adicionais à gravação original do autor) e o baião "Vazô O Quê?". Outras boas faixas são "Novamente" (de Fred Martins e Alexandre Lemos), uma balada com acento oriental, e "Poema", letra que Cazuza fez para a avó materna quando tinha 17 anos e que ganhou arranjo bluesy de Roberto Frejat.
Hagamenon Brito Nota 7

MASSIVE ATTACK
Singles 90-98
Virgin

Caixa de onze CD-singles dos papas do trip hop

A Associação Brasileira de Produtores de Discos deveria proibir a entrada da caixa do Massive Attack, *Singles 90-98* no Brasil, porque ela deixa muito claro o vexatório estágio atual da industria fonográfica no país de Alexandre Pires. Primeiro, porque se trata de uma reunião de CD-singles, um formato que inexiste por aqui. Fica claro como os compactos são importantes para a expansão artística de uma banda e como os remixes são usados para desbravar novas possibilidades artísticas e sonoras (o remix do Portishead para "Karmacoma" é tudo o que Hendrix teria se surgisse hoje em dia, e a parceria com Mad Professor nos singles "Tear-drop" e "Angel" é lição de modernidade). Ensina aos tapuias que remix serve muito para que um outro artista dê a sua visão para um mesmo tema, não para conformar uma faixa-de-trabalho ao gosto de cada dono de rádio.

Ainda há o elemento surpresa de depararmos (já) com classicos do trip-hop, como "Protection", "Unfinished Sympathy", "Teardrop". E finalmente *90-98* explica que a "ousadia" compensa: a maior parte dos singles aqui presentes entrou bonito nos Top 20 ingleses. Claro que os compactos na Inglaterra não são vendidos a preço de álbum, como fazem nossos espertos inteligentes por aqui. Claro que lá existe paralelo de sucesso oficial. Tudo bem: a musica compensa o sentimento de inferioridade.
Ricardo Alexandre Nota 9

PRAS
Ghetto Supastar
Ruffhouse/Sony Music

Terceiro fugee fracassa em trabalho solo

No trio nova torquino de rap Fugees, Pras desempenha um papel muito importante. É o cara que busca cafezinho e outras aditivos durante as gravações. Ou manda um "deixa disso" quando a cantora Lauryn Hill e o rapper Wyclef Jean (os verdadeiros talentos) entram em conflito por causa de algum arranjo. Pelo seu esforço, ele é recompensado com alguns versos em meio às criações do trio. Mas aí ele achou que também era talentoso e o resultado é *Ghetto Supastar*. O disco é um apanhado de batidas frouxas, raps quebram o tabibitate e participações não tão especiais. O primo Wyclef Jean toca guitarra e solta um "hey ho" vez ou outra. Ol' Dirty Bastard, do Wu-Tang Clan, pronuncia seu omelete verbal incompreensível na faixa-título. Resta por completo uma [illegible] dos irmãos Cibb, Donald Trump e outros tipo da moda. Como bem declarou uma revista inglesa: "Superstar do gueto? Está mais para superstar do ego!"
Sergio Martins Nota 3

MAXI PRIEST
Greatest Hits
Virgin Records

Coletânea com o melhor do reggaeman de voz doce

Um time mais apropriado para [illegible] foi bom encontrar Maxi Priest encerrando sua carreira na gravadora Virgin – que lhe rendeu pelo menos um sucesso inconteste na parada americana, "Close to You", de 1991 – com uma seleção de seus títulos mais comerciais. Além de "Close" (que já havia surgido em um *best of* anterior), o bom-doce inglês se esmera nas regravações de Bob Marley ("Waiting In Vain", em que o guitarrista Lee Ritenour recria o solo jazzistico do titular Junior Marvin), Johnny Nash ("I Can See Clearly Now", também regravada por Marisa Monte) e The Police (uma esquecível "Message In A Bottle"). Maxi se dá melhor nas parcerias com o DJ Shaggy, que proporcionam um cruzamento perfeito entre a doçura e a gaiatice. Isso é perceptível também em "That Girl", sampleada da "Green Onions", do grupo Booker T & The MG's, e na reunião da dupla com o cantor Rayvon na releitura de "Get Up Stand Up", outra pérola de Marley.
S. M. Nota 6

Sambas inéditos ficaram para o próximo

Como surgiu a idéia de homenagear Silvio Caldas, no álbum *Arranha Céu*, de 1994?
Zé Renato - Ele era amigo do meu pai, as primeiras coisas que ouvi foram seus discos em casa. Um dia eu estava vendo o filme *Macunaíma*, com uma cena da Dina Sfat em um elevador com a canção "Arranha Céu" ao fundo, e senti vontade de fazer esta homenagem. Eu me senti preparado para o projeto, não estava caindo de pára-quedas.

E por que estender este projeto para um disco ao vivo?
Depois do álbum fiz alguns shows com uma pequena orquestra. Foi ousado realizar uma apresentação assim numa casa noturna, fiquei satisfeito com o resultado, encheu todos os dias, e o repertório combina com essa sonoridade. Gostei e fiquei com vontade de gravar o show. Aproveitei e incluí músicas que não haviam entrado em *Arranha-Céu*.

Você gravou um tributo a Zé Kéti em 1996. Não tem medo de ser chamado de saudosista?
Não, para mim foi muito natural. Apesar de sempre respeitar a estrutura das canções, achei que consegui acrescentar algo novo. O Zé Kéti estava esquecidaço quando fiz o disco. E longe de mim querer ficar a vida toda fazendo isso. Meu próximo disco vai ser centrado no samba, com maioria de inéditas que já estou compondo.

Os Black Crowes voltam em grande estilo

Melhor sem as viagens

THE BLACK CROWES
By Your Side
Columbia/Sony Music

E por onde andavam os Black Crowes, banda de guitarras sujas e calças boca-de-sino que apareceu no início da década com canções como "She Talks To Angels" e "Remedy", em bons discos como *Shake Your Money Maker* e *Amorica*? O então sexteto lançou em 1996 *Three Snakes And One Charm*, disco que não deu em muita coisa, e desapareceu. Vieram as tradicionais histórias de brigas e drogas (o apreço dos musicos pela maconha nunca foi segredo) e eis que surgem novamente os irmãos Chris e Rich Robinson (voz e guitarra, respectivamente), ao lado de Sven Pipien (baixo), Steve Gorman (bateria) e Eddie Harsch (teclados). Agora Rich é o único guitarrista e desempenha seu papel com louvor. A banda volta com a velha e ma retrô, mas menos dada a viagens instru-mentais do que no passado. Os arranjos são caprichados, recheados pelas guitarras e órgãos. Chris canta com os agudos e a preguiça de sempre: boas canções rock como "Go Faster", "Kicking My Heart Around" e "Heavy", além da balada stoneana (velha influência) "Only A Fool".

Um lado dos Crowes que costumava esconder-se aparece em toda a sua pujança em *By Your Side*: os vocais gospel, cortesia de cinco cantores afiados, que dão às musicas um clima de tranquilidade ausente em discos do passado. Vários outros instrumentos como gaita e guitarra slide ajudam a compor a atmosfera "piquenique em Woodstock" tão prezada pela banda. Para ela, os anos 70 estão muito longe de acabar. Ainda bem.
Bernardo Araujo Nota 9

SUBLIME
Acoustic: Bradley Nowell & Friends
Universal Music

Mais um disco póstumo do trio de ska-surf-punk

O Sublime é bacana. "What I've Got" é maneira e "Santeria" é supimpa. Ponto pacífico também o quão lamentável foi a morte do vocalista e líder do grupo, Brad Nowell, aos 28 anos, de overdose de heroína, antes mesmo de o trio lançar o disco que levava seu nome e que os catapultou ao sucesso, em 1996. Mas que tipo de amizade eles acham que têm para lançar discos como que dizendo "compre e recomende um ruim que nos gravamos nas coxas e sabemos ser um lixo?". Só a onda de nostalgia que grassa o rock pode explicar como um grupo pode ter três discos "de verdade" e o mesmo número de trabalhos póstumos. *Second Hand Smoke*, de 1997, *Stand By Your Van*, de 1998, e agora *Bradley Nowell & Friends*.

Ricardo Alexandre Nota 2

NEW RADICALS
Maybe You've Been Brainwashed Too
MCA/Universal

Letras muito ácidas e soul de branco

O mundo está doente, prega Gregg Alexander, 28 anos, o homem conhecido como New Radicals. Em seu disco de estréia, ele critica a alienação de sua geração, bate firme em Courtney Love e o Hole, Beck e Marilyn Manson no sucesso "You Get What You Give" ("Chequem mais, nós vamos expulsar vocês") e conta umas historinhas envolvendo mulheres, drogas e religião que deixam a gente sem saber se ele está sendo moralista ou mórmon. Fosse mais um desses moleques que pintam às vezes nas paradas da América, tudo bem. O diabo é que o sujeito faz um soul branco irresistível (quem lembra de Hall & Oates e de Steely Dan está morno) com um registro ora choroso, à Bill Withers, ora gospel na tradição de Bono Vox. Quem decidir se entregar à lavagem cerebral de Alexander (ou não dar muita bola para as letras) vai encontrar um pop muito bem-acabado, de canções ganchudas como "Mother We Just Can't Get Enough", "I Don't Wanna Die Anymore" e a própria "You Get What You Give". Nota 6

Silvio Essinger

QUASI
Featuring "Birds"
Up Records – IMPORTADO

Pop alternativo com belas melodias e ironias

Esta adorável dupla americana formada por Sam Coomes e Janet Weiss tem ganho a vida como banda que acompanha Elliott Smith. A afinidade com o trovador indicado ano passado para o Oscar pelo tema de *Gênio Indomável* é total – o bom gosto melódico e na qualidade das letras. Os arranjos são minimalistas e quase sempre têm órgão, baixo e guitarras distorcidas em volume baixo.

Os mais confiáveis jornalistas americanos incluíram este segundo CD do Quasi na lista dos melhores de 1998. Justo: das dezesseis faixas (quinze compostas por Sam), pelo menos dez são pequenos universos de ironia e candura, ideais para quem aprecia Belle & Sebastian. "Featuring Birds" tem uma vantagem: o porcentual melancólico é bem menor. Há uma valsinha chamada "You Fucked Yourself", e para cada letra com "feridas se fecham, ossos quebrados se emendam, mas eu nunca mais quero te ver" há duas delícias como "nós passamos por um inferno só para chegar ao inferno".

Pedro Só Nota 8

JONGO TRIO
Jongo Trio
Mix House

Pérola da MPB pós-Bossa Nova finalmente em CD

O Jongo Trio – Cido Bianchi (piano, voz), Sabá (contrabaixo, voz), Toninho Pinheiro (bateria, voz) – foi um dos mais importantes grupos do período de transição da MPB entre a Bossa Nova e a geração dos festivais nos anos 60. Com fortes influências de jazz e da própria bossa, o Jongo fazia música de qualidade com músicos habilidosos, numa pegada próxima à do também iniciante Zimbo Trio e os caprichados arranjos vocais à la Os Cariocas. Foi um estouro, as rádios não paravam de tocar músicas como "Terra De Ninguém" (Marcos e Paulo Sérgio Valle), "Menino Das Laranjas" (Theo De Barros) e principalmente "Fotinha Pro Poeta" (Baden Powell e Lula Freire). Outros grandes momentos eram a criativa "Seu Chopin Desculpe" (Johnny Alf) e "Arrastão" (Edu Lobo e Vinicius De Moraes). Este disco ficou fora de catálogo por trinta anos e era disputado a tapas nos sebos. Volta acrescido de uma faixa-bônus, um *medley* dedicado a composições de Dorival Caymmi como "João Valentão", "O Mar", "A Jangada Voltou Só" e "Canoeiro". Um clássico da música brasileira, obrigatório em qualquer acervo.

Toninho Spessoto Nota 10

PLACEBO
Without You I'm Nothing
Virgin

Rock provocador e angustiado

Brian Molko deu azar. Um pouco antes dele surgiu outro Brian, também andrógino, também chegado a uma guitarra distorcida e batidas industriais, e arrebatou a atenção do mundo com o nome de Marilyn Manson. Mas não há de ser nada. O pop-rock angustiado do trio formado por Molko (voz e guitarra), Stefan Olsdal (baixo, guitarra e teclados) e Steve Hewitt (bateria) vê sua popularidade crescer desde o lançamento deste *Without You I'm Nothing* no Hemisfério Norte, em outubro do ano passado. Com um sotaque provocador, às vezes irritante – de propósito –, de americano que viveu anos na Europa, Molko às vezes lembra Geddy Lee, do Rush (no timbre anasalado), às vezes passeia por um David Bowie menos guitural, e mesmo assim não há MP3 cerebral que não guarde a voz do rapaz. As melodias (em especial em "My Sweet Prince" e na deliciosa pop "Every You Every Me") são o forte da banda, ao lado da história de Molko e do multinstrumentista sueco Olsdal, que arrebenta de saída em "Pure Morning".

Bernardo Araujo Nota 9

Overdose do bem

GILBERTO GIL
Ensaio Geral
Universal/PolyGram

Todo mundo vibrou quando Gilberto Gil ganhou o Grammy pelo melhor disco de world music lançado em 1998, no mês passado. Mas motivo de vibração mesmo é a caixa *Ensaio Geral*. Primeiro, porque ela dá uma geral em um período extremamente profícuo da obra do baiano: de 1966, quando Gil começou a fazer sucesso, até 1977, quando ele já estava mais do que confirmado como um dos maiores artistas da música brasileira. Segundo, porque, como ótima geral que é, não se limitou a relançar os discos editados naquele período. Pegou também gravações-ensaios – as populares *demos*, registros de shows, sobras de disco, em suma: uma coleção de faixas jamais lançadas para o público que transformam a obra na mais requintada coletânea de um músico brasileiro já editada no país.

Dito isso, é hora de abrir a tal caixa. *Ensaio Geral* é grande em todos os aspectos. No formato de um antigo LP, traz um livro com ótimo material fotográfico, textos, um deles de Marcelo Fróes, pesquisador que mergulhou na obra de Gil para produzir esta coletânea, e nada menos que treze CDs, um deles bônus com apenas duas faixas – na verdade o mesmo *medley* das músicas "Rouxinol", parceria com Jorge Mautner, e "Que Besteira", parceria com João Donato. Gravadas em dois dias seguidos de shows, em 1974, no Tuca, em São Paulo, as duas faixas se espalham por quase 40 minutos de improviso e bom humor. Serve como um trailer. Afinal, num material tão amplo – ao todo são mais de dez horas de música – certamente há equívocos e exageros. Mas nada, nada mesmo, de que um bom colecionador de discos abrisse mão. Se a versão de Gil para "Iansã", música que Maria Bethânia gravou no disco *Drama*, é muito inferior àquela, é também inédita e o único registro da música feita por seu compositor. Se várias faixas, especialmente as gravadas ao vivo, são muito longas, permitem também uma reaudição daqueles shows que Gil fazia na década de 70, intermináveis para alguns, inesquecíveis para muitos. Se há momentos amadorísticos aqui e ali, eles dão ao ouvinte a intimidade de conhecer os rascunhos do artista, à moda da série *Anthology* dos Beatles. E mesmo que esses sejam considerados pontos negativos, a coletânea poreja boa música.

Da discografia oficial de Gilberto Gil estão na caixa os seguintes LPs, todos remasterizados – o som é ótimo – e recheados de faixas bônus tiradas de outros lançamentos da época, de shows ou sobras de estúdio: *Louvação*, de 1967, primeiro álbum de Gil, *Gilberto Gil*, de 1968, o de "Domingo No Parque"; *Gilberto Gil*, de 1968, feito antes da partida do músico para o exílio e que traz "Aquele Abraço"; *Gilberto Gil*, de 1971, gravado em Londres; *Expresso 2222*, de 1972, e *Gilberto Gil – Ao Vivo*, gravado em São Paulo em 1974. Além deles, *Ensaio Geral* traz *Copacabana Mon Amour*, CD com a inédita trilha sonora que Gil fez para o filme homônimo de Rogério Sganzerla em 1970; *Cidade Do Salvador*, dois CDs com registros inéditos ou lançados em compactos entre 1972 e 1974; *O Viramundo*, dois CDs com faixas gravadas em shows; e *Satisfação*, com raridades, entre elas a música "Tiu, Ru, Ru", fruto de uma jam que reuniu Gil, Jorge Ben e Cat Stevens. Alguns discos do período, *Refazenda* e *Refavela* são os principais, ficaram de fora por problemas contratuais. Lamenta-se, mas com a certeza de ter a fome de ouvir Gil inteiramente saciada.

Fábio Rodrigues Nota 10

Gil (em foto de 1968): caixa pra lá de sortida

E mais...

Para apetites musicais ecléticos, **Barry White**, Juan Luis Guerra, Woody Allen, ska, swing e clássicos da discoteca em trilha sonora

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
BASS SOUL: THE GENIUS OF BARRY WHITE (Del-Fi/Abril)	Barry White como produtor e intérprete, Viola Wills (que fez sucesso na era disco), Johnny Wyatt e Felice Taylor	Soul music produzida em meados dos anos 60 por White, com influências do som das gravadoras Motown, Atlantic e Stax.	Claro. O homem mostra que já era do ramo, produzindo petardos como "I Got Love" (para Viola Wills) e "It May Be Winter Outside" (Felice Taylor).
MORE MONEY (RCA Victor/BMG)	Bandas e solistas da era disco como Odyssey, Vicki Sue Robinson, Andrea True Connection e Evelyn "Champagne" King.	Pérolas dançantes em gravações originais, com seleção inspirada na trilha do filme *The Full Monty (Ou Tudo Ou Nada)*	Repertório com delícias como "Turn The Beat Around", "Shame" e "More More More", todos em gravações originais. Vale o investimento.
ESSÊNCIA PURA (Indie)	Luiz Antonio Feliciano Marcondes, o Neguinho da Beija-Flor, é um dos mais respeitados puxadores de samba-enredo.	Ele canta sambas de compositores como Arlindo Cruz ("Sol de Primavera") e Delcio Luiz ("Tá Na Veia", "Feliz Sambista"), entre outros.	Repertório cheio de altos e baixos. Neguinho, bom cantor, soa aqui como um sub-Agepê. Só para fãs ardorosos.
NI ES LO MISMO NI ES IGUAL (Ariola/BMG)	O dominicano Juan Luis Guerra, craque em merengues, melodista inspirado. Participação do cubano Arturo Sandoval, fera do jazz.	Merengues incendiários como "Mi PC" e "Vale La Pena" se misturam a bachatas, baladas dominicanas com belas harmonias.	Além de animar festas latinas, Juan e sua afiada banda 440 são uma delícia para ouvidos sensíveis. Boa aquisição.
TOGA! TOGA! TOGA! (Del-Fi/Abril)	Little Caesar & The Romans, grupo de doo-wop (gênero baseado em belas harmonias vocais) de curta carreira no início dos anos 60.	Coletânea com todas as gravações do grupo (apenas cinco singles e um LP) mais material inédito.	O repertório inclui clássicos como "Those Oldies But Goodies", "Searchin'" e "C.C. Rider", em interpretações cheias de swingue.
WILD MAN BLUES (RCA Victor/BMG)	Woody Allen & His New Orleans Jazz Band: o cineasta mostra seus dotes de clarinetista com uma banda profissional.	Trilha de documentário repleta de standards do jazz como "Lonesome Blues" e "After You've Gone" em versões quentes.	Apaixonado por jazz, Woody Allen mostra que sabe dar o recado como clarinetista. Sua banda é show.
TWENTY-EIGHT TEETH (TVT/Abril)	Buck O'Nine, septeto de San Diego, Califórnia, surgido no início da década, influenciado pelo ska punk.	Arranjos simples, muita energia e letras sobre tédio, inconformismo adolescente e temas correlatos.	Numa pista de skate, é sonotização perfeita. Se você não se importar com a qualidade dos sopros, é um bom sacode.
HAPPY FEET (RCA Victor/BMG)	O quinteto texano 8 e 1/2 Souvenirs, liderado pela cantora californiana Chrysta Bell e pelo guitarrista francês Olivier Giraud.	Swing recriado em clássicos como "After You've Gone", "It's Alright With Me" (Cole Porter) e até "Aquarela do Brasil".	Os vocais de Christa são destaque. E os arranjos sabem privilegiar o balanço. Indicado para quem topa a (boa) onda retrô do swing.
VIDA QUE SEGUE (Trama)	Jhosep, cantor romântico ao velho estilo que consagrou Marcio Greyck e outros ídolos populares nos anos 70.	Baladas e baladões com muitos teclados, saxes derramados e alguns arranjos à Eduardo Lage (o maestro do rei Roberto Carlos).	É romântico popular bem produzido, com melhores resultados no brega-pop. "Já danço blues no ska desses quadris", improvisa "Chamego".

A mais completa em novidades e raridades
sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão
Enviamos para todo país.
Aceitamos cartão
Rua 24 de maio, 116 - Rua Alta
Loja 15 - cep 01041-000 - Centro - SP
LONDON CALLING
CDS - VHS - LDS
(011) 223-5300

REVISTA SHOW BIZZ
PARA ANUNCIAR AQUI LIGUE
TEL: (011) 3037 6860
FAX: (011) 3037 4909

A verdadeira alma do Blues.
Por apenas R$ 8,50 + CD GRÁTIS!
Lendas e mitos do Blues
UMA VIAGEM PELOS SONS DE Robert Johnson • Muddy Waters • John Lee Hooker • Buddy Guy • Eric Clapton • B.B. King
CD EXCLUSIVO COM GRAVAÇÕES ANTOLÓGICAS DO SELO DELMARK
Memphis Slim • Little Walter • Junior Wells • Magic Sam • Otis Rush e outras feras
Mestres do Blues
Lucille
REVISTA SHOW BIZZ
Garanta a sua.
Abril

AoVivo

Fred 04, do mundo livre s/a, tocou já na Quarta de Cinzas

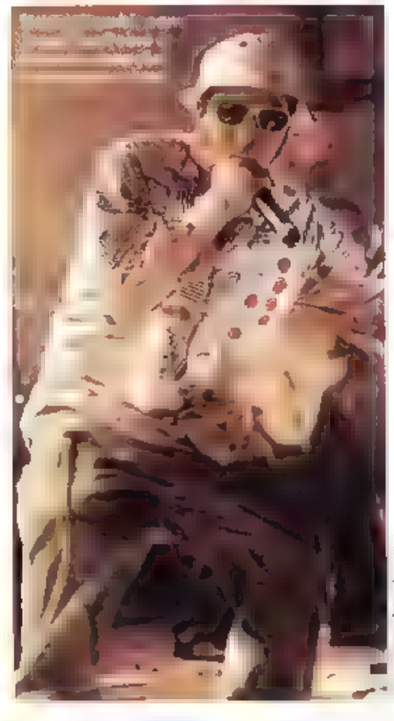
Rogê, mito local citado em "Macô," da Nação: disfarce

Cordel Do Fogo Encantado foi a grande surpresa

Darué Malungo e suas dançarinas

Pacua, do Via Sat: show cheio de gás

Foliões do bloco Enquanto Isso Na Sala de Justiça



Atrás do bloco pop...

Festival Rec Beat

Rua da Moeda, (Recife), 12 a 16/2

Pelo quinto ano seguido o pernambucano pôde viver um carnaval alternativo. Pedindo licença ao frevo e ao maracatu, artistas da [illegible] para pelopedros recifenses.

Sexta-feira euforica

Cerca de 30 pessoas presenciaram a maravilhosa apresentação inicial do grupo de rock Supersonicos, com ensurdecedoras microfonias. O show seguinte, do Darué Malungo, foi dividido entre uma seção tradicional, com danças e cantos que exaltam nossas origens africanas, e uma "mangue", com a mistura de rock com tambores de maracatu e vocais rap. Para fechar a noite vieram os heróis locais da Nação Zumbi. Três mil pessoas enlouqueceram. Pena que o guitarrista Lúcio Maia estava em dia discreto. Mas valeu.

Sabado eletronico

Grande surpresa foi ver como o Faces Do Suburbio, grupo de rap do Alto Zé Do Pinho, ganhou domínio de palco. Acompanhados por guitarra, bateria, baixo, percussão e DJ, os vocalistas Tiger e Zé Brown exibiram um set muito bem planejado. Otto, ex-mundo livre s/a, veio bem mais suave e seduziu uma platéia cheia de modernetes com as cirandas e cocos eletrônicos de seu elogiado álbum de estréia, *Sumba Pra Burro*.

Domingo ecletico

A noite começou com os grooves da banda funk Eletrosoul. Bonecos gentes do Carnaval de Olinda, em visita a Recife, [illegible] ao público à chegada do Spyder & Incógnita Rap, que faz uma mistura surpreendente de naipe de sopros, guitarra com riffs de hard rock, DJ e vocais de rap. Um corte radical de estilo traz o grupo Chão E Chinelo ao palco. A princípio, parece com Mestre Ambrósio, porque ambos bebem na mesma fonte, da qual o competente rabequeiro e compositor Maciel Salu, de 24 anos (líder do Chão) está mais próximo – é filho do Mestre Salustiano, fenda viva do maracatu.

Por veredas próximas chega Selma do Coco, que nos últimos anos viu se transformada em celebridade local ao ser descoberta pela geração mangue. A musica [illegible] a voz afinada e rascante, acompanhada por graciosas pastoras (quase todas suas netas), e a presença despachada são garantias de boa diversão, embalada por clássicos como "A Rolinha", com o refrão "Oi pega pega minha roça".

Segunda épica

No fim do show afro-caribenho da banda Songo, que abriu a noite [illegible] da Moeda estava cheia para assistir o [illegible] Nanã Vasconcelos, que entrou após um atraso de 40 minutos com uma verdadeira orquestra de quatorze músicos dançarinas, tocando cocos e maracatus. Se o show de Nanã foi grandioso, o palco [illegible] pode ser chamado de épico: um encontro de maracatus rurais e urbanos organizado por Siba, do Mestre Ambrósio, que ocupou toda a frente do palco. A festa culminou em um desafio entre os mestres.

O encantador sexteto feminino Coma dre Florzinha teve sua apresentação abreviada pelos atrasos nos shows anteriores. Ainda assim, fez sentir o ar [illegible] Quando foi dada a ordem do despejo, as florzinhas não se intimidaram e cantaram cinco músicas de seu repertório de cocos e cantigas de roda.

Pra tudo (não) se acabar na terça-feira

Se a noite promet[illegible] a fogo, a Via Sat não negou. Com samba, funk, rap e seus anos de estrada, a banda conseguiu por alguns momentos (transformar [illegible] um [illegible] se[illegible] Sly & The Family Stone.

Grossos pingos ameaçavam [illegible] uma hora e meia antes da entrada do mundo livre s/a. Sem chance. Fred 04 e companhia [illegible] "Vai, Chover Vai Parar" e ganharam a aposta. Mesmo [illegible] do último disco, como "Bolo De Aniversário", levantaram o povo. No fim já era Quarta-Feira de Cinzas, mas a chama foi mantida com o hino "Computadores Fazem Arte" e a volta aos tempos de garagem com o barulhento cover de "Shakin' All Over". Um fim de festa para [illegible] mereciam os alternativos.

Danilo Monteiro

Próxima parada: Abril Pro Rock

Centro de Convenções de Pernambuco, Recife

- Sexta – 16/04 (20h30) Nação Zumbi, Marcelo D2, Otto, DJ Dolores, DJ Dolores, Spider E Incognita Rap
- Sabado – 17/04 (17h30) Sepultura, Devotos, Via Sat, Sheik Tosado, Faces Do Suburbio, Matalanamão, Los Hermanos e Hanagorik
- Domingo – 18/04 (17h30) Mestre Ambrósio, Amaldo Antunes, Cascabulho, Tom Zé, Farofa Carioca, Edd e, Baia e Rock Boys, Songo, Escuninho e Lula Queiroga

Reginaldo Rossi: magia que nem Mister M explica

A pélvis de PE

Reginaldo Rossi

Bezerrão (São Bernardo – SP), 7/2

Sim, ele tem mais de 45 anos de rock. É uma brasa que ainda mora, trata gente como "bicho". De sua cuca legal saíram canções que nos ensinaram fatos essenciais da vida, como amar e ser amado, cornear e ser corneado. Mas, bicho, se eu tivesse que arriscar uma explicação para o imenso magnetismo que Reginaldo Rossi exerce no palco, apontaria para a pélvis. Aquele feixe de músculos flácidos.

Aquele louco, bicho, é magia que nem Freud e Mister M explicam. Basta um movimento (lento, safado) e o público todo delira. "Vocês vão ver o show da vida de vocês. O Michael Jackson perto de mim é uma m... Eu requebro mais que a Carla Perez e sou mais bonito que o Leonardo DiCaprio. Mas só sou bom assim porque vocês estão aqui!" Demagogia à Roberto Carlos, sim. Mas nesse jogo do "bicho", bicho, vale o que está escrito.

Homens, mulheres e sujeitos com a camisa do Flamengo invadem o palco para beijá-lo. O discurso entre as músicas é um gospel (ou engole?) pós-machista (Rossi, já diz o analista de Bagé, é precursor da (espiritual) guerra dos sexos atualizada. Primeiro, atiça as fêmeas: "Homem é infiel, homem não presta!". Depois, faz-se cúmplice dos machos: "Sou homem, eu também não presto." O arremate: "A mulher também tem o direito de cornear!" As moças concordam quase unânimes de excitação. Reginaldo toma uísque com guaraná, o timbre de acém no espeto vem de um sintetizador Roland, mas é tudo infalivelmente prazeroso. Com os movimentos lentos de uma pélvis meio paranóica, mas que sabe tudo.

Pedro Só

O Kid Abelha estreou bom show, sem arriscar muito

Bola de segurança

Kid Abelha

Metropolitan (Rio), 30/01

A estréia do Kid Abelha na "maior casa de espetáculos da América Latina" aconteceu há dois anos, quando o disco promovido era *Meu Mundo Gira Em Torno De Você*. O jovem público do grupo lotou o Metropolitan na ocasião e em mais meia dúzia de shows. Nada mais justo do que estrear lá o novo espetáculo, *Autolove*.

Antes do primeiro acorde, o palco aparece em toda sua produção. Uma imensa tela, o logotipo da banda como está na capa do CD e muitas, muitas luzes e sons eletrônicos. Blecaute, os músicos tomam seus lugares (Paula, Bruno e George tocam acompanhados por Dé, no baixo; Kadu Menezes, bateria; Cesinha, percussão; Humberto Barros, teclados; e Jéferson Vitor, trompete), a cantora conta até três e manda... "Eu Tive Um Sonho". Mas não dava para abrir o show de estréia do novo disco com uma música do novo disco? Pelo menos duas, "Eu Só Penso Em Você" e "Depois Das Seis", já eram razoavelmente conhecidas do público. Pareceu uma demonstração de inexplicável insegurança. De qualquer forma, a galera caiu dentro, berrando a letra junto com Paula e tirando os pés do chão.

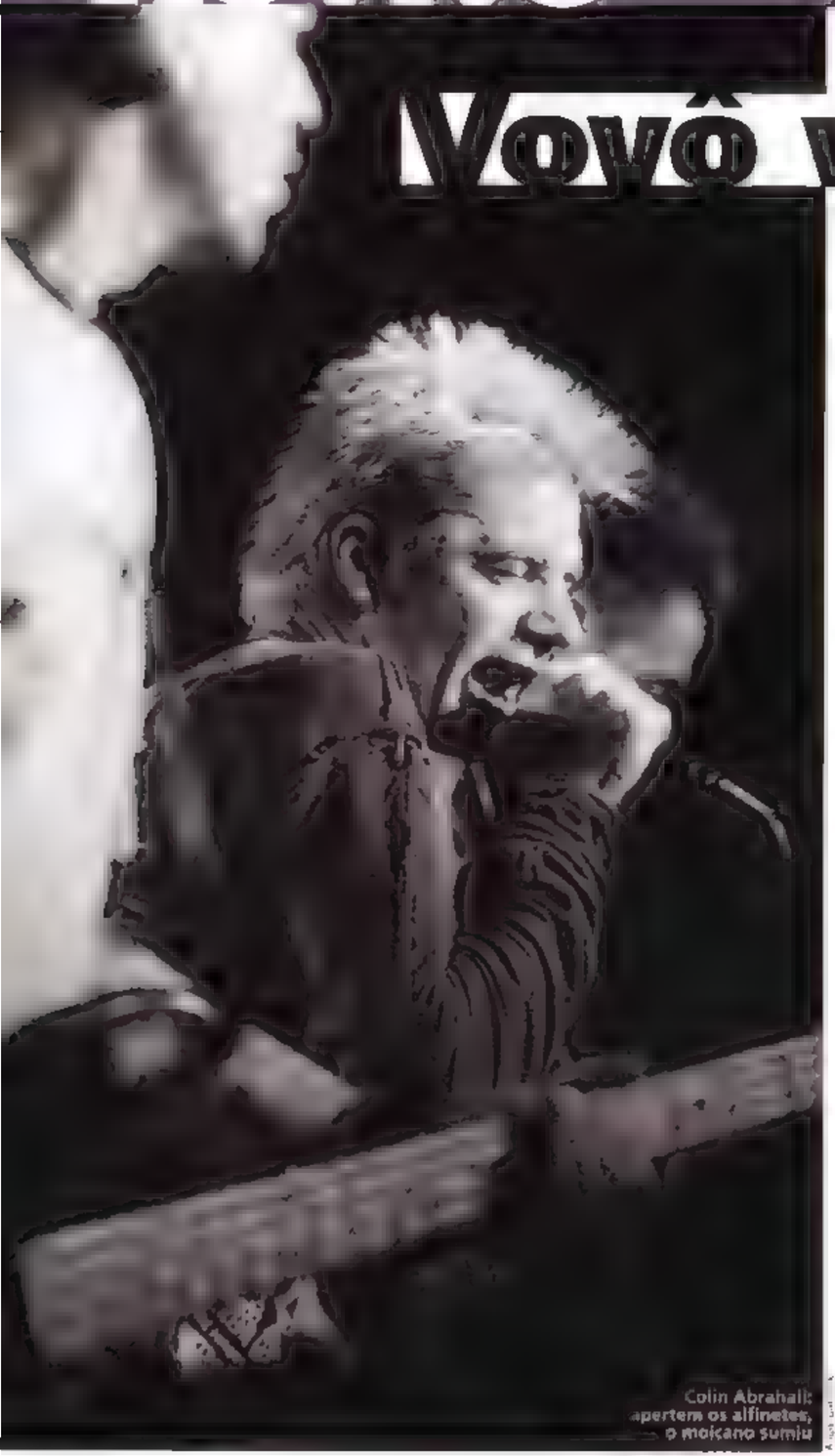
Muito bem, platéia totalmente no bolso, vamos então mostrar uma novidade? Não. Mais ainda do fundo do baú vem "Alice", composta quando boa parte do público presente ainda não tinha vindo ao mundo. Obviedades à parte, o show vale pela competência da banda ao vivo, em especial da cozinha Dé-Kadu, velhos conhecidos do Telefone Gol (banda que tentou carreira no comecinho dos anos 90 e que contava ainda com os guitarristas Sérgio Serra e Nani Dias), e mais a guitarra de Bruno, excessivamente econômico nos discos.

Três canções de *Autolove* surgem depois de seis sucessos, como "Grand Hotel" e "Pingos De Amor" (do pioneiro soul Paulo Diniz, que já serviu de trilha para anúncio de chinelos). Então Paula avisa a todos, com o fascinante sorriso de sempre, que aí vêm três novas canções. O público as aceita com total boa vontade e ainda sabe de cor os versos da simpática "Eu Só Penso Em Você". E tome hit: "No Seu Lugar", "Como É Que Eu Vou Embora", e George assume o microfone para mandar o clássico "Eu Sou Terrível".

A volta de Paula Toller é triunfal, em carro conversível (com motorista, claro), bem de acordo com a temática de *Autolove*, sublinhada por projeções de imagens de automóveis dos mais diferentes tipos e procedências. Com Bruno na guitarra e George no violão, ela canta a baladinha "Nada Por Mim", seguida das também romantiquinhas "Amanhã É 23" e "Em 92". Daí em diante, você liga e é só sucesso: "Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda (Casinha De Sapê)", "Te Amo Pra Sempre" e a apoteose final ao som de "Pintura Íntima". Saldo: poucas novidades, mas muita eficiência.

Bernardo Araujo

Vovô viu o vômito


Colin Abrahall: apertem os alfinetes, o moicano sumiu

G.B.H.
Life (Nova York), 30/1

Quem ainda acha que punks são seres endiabrados precisava ter visto este show. Nem as patricinhas que frequentam danceterias de boa gastam tanto tempo na frente do espelho. Em meio centenas de moicanos e penteados mirabolantes, do tradicional 'barbatana' ao radical "porco-espinho". O visual sadomasô estava com tudo: tinha gente usando coleira de cachorro, braceletes de espinhos e alfinetes decorando bochechas bem nutridas. E as jaquetas de couro? Cada prego tinha uma razão de ser, cada rasgo havia sido executado com precisão milimétrica. Nunca a expressão 'punk de butique' foi tão certeira. Aliás, não dá para entender por que os punks se enfezam tanto com tal expressão. Afinal, o punk nasceu numa butique londrina, a Sex, de Vivienne Westwood.

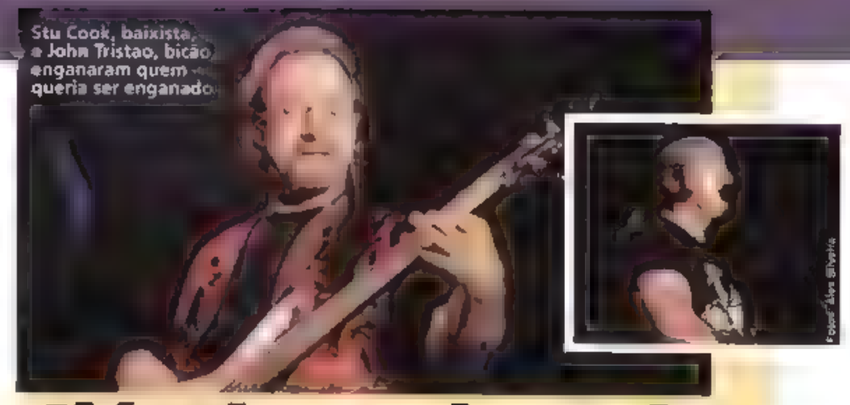
A ocasião era importante: tratava-se da volta do G.B.H., uma das melhores bandas da primeira leva do hardcore inglês (uma geração que incluía ainda outros grupos fantásticos, como Exploited, Discharge e Subhumans). O G.B.H. — ou Charged G.B.H., como dizem os fãs da antiga (a banda usava o "Charged" para se diferenciar de um grupo homônimo metaleiro) não tocava em Nova York há quase sete anos.

Não importa por quanto tempo uma banda punk ande sumida, assim que ela ressurge, o tempo parece retroceder. Quem entrasse no Life poderia achar que estava em 1980, quando o G.B.H. andava pelo (então) quadrado de três acordes e recriminando do papa, da polícia e do governo. Aqui, depois de pós-punk, new wave, rap, hip hop, grunge, trip hop e techno, o G.B.H. continua tocando três acordes e recriminando do papa, do governo. Lançaram um CD novo, *Punk funkies*, que parece ter sido gravado em 1977, com as mesmas guitarras "serra elétrica" e as palavras de ordem, como "quebre as correntes" e "destrua o sistema!". Bacana.

Depois de três (ou mais) bandas, o G.B.H. entrou detonando. Seus integrantes não se mexem muito. Também, com músicas tão agitadas, ninguém precisa se jogar de cabeça nos amplificadores para atiçar a galera. O vocalista Colin Abrahall apareceu com o extraordinário moral dos anos 80 (a calvície não respeita nem heróis punks!) e vestindo uma camisa do punk número um Jerry Lee Lewis. Conquistou o público logo ao interpelar um segurança violento: "Se você continuar maltratando meus amigos, te boto pra fora!". De fato.

Colin é carismático e boa-praça: conversou, contou piadas horríveis ("a IBM vai lançar o computador Bill Clinton: disco rígido enorme e nenhuma memória") e chamou amigos para cantar e se jogou nos braços da galera. O guitarrista Jock disse: "Estamos há vinte anos fazendo a mesma coisa, e sabe o quê? Adoramos". O repertório misturou antigos sucessos ("Maniac", "Dirty Baby Attacked By Rats") com músicas novas (as "Junkies", "Civilized"). A banda atacou do "1970 (I Feel Alright)", dos Stooges, e fez um belo gorioso com "White Riot", do Clash e "Pretty Vacant", dos Sex Pistols. Foi uma celebração de barulho e bom humor como há muito não se via por aqui.

André Barcinski


Stu Cook, baixista, e John Tristao, bicão, enganaram quem queria ser enganado

Clássicos clonados

Creedence Clearwater Revisited
Olympia (SP), 23 e 24/02

Na mesma noite em que John Fogerty – coração e mola-mestra do Creedence Clearwater Revival – concorria a dois Grammy por seu álbum *Premonition* ("premonição"), uma bizarra reencarnação de seu ex-grupo encabeçada por Stu Cook e Doug "Cosmo" Clifford, respectivamente baixista e baterista da formação original, tocava "pela primeira vez no Brasil" o CCR modificado de Revival para promover o disco *Recollection* ("reminiscência").

Os dois álbuns se assemelham em gravações ao vivo dos hits de Creedence. Mas enquanto John é autor de quase todos eles (e respectivos arranjos), o tal CCR Revival requentava sobras frequentadas de "Have You Ever Seen The Rain?" e "Lodi", entre outros "assassinatos".

Para tanto, Stu & Doug recrutaram o guitarrista Elliot Easton (que repete os antológicos riffs de Fogerty) e o tecladista Steve Gunner (que se um clone do irmão de John, Tom Fogerty, que morreu de Aids em 1990) e o vocalista-guitarrista John Tristao, uma versão constipada de John. Mesmo as covers que o Creedence fazia de hits de Dale Hawkins ("Suzie Q") e Marvin Gaye ("Heard It Through The Grapevine") foram apresentadas sem a menor originalidade, confirmando a impressão de caça-níqueis do grupo.

A plateia, que ia de hippies grisalhos a moleques, soltava uivos entusiasmados a cada clássico, o que prova o poder das canções do Creedence. Mas se alguém tiver a brilhante idéia de trazer John Fogerty – o original – para se apresentar no Brasil, aí sim o bicho vai pegar.

Celso Pucci

Simone, Bacalhau e Gabriel: jóias em panteão underground

Grande banda em pequeno circuito

Autoramas
Casa da Matriz (Rio), 6/02

Fundada em pequeno bairro do Botafogo que nasceu o mais novo supergrupo do planeta. Do planeta underground, bem entendido. "Eu, pressionada na promoção 'toque com seus ídolos'", diz Simone do Vale, ex-Dash, eventual vocalista e animadora de platéia dos Autoramas. Os ídolos em questão são Gabriel, ex-Little Quail & The Mad Birds (guitarra e vocal), e Bacalhau (que saiu do Planet Hemp, assumiu a bateria da banda num show intimista: espaço exíguo, aquele calor humano, músicos sentados e instrumentos acústicos?

Não foi bem assim. "A gente vai ter de tocar de violãozinho, de mansinho, não é permitido tocar alto por aqui", dizia Bacalhau, antes de avisando, porém, que a última música iria quebrar o protocolo. E assim se fez: transformou-se em todas. Rock de pequeno porte, com um pé no hardcore feliz e outro na Jovem Guarda. Até cover da ancestral "Be My Baby", das Ronettes, rolou. Mas o grosso do repertório é em português, e dos mais bem-humorados.

Jaime Biaggio

EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atleitor@email.abril.com.br

CORRESPONDÊNCIA

Cartas para apreciadores do Aerosmith

Aerosmith
Maria Cecília Arraes – Rua Santa Clara, 157/902 – Rio de Janeiro – CEP 22041-010

Aerosmith e Offspring
Ademir da Silva – Avenida Sol Nascente s/ nº – Monte Verde, MG – CEP 37653-000

Alanis Morissette
Lilian Dorea – Rua Wanda de Souza Ramon, 79 – São Paulo, SP – CEP 04311-110

Angra e Blur
Rodrigo dos Santos – Rua Jericó, 186 – Marília, SP – CEP 17153-110 – E-mail gerdulitulur@rock-br.com.br

Bad Religion e Green Day
Aline Silva – Rua Manuel Vieira da Luz, 91 B – Vila Paulistana – São Paulo, SP – CEP 02318-020

Charlie Brown Jr.
Marcela Nering – Avenida Rubbo, 162 – Vila Rami – Jundiaí, SP – CEP 13206-570

Hole
Renata Miranda – Rua Pio XII, 2467 – Itanhaém, SP – CEP 11740-000

Kiss
Edição da SHOWBIZZ com o Kiss na capa. Pago o triplo do valor da revista, R$ 15,00. Patrícia Santos – Rua Hortêncio Soares Martins, 141 – Sorocaba, SP – CEP 18080-360

Kiss e Pink Floyd
Daniel Kuhn – Avenida Crestani, 515 – Palma Sola, SC – CEP 8995-000 – Fax (049) 852-0119

Nirvana
Tâmara Rodrigues – Rua Henriqueta Ferrari, 208 – Nova Lorena – Lorena, SP – CEP 12600-000

Oasis
Damaris Orlando – Rua Restinga, 54 – São Paulo, SP – CEP 03065-020

Oasis e Titãs
Camila Stefanon – Rua Carlos Caldeira, 203 – Jardim Santa Maria – Santos, SP – CEP 11089-130

Pearl Jam e Stone Temple Pilots
Daniele Vieira – Rua Blev Zoming, 837 – Curitiba, PR – CEP 81370-[illegible]0

Rage Against The Machine
Reinaldo Brito – Vila do Sol 2 – bloco D, apto. 304 – Etapa A – Val Paraíso, GO

Shakira
Edison Silveira – Rua Boa Vista, 99 E – Salvador, BA – CEP 41920-020

PROCURO

Aerosmith
CDs, [illegible] revistas, fotos e outros materiais. Sylvia Ferreira dos Santos – Rua Zacarias de Góes, 161 – Centro – Jundiaí, SP – CEP 13200-170 – Tel.: (011) 434-4791

Bon Jovi
Revistas musicais nacionais ou importadas. Cleide Gomes – Rua Doutor Bruce, 29 – CEP 14920-000 – Nova Europa, SP – Tels. (016) 287-1407 287-1585

Duran Duran
Gravação em fita de vídeo VHS do especial *Acústico MTV*. Carina de Castro – Rua Cruz e Souza, 355 casa 10 – Encantado, RS – CEP 20745-000

Engenheiros do Hawaii
Compro fitas de vídeo com a edição do Hollywood Rock em que a banda tocou, e com a apresentação no Rock In Rio II. Rafael dos Santos – Rua Fino Pereira, 1887 – Venâncio Aires, RS – CEP 9580-000 – Tel. (051) 741 2830

Morrissey
Procuro material [illegible] além do The Cure [illegible] por Guns'N'Roses e outros artistas nacionais e internacionais por Morrissey ou The Cure. Cristina Gimenez – Rua Santa Bárbara do Oeste, 74 – Vila Nova Cachoeirinha – São Paulo, SP – CEP 02612-110

Pato Fu
Compro ou troco reportagens. A/C Hamilton de Medeiros – Rua Dom José de Moraes Torres, 293 A – Casa Verde Alta – São Paulo, SP – CEP 02545-060

Pet Shop Boys
Vídeos *Highlights, It Couldn't Happen Here, Television*. Maximiliano Machado – Rua Vasco da Gama, [illegible] – Rio Grande, RS – CEP 96202-610

Planet Hemp
Compro qualquer material em vídeo do grupo ou de qualquer um de seus integrantes. Rossana da Silva – Avenida Flores da Cunha, 3064 – Carazinho, RS – CEP 99500-000

Red Hot Chili Peppers
Revista BIZZ de 1993 com Anthony Kiedis e Flea, ou qualquer material relacionado à banda. Wanessa Pinder – Rua B 26 – Bairro Luzia – Aracaju, SE – CEP 49025-000 – Tel. (079) 217-2137

SHOWBIZZ
Edição de agosto de 1997, completa. Raquel Moreno – Tel. (024) 243-3643 – Petrópolis, RJ

Shows do U2
Troco ou compro a edição 127, com o Bono na capa, e a 151, sobre os shows do U2 no Brasil. Alessandra Germano – SQS 403 Bloco D apto. 304 – Asa Sul – CEP 70237-040 – Brasília, DF – Tel. (061) 225-4404

Soulfly
Vídeo do *MTV na Estrada* com Soulfly – Victor Santos – Rua Guajajaras, 457/704 – Centro – CEP 30180-100 – Belo Horizonte, MG – Tel. (031) 226 7330 – E-mail vic@horizontes.net

Procura-se Spice em vídeo —

Spice Girls
Concerto exibido pela Fox Kids no dia 06/12/1998. Bruno Silva – Rua Matias Cardoso, 245 – São Jorge – Francisco Sá, MG – Tel.: (038) 222 8589

U2
Procuro fita de vídeo com os principais clipes do U2, como "With Or Without You" e "Bad". Cristiano Franco – Rua 9, 691 – Santa Helena – Contagem, MG – CEP 32015-190

Ultraje A Rigor
Compro o CD Nós Vamos Invadir Sua Praia. Marcelo de Oliveira – Avenida 19, 441 – Centro – Barretos, SP – CEP 14780-300 – Tel. (017) 322-8304 – E-mail santacec[illegible]@barretos.com.br

MÚSICOS

Delta Blues Band
Estou procurando baterista, baixista e vocalista para tocar blues (da raiz) – Ricardo Kuster – Curitiba, PR – tel. (041) 264-7239 – E-mail rfkuster@netpar.com.br

Hard rock
Banda com três anos de experiência procura vocalista. A/C Valter Pozzani. Avenida Paraíso, 891 - Bairro Olímpico – CEP 09571-200 – São Caetano do Sul, SP – Tel. (011) 4238-6478

Jovem cantor
Procuro vocalista, trumpetista ou saxofonista de até 20 anos para formar banda de rock, punk e ska. Trabalho próprio e covers. Daniel Goulart Visnadi – Rua Gustavo Figner, 54 – Penha – São Paulo, SP – CEP 03643-030 – Tel. (011) 6684-5825.

Morrisey procura Johnny Marr
Letrista e vocalista procura um bom guitarrista para parcerias, trabalho próprio. Influências: The Smiths, Joy Division, U2. Kanion Antoniazzi – Rua Duque de Caxias, 36 – Bairro Americano – Lajeado, RS – CEP 95900-000

Vocal e batera
Procura-se para trabalho sério (cover/ próprio) em Brasília. Influências de Iron Maiden, Blind Guardian, Manowar e Dream Theater. Tels.: (061) 591-6072, com Alex, e 591-4531, com Alan

FÃS-CLUBES

A-ha
Vi Elsker A-ha Fan Club – A/C Karin Elisabeth – Rua Ruberloy Boaretto da Silva, 681 – Cidade Universitária – Campinas, SP – CEP 13084-011 – E-mail vielskerahafc@zipmail.com.br

Alanis Morissette
Queen Of Our Hearts – Rua Maxwell, 66 – 6º andar – Vila Isabel – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20541-100 – E-mail [illegible] – Pager tel. 528-0000 código 211052

Green Day
Welcome to Paradise Club – A/C Bruna – Rua Barão de Mesquita, 1085/401 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20540-002, E-mail green_club@zipmail.com.br

Madonna
Keep It Together Madonna Fan Club – Rua Waldemar Falcão, 518 – Brotas – Salvador, BA – CEP 40295-000

VENDO

All Saints
Material importado. Também tenho de outros artistas. Tatiana Gatti – Rua Ribeiro de Moraes, 159, apto. 94 – São Paulo, SP – CEP 02731-030

Vende-se Bon Jovi!

Bon Jovi
Material sobre a banda (pôsteres, revistas, fotos, reportagens, fanzines, fitas VHS) ou troco os mesmos por qualquer material sobre David Bowie. Luciana Paiva – Rua Turiassu, 1290 – Vila Pompéia – São Paulo, SP – E-mail [illegible].com.br

Letras traduzidas
De qualquer banda de rock por R$ 1 cada, e só pedir a música. Também vendo as letras em inglês, por R$ 0,50 cada – Rua Domingos Pacheco e Silva, 956 apto. 12 – Campos Elíseos – Campinas, SP – CEP 13060-190 – Tel. (019) 741-1085

Madonna
Estou disposto a doar grande material sobre a cantora, para fãs ou fãs-clubes. Livros, entrevistas, pôsteres, fotos e vinis. Carlos Santiago – [illegible] (031) [illegible]

Roxette
Material, incluindo fitas de vídeo. Tatiana Campagna – Rua Almirante Barroso, 270, apto. 601 – Centro – Torres, RS – CEP [illegible]-000

SHOWBIZZ
De 1996 a 1998, em perfeito estado. Também troco por materiais do The Cure. Márcia Aparecida da Costa – Rua Estácio de Sá, 779 – Zona 02 – Maringá, PR – CEP 87010-360 – Tel. (044) 223 2995

As regras para colocar um anúncio aqui
O espaço é gratuito. Sua mensagem não deve ultrapassar quarenta palavras. Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, [illegible] informações e dizer se deseja que ele seja divulgado. [illegible] SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

EDITORA Abril

SHOWBIZZ

Em São Paulo
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas [illegible] Caixa Postal 66157 CEP [illegible] SP

Representantes no Brasil
Rio de Janeiro: Segmento Editora SC Ltda. – Av. Marechal Câmara [illegible] Rio de Janeiro, RJ [illegible]
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representação [illegible] Av. Tancredo Neves, 805 [illegible] Salvador, BA [illegible]
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. [illegible] Brasília, DF [illegible]
Campinas: [illegible]
Ceará: [illegible] Rua Edgar Borges [illegible]
Recife: [illegible] Av. Conselheiro [illegible]
Ribeirão Preto: [illegible]
Rio Grande do Sul: [illegible] Porto Alegre, RS [illegible]
Santa Catarina: [illegible] Rua Dr. Alfredo Daura Jorge [illegible]

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
Interesse Geral
VEJA • ALMANAQUE ABRIL [illegible]
Economia e Negócios
EXAME [illegible]
Automobilismo e Turismo
[illegible]
Esportes
[illegible]
Masculinas
[illegible]
Femininas
[illegible]
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA [illegible] ARTE & DECORAÇÃO [illegible]
Entretenimento
[illegible]

Revista Showbizz, Edição 164, Março de 1999 [illegible]

ANER IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Queen

O quarteto inglês tem um de seus clássicos revisitado pelo Metallica

Stone Cold Crazy

Sleeping very soundly on a Saturday morning
I was dreaming I was Al Capone
There's a rumour going round
Gotta clear outta town
I'm smelling like a dry fish bone
Here come the law gonna break down the door
Gonna carry me away once more
Never never I never want it anymore
Gotta get away from this stone cold floor
Crazy stone cold crazy you know

Rainy afternoon I gotta blow a typhoon
And I'm playing on my slide trombone
Anymore anymore cannot take it anymore
Gotta get away from this stone cold floor
Crazy stone cold crazy you know

Walking down the street
Shooting people that I meet
With my rubber Tommy water gun
Here come the deputy
He's gonna come and get me
I gotta get me up and run
They got the sirens loose
I ran outta juice
They're gonna put me in a cell
If I can't go to heaven
Will they let me go to hell?
Crazy stone cold crazy you know

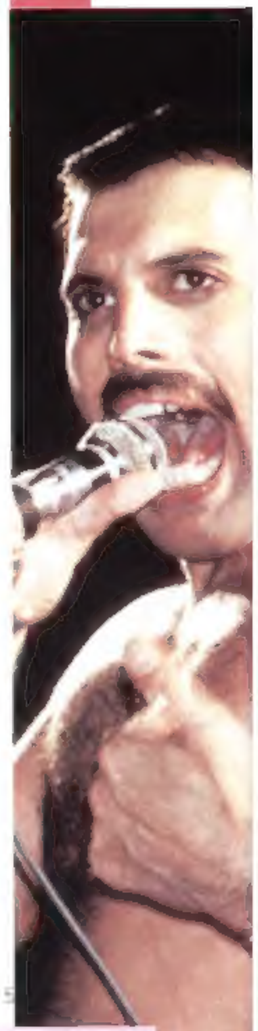
Simplesmente Louco

Dormindo profundamente em uma manhã de sábado
Eu sonhava que era Al Capone
Há boatos rolando de que eu devo deixar a cidade
Estou com cheiro de osso de peixe seco
Aí vem a lei, eles vão arrombar a porta
Vão me levar mais uma vez
Nunca, nunca mais quero isso
Preciso sair desse chão frio
Louco, apenas louco, você sabe

Tarde chuvosa, tenho que soprar um tufão
E estou brincando com meu trombone de vara
Mais não, mais não, não aguento mais
Tenho que sair desse chão frio
Louco, apenas louco, você sabe

Andando pela rua
Atirando em quem eu vejo
Com minha pistola d'água
Lá vem o delegado
Ele vem me pegar
Tenho que levantar e correr
As sirenes estão berrando
E meu gás acabou
Eles vão me jogar numa cela
Se não posso ir para o céu
Será que me deixarão ir para o inferno?
Louco, apenas louco

© Direitos cedidos para o Brasil à WARNER CHAPELL EDIÇÕES NACIONAIS MUSICAIS LTDA. Rua Gal. Rabelo, 43 Rio de Janeiro Brasil Todos os direitos reservados



Freddie caprichava no peso, no Queen da década de 70

O Metallica de James Hetfield gravou "Stone Cold Crazy" em 1998

Duas gerações de descerebração

A geração que conheceu o Queen em discos como *The Game (1980)* e canções como "Radio Ga Ga" e "I Want To Break Free" não imagina que Freddie Mercury (voz e piano), Brian May (guitarra), John Deacon (baixo) e Roger Taylor (bateria) tenham sido uma força do hard rock britânico. Mas aí está "Stone Cold Crazy", do disco *Sheer Heart Attack* (1974), o melhor da banda antes do clássico *A Night At The Opera* (1975). Além de "frio como uma pedra", *stone cold* quer dizer "apenas", "simplesmente". Apesar das incursões pelo pop operístico e pelas canções de *vaudeville*, ao vivo, o Queen sempre baseou sua força na guitarra de May e na pegada de Taylor. Por isso, não foi surpresa a inclusão de "Stone Cold Crazy" em *Garage Inc.*, disco de covers do Metallica de 1998.

Trivial sofisticado

Instrumentos de percussão com formato semelhante ao do teclado, a marimba e o vibrafone de **Guga Stroeter** são quase objetos de arte

Guga e a marimba dos Heartbreakers

O músico e produtor Guga Stroeter é mais conhecido pelo trabalho nos grupos The Heartbreakers e Nouvelle Cousine ou como um dos sócios do Blen Blen (casa noturna paulistana). Mas se ele escolhesse um meio para ser famoso, seria como "tocador" de marimba e vibrafone, instrumentos que estuda desde 1981. "Eles não são fundamentais para a formação de nenhum gênero musical específico, mas seu charme e beleza sempre acrescentam aos arranjos. É o champignon que de vez em quando dá a graça ao arroz e feijão", compara Guga.

Há duas grandes diferenças entre a marimba e o vibrafone. Visualmente: as teclas da primeira são de madeira, enquanto as do segundo são de metal. Musicalmente a diferença é notável. A marimba dá um toque afro-caribenho. Do vibrafone sai um som metálico-cristalino. "É um efeito mais etéreo, quase celestial." Por essa razão, ele é mais utilizado no jazz, aliás, seu grande *exportador* para a música popular. O estudo dos dois instrumentos é praticamente o mesmo, o que muda é a opção de timbre.

Os vibrafones são indispensáveis na música erudita. Foram criados no começo do século 20 para ser presença constante nas orquestras, mas seus ancestrais são bem mais antigos. Da África vem o balafom (ou balafo), fabricado com pedaços irregulares de madeira e cabaças para dar ressonância. Ele é um instrumento "destemperado" – suas notas não são exatamente dó-ré-mi. As marimbas ancestrais também são assim. "Na Guatemala e no México, os herdeiros dos maias ainda hoje tocam marimbas destemperadas", informa Guga.

Tanto a marimba quanto o vibrafone podem produzir melodias, harmonias, ou ambas. As baquetas (especiais para esses instrumentos, têm a ponta arredondada) são usadas aos pares, ou até com três ou quatro unidades. São instrumentos de percussão, mas com notas definidas – exatamente como o piano. "A gente tende a pensar que percussão tem só instrumentos rítmicos, de couro ou com pratos, mas o fato de baquetas serem usadas já os inclui aí."

Apesar de sua natureza acústica, vibrafone e marimba são usados ao vivo com um sistema de amplificação. "Eles são delicados demais para ser microfonados. E no palco podem acabar abafados por outros instrumentos." Também baterista, Guga descobriu a marimba e o vibrafone ainda garoto, ouvindo jazz. "Parece coisa de aristocrata, mas no colegial a gente só escutava isso e MPB", lembra.

Os dois grupos que integra, Nouvelle Cousine e Heartbreakers, surgiram das turmas de adolescência. "Exatamente pelo vibrafone e a marimba não serem muito usados, tive de formar meus próprios grupos", justifica. As abordagens, porém, são bem distintas. O Nouvelle é influenciado pelo jazz da Costa Oeste americana dos anos 50 e pela música erudita. O Heartbreakers, também um grupo de jazz, investe num repertório mais brasileiro e caribenho.

Leticia Caimon

Proteja-se do mundo hostil

A toda hora, em qualquer lugar, o walkman injeta em seu cérebro tudo que você quer ouvir

Ele sacoleja no ônibus com o estudante e o office-boy, bate repetidas vezes na pélvis do executivo que faz jogging, acompanha o skatista em manobras radicais e alivia o tédio de quem trabalha o dia inteiro na frente do computador. O walkman é um dos mais democráticos equipamentos de som e cada vez mais traz novas opções de preços e modelos.

A linha Sport da Sony é o sonho de consumo de muitos adolescentes desde a década de 80. Resistem à água, chuva e suor — mas não convém botá-los para nadar juntinho com você. O modelo SRF-M78 (dez memórias AM/FM) tem preço salgado (209 reais), mas se "encaixa" confortavelmente em seu braço. Quando você estiver no terceiro quilômetro da corrida, vai agradecer à bendita inovação.

O WMFX-465 tem preço ainda mais doloroso (328 reais), mas promete alcançar emissoras do mundo inteiro — e sintonizá-las digitalmente. Além do visor com relógio, seu grande diferencial é pegar o áudio dos canais de TV aberta. Para ouvir a narração do futebol sem aturar reclamações.

Também da Sony, o SRF-M32 (129 reais) conta com o sistema DX, que, mais sensível, capta sinais dentro dos shoppings ou em regiões onde o "shshsh" é constante. Tem também o *key protect*, uma tecla que, quando acionada, trava o funcionamento do aparelho, evitando que as memórias sejam desgravadas, por exemplo.

Da Panasonic, o RQ-V203 possui Dolby B Nr (um sistema de redução de ruídos da própria fita), sintonizador digital com memória para vinte estações (quinze FM e cinco AM), XBS (sistema de reforço de graves) e Hold (trava que evita que qualquer tecla seja modificada). Indica ainda qual a situação da pilha (em três níveis). Tudo isso por 59 reais.

A Casio também tem boas opções. O AS-390R, com o auto-falante embutido, funciona com ou sem o fone de ouvido e tem indicador de bateria (70 reais). O modelo AS-70 – da modesta linha esportiva da marca – tem som estéreo e custa apenas 29 reais, embora não ofereça rádio. O modelo AS-703R conta com auto-reverse, despertador e sintonia digital (109 reais).

Leticia Caimon

Onde encontrar

São Paulo
Import Express — (011) 5181-1222
Casio Shop — (011) 5181-2160
Mirai Panasonic — (011) 5181-5502

Rio de Janeiro
Josias Studio — (021) 259-2519
King Sound — (021) 224-1226

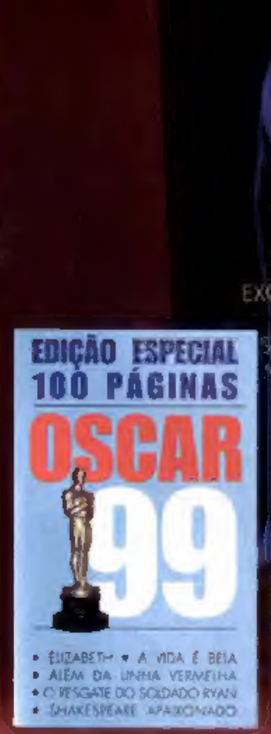
Belo Horizonte
Gifts Place — (031) 415-6255
Objeto Eletro — (031) 415-8751

Curitiba
Lojas Colombo — (041) 322-7875

Brasília
Fugioka — (061) 371-6808

Porto Alegre
Arapuã — (051) 231-8274
Multisom — (051) 231-4770

DEPOIS DE CONQUISTAR TODO MUNDO,
ELES BEM QUE MERECEM UMA ESTÁTUA.



Descubra tudo sobre o Oscar 99.
E torça por Central do Brasil
e Fernanda Montenegro.

3
EDITORA PEIXES

Noturnos de um detento

O caubói fora-da-lei solta a voz cavernosa em dois registros feitos em presídios

Na prisão, Johnny Cash cantou sobre a vida atrás das grades

Ficha técnica

Anos de lançamento: 1968/1969
Produção: Don Law & Frank Jones
Músicas: At Folsom Prison: "Folsom Prison Blues" • "Dark As The Dungeon" "I Still Miss Someone" • "Cocaine Blues" • "25 Minutes To Go" • "Orange Blossom Special" • "The Long Black Veil" • "Send A Picture Of Mother" "The Wall" • "Dirty Old Egg-Sucking Dog" • "Flushed From The Bathroom Of Your Heart" • "Jackson"
At San Quentin: "Give My Love To Rose" • "I Got Stripes" • "Green, Green Grass Of Home" • "Greystone Chapel" "Wanted Man" • "Wreck Of The Old 197" • "I Walk The Line" • "Darlin' Companion" • "Starkville City Jail" • "San Quentin" • "A Boy Named Sue" "(There'll Be) Peace In The Valley" "Folsom Prison Blues #2"

At Folsom Prison e *At San Quentin* foram reunidos em um único CD, na edição americana da Columbia.

At Folsom Prison And San Quentin

Johnny Cash

Não foi apenas o gosto por roupas escuras que fez Johnny Cash ficar conhecido como "o homem de preto". Nascido há 67 anos em Kingsland, nos cafundós do Arkansas, ele paira como uma graúna sobre os contornos da águia americana dentro do gênero mais tradicional dos EUA: a música country. Johnny nunca quis saber de cantar feitos heróicos de pioneiros. A estrada, as mulheres, a bebida, os caubóis errantes e a eterna atitude fora-da-lei sempre foram os temas recorrentes em sua profunda voz de barítono.

Filho de agricultores pobres, ele chegou a passar fome na infância. Estourou em 1956 com "I Walk The Line", e, junto com Elvis Presley, Jerry Lee Lewis e Carl Perkins, foi sócio do chamado "Million Dollar Quartet", que reunia na gravadora Sun os grandes pioneiros do rock'n'roll.

Na década de 60, morando na Califórnia, Johnny viveu anos entre drogas, bebidas, confusões... e prisões. A mais famosa delas aconteceu em 1965: foi pego pela alfândega americana, na fronteira com o México, tentando entrar com mais de mil pílulas de anfetamina no estojo de sua guitarra. A vida bandida seguiu com um acidente de carro, uma overdose quase fatal e o divórcio da primeira mulher.

Depois da mudança para Nashville e do início do relacionamento com a cantora June Carter, com quem se casou no início de 1968, Cash livrou-se das drogas e se converteu ao fundamentalismo cristão. Com experiências reais por trás das grades, nesse mesmo ano ele convenceu a Columbia a gravar um show na Folsom Prison, penitenciária onde esteve detido e que dava nome a um de seus primeiros hits na Sun ("Folsom Prison Blues", com a famosa frase "matei um homem em Reno só para vê-lo morrer"). Johnny desfilou para a platéia canções que retratavam a opressão do sistema carcerário ("The Wall"), as drogas ("Cocaine Blues") e o corredor da morte ("25 Minutes To Go"). O disco vendeu mais de um milhão de cópias, chegando a superar os Beatles na época. Isso motivou a edição de um álbum semelhante em 1969, dessa vez no presídio californiano de San Quentin, revisitando temas carcerários na faixa-título ("San Quentin, odeio cada polegada sua/ Você me cortou e me deixou cheio de cicatrizes/ E vou sair daqui um homem mais sábio e mais fraco"), em "I Got Stripes", em "Wanted Man" (de Bob Dylan), e na engraçada "A Boy Named Sue", sobre um cara que volta para matar o pai que o batizara com nome de mulher. O sucesso foi ainda maior.

Celso Pucci

"Johnny Cash tem a voz e a sabedoria. Estas gravações são patrimônio da cultura americana"
***(Bono, do U2, que gravou com Johnny Cash "The Wanderer", no álbum* Zooropa)**

O Banespa tem uma conta que é a sua cara.

No Banespa, a partir dos 13 anos, você já pode ter conta em banco: é a Conta da Turma. Se você tem 16 anos, o Banespa tem a Conta Independente, tão independente quanto você. Agora, se você é universitário, o Banespa tem a Conta Universidade, que você abre com o comprovante de matrícula. Em todas as contas, você pode usar o telefone - Telebanespa -, a Internet - Netbanking -, o Banco24Horas, Rede Verde-Amarela, agências e postos de Auto-Atendimento em todo o País.
Converse com a gente e descubra por que a nova cara do Banespa tem tudo a ver com a sua.

Abra uma conta que cresce com você.

banespa
Em linha com o futuro.
http://www.banespa.com.br

FREE WAY

BOOTS & SHOES

016 720 0655

www.freeway.ind.br